

NATIONALBIBLIOTHEK  
IN WIEN

156535-A

**NEU-**



Österreichische Nationalbibliothek



+Z256004709

*Baptista lactans* Almeida,

156535 - A



# ECHOS DA ALMA

## POESIAS COLLIGIDAS

PELO

POETA MACAMBUZIO



RIO DE JANEIRO

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO

Rua da Alfandega n. 210.

—  
**1956**



## LEITORES.

---

—Ainda versos?—dizeis e com razão; é o que ha com tanta fartura por ahi, e pois não deve causar pasmo que seja tão depreciado este genero de consumo. Esta cultura dá-se tãobem neste solo abençoado, e as suas arvores estão sempre tão florescidas! Quem reparará portanto no pobre arbusto, que pretende ostentar, vaidoso, as suas flores tão singelas, no meio dessa floresta de arvores truculentas e ramalhudas, ataviadas das mais ricas e formosas flores, cujo brilho vivaz e cores variiegadas nada tem que pedir emprestado ás nuvens e ao arco-iris? Poetas e politicos são de facto as duas familias de plantas indigenas que mais espontaneamente brotam na venturosa terra de Santa Cruz; as arvores destas familias propagam tanto nesta terra, rica de seiva, e pullulam com tão luxuriante grandeza, que para competir com ellas só conheço duas familias de plantas exoticas, cuja germinação no nosso solo é tambem maravilhosa: uma é a das arvores, cuja madeira, compacta como o ouro, é muito apreciada para se fazer — os barões — especie de traste hoje muito em moda nos salões de D. Monarchia Constitucional; a outra é a das arvores de que se extrahе um oleo essencial, não só muito usado nas tinturarias, onde tem frequente emprego para *brunir peças, envernizar calotes, e dourar pilulas*, mas tambem indispensavel como specimen nas panacéas do Dr. Charlatanismo.

Tereis razão portanto, meus leitores, de fechar este livro, mal o tiverdes aberto e visto as suas carreiras, desiguaes á vista, e iguaes ao ouvido. E por fim de contas, verso não é bacalhão nem carne secça, que são os generos que faltam no mercado. Quem quizesse portanto merecer-vos as boas graças, devia fazer com que houvesse abundancia desses generos, de que ha sempre demanda; e isto, confesso-vos com toda a ingenuidade, não está nas mãos deste que tem a honra de fallar-vos, e nem sei nas mãos de quem estará.

Permitti-me comtudo que vos diga : não é só o comer e beber que são necessarios para se viver; não basta ter camisa e calça para não andar nú, e um telheiro ou agua-furtada para se agasalhar da chuva, e dormir de noite; alem das necessidades corporaes, á que estamos sujeitos como seres compostos tambem de barro, e como materia organizada, que carece de outras materias para se as assimilar e viver, temos tambem outras necessidades de diversa natureza, e, o que mais é, de ordem mais elevada. Se o misero africano, o pobre carroceiro e todo aquelle, que vive debaixo da pressão de um trabalho material continuo, não sente a necessidade instante de desenvolver as faculdades da intelligencia, de dar pasto ao espirito, de satisfazer a fome sempre renascente da curiosidade, a mãi das descobertas, a investigadora das sciencias; se, pois, o desenvolvimento das forças intellectuaes não é uma necessidade de primeira ordem para o geral dos homens, que se contenta com saber o que é preciso para o officio, e para ganhar a vida, e, quando muito, o que lhe toca de mais perto, e lhe fere directamente os olhos; se demais á esse desenvolvimento se oppõe essencialmente a preguiça, tendencia natural que temos para nada fazer, para



deixar ir as cousas, e não só a preguiça mas talvez também certa consciencia íntima, certo sentimento vago de que, por mais que saibamos, nunca saberemos nada; assim sendo ha ainda outras necessidades á que ninguem se póde subtrahir, e como já disse, necessidades de natureza mais nobre. São as necessidades moraes.

Imaginemos um homem em estado de satisfazer já não á todas as necessidades materiaes á que está sujeito, mas alem dellas, á caprichos. Imagine-se um Monte-Christo, um Rothschild com todos os meios de comprar tudo quanto lhe aprouver, mas sem nenhum desses laços que nos prendem á tantos entes caros, sem ao menos um amigo; este homem não estará satisfeito; este homem será tão infeliz ou mais do que o lazarento que vê todos lhe fugirem com medo de contaminar-se. Este homem sentirá fome, mas fome de agrados, porque aquelles, que elle póde comprar com o seu ouro, não são agrados; este homem terá sêde, mas de afeições; terá necessidade de agasalho, mas do agasalho de um peito que se lhe abra para receber as suas lagrimas e queixas; carecerá aquecer-se, mas aquecer-se ao calor de olhares que lhe vão aviventar nos seios da alma a flor do amor ou da amizade. Prodigalizando ouro ás mãos cheias, dando lautos banquetes, onde reunisse grande numero de convivas, aduladores, e amigos de occasião, satisfazendo a vaidade de ostentar um luxo e uma riqueza nunca vistas, folgando, delirando nas orgias, este homem ainda soffrerá o tormento de uma necessidade; a necessidade de amar e ser amado. Poderá gozar do prazer delicado de fazer bem, de enxugar as lagrimas da penuria, de vestir o nú e de fartar o esfaimado; mas ainda assim não estará satisfeito; quizera alcançar um sentimento mais terno, mais cheio de confiança e aban-

dono, do que o da simples gratidão. Eis pois o homem que póde tudo ter, pois que tem o *non plus ultra* das ambições de hoje, e o com que tudo se compra, eil-o esbanjando dinheiro aos montes e sem poder comprar o que? uma afeição; eil-o n'uma penuria tão dura de supportar-se como a penuria do corpo! E alem dessa necessidade de ser amado e de amar, desse pão indispensavel da alma, quantas outras de que ninguem póde prescindir, que fazem-nos sentir a dureza das privações justamente como a fome, e a nudez? Quem é que não tem seus sonhos? quem é que não tem construido castellos em Hespanha? Quem é que não tem recordações e saudades, receios desejos, esperanças e temores? Só se for um homem puramente animal; á este concederemos que não sinta necessidades do espirito e do coração; os animaes não tem imaginação.

E o que será a poesia? Não pretendo eu definir-a, que com Stael, creio que é mais facil dizer o que ella não é, do que o que ella é. Mas não será ella a traducção desses variados movimentos da alma, das suas diversas impressões, segundo se acha neste ou naquelle estado, traducção tanto mais bella e agradável, tanto mais arrebatadora e sublime, tanto mais tocante quanto mais fiel? Não será a poesia a expressão mais feliz de tudo quanto póde agitar o seio da alma, tremulo e movel como a superficie da agua? a expressão melodica e harmoniosa das suas oscilações no illimitado campo dos desejos e receios, e a queixa ou o brado o mais vehemente da necessidade que ella tem de satisfazer á certa sede sua, indizivel na linguagem ordinaria? Não se poderá dizer da poesia que ella é a tela, em que o homem desenha não só as sensações que recebe sua alma de toda a natureza, e de todos os seres creados, mas tambem todos os almejos e palpites, esperanças e

medos que ella fórma por si mesma diante desse quadro? Oh! nunca se é mais poeta, na verdade, do que quando se sente uma dessas necessidades indefiníveis, uma sede de ternuras, uma fome de amor, um tiritar de frio na noite da ausencia e da privação, um desejo como o de enfermo ou de encarcerado de respirar ar livre, ar de montanha, de extensos descampados, uma gana e avidez de combater, affrontar as vagas, galgar as serras, ir ás nuvens. Eis porque a poesia por excellencia é a poesia lyrica, a poesia do movimento pessoal, apaixonado, impetuoso ou languido, arrojado ou carinhoso, austero ou risonho, temeroso ou agradável, lugubre ou choroso; é que a sensação individual, momentanea, energica, rapida se transmite como a faisca electrica, abala justamente como o grito de desespero do homem que se vê cercado de labaredas, ou prestes á ser engolido nos fojos do pelago cavado, commove como a supplica do desgraçado que perece á fome, ou da mãe que pede uma manta para cobrir o filhinho entanguido de frio e tão nú. Da mesma maneira que não ha um só homem que não se commova á vista de taes quadros, não ha nenhum que não se abale com a leitura de uma bella poesia. Por não entender a lingua da poesia, ou por não saberem ler-lh'a, é que ha tanto homem que diz que não gosta de poesia. Inda não ha muito tempo ouvi palavras semelhanes da boca de um materialão; abri o lord Byron, e li-lhe alguns versos; o effeito da melodia e harmonia delles desapareciam na traducção; entretanto o homem ficou pensativo; depois que acabei de ler, esteve suspenso um pouco e levantou-se dizendo — o diabo do homem sabia. — E assim como este muitos.

E de facto, quem não é poeta neste mundo? fôra o mesmo que perguntar — quem não sente,

quem não tem coração?—O pobre preto do ganho, ou aquelle que levou todo o dia á suar com o machado na mão, chegando á noite que deleite que tem em rasgar no seu machete, privando-se de dormir para cantar as suas toscas cantigas! O homem o mais materializado do mundo, que não teve outra idéa em sua vida senão ganhar dinheiro, lá chega um dia, uma vez em que fica mais melancolico; houve uma causa qualquer; vê um ente amado ás portas da morte; esse homem materialão, nesse dia, no quarto meio escuro do caro doente, ao pé de uma janella meia cerrada, atravez da qual entra a fusca claridade do crepusculo, reflecte, olhando a noite que se aproxima; pela primeira vez talvez na sua vida considera no nada dos bens do mundo, no transitório da existencia, no inutil de tanto labor, e pela primeira vez é poeta. Só não o é por não ter achado a expressão feliz, a frase modulada e musical que devia traduzir o seu sentimento e a sua idéa; é isso o que lhe falta, e o que o põe distante do verdadeiro poeta, do genio.

« O dom de revelar pela palavra o que sente-se no fundo da alma é muito raro, diz de Stael. Ha entretanto poesia em todos os seres capazes de affeições vivas e profundas; falta a expressão á aquelles que não estão exercitados á achal-a. O poeta, por assim dizer, não faz mais do que desamarrar o sentimento prisioneiro no fundo da alma; o genio poetico é uma disposição interior da mesma natureza que a que torna capaz de um generoso sacrificio; compôr uma bella ode é *re-  
ver* o heroismo. Se o talento não fosse movel inspiraria tão frequentemente as bellas acções como as palavras tocantes; porque ambas partem igualmente da consciencia do bello que se faz sentir em nós mesmos »

E basta só este correctivo de minha bôa mestra ao que expendi antes.

A expressão mais musical e accentuada das impressões íntimas da alma, a frase mais cheia de graça, meio cantada, dos seus diversos movimentos é um dos caracteres essenciaes da linguagem dos deoses chamada poesia. Eis porque tambem ella ama as formas figuradas e transpostas de discurso ; o indifinivel dessas mil impressões e sentimentos não poderia ser nunca expressado rigorosamente por uma frase, e tanto que o mesmo Homem Deos ensinando aos homens os seus divinos preceitos não achou outra forma melhor do que as allegorias ; e quem quizer bem comprehender o livro divino deve lê-lo com sentimento e ingenuidade de coração. A presumptuosa razão lendo esses preceitos, do mesmo modo que quando lê versos, anda ás cabeçadas e esbarrões sem saber caminhar.

A fonte da poesia existe em todos os corações ; o que não quer dizer certamente que todos possam ser um Lamartine ou Chenier ; alem da maior vivacidade, e vehemencia de todos os sentimentos, alem do dom de achar a frase modulada, o accento mais expressivo, para transmittir aos homens o que tem dentro da alma, ha ainda uma faculdade que os distingue e colloca muito superiores aos outros : é o sentimento do bello. Por esse sentimento é que Raphael amava a virtude não por ella ser santa, mas por ser bella. É quanto basta para os que podem comprehender; para os que não o podem seria igualmente inutil encher mais papel.

« O que é verdadeiramente divino no coração do homem não póde ser definido ; se ha palavras para um ou outro caracter, para desenhar um ou outro traço, não nos ha para exprimir o todo, e

sobretudo o mysterio da verdadeira belleza em todos os generos. » diz Stael.

Não tenho dito mais do que aquillo que já tem sido dito milhões de vezes, e de que terá noticia quem tiver dois dedos de leituras. Repeti-o por que no geral parecem ignoral-o, ou estar tão esquecidos; repeti-o ainda como para servir de defesa ao auctor das poesias que agora publico, e que tanto tem soffrido por causa desse nome odioso de—poeta—; repeti-o ainda para que não digam que versejador é poeta.

Não, meus bons leitores, versejador não é poeta; são dois entes estes muito dessimilhantes, e até contrarios, e é por os terdes confundido que dizeis não gostar de poesia. Expressões bonitinhas ou palavrões estrondosos dispostos cadentemente, collocados com harmonia, de maneira que firm agradavelmente o ouvido não é o que constitue a poesia; fica-lhe faltando o essencial, o pensamento, ou quando menos o sentimento, pois que genero de poesia existe, em que sem haver nada de notavel no pensamento, percebe-se lá não sei o que na frase, em um certo torneio della, e mesmo ás vezes só no feliz emprego d'uma palavra, que nos revela, por assim dizer, um sentimento impalpavel, um estremecer da alma que por outra qualquer forma seria indizivel. (É se a poesia grande de pensamento tudo perde na traducção, e uma poesia traduzida não é nem sombra do original o que então será esta que consiste no modular da frase?) E esta, que por estar inteiramente na palavra, parece que devia ser facilmente apanhada pelo versejador não no é, porque para apanhal-a é preciso sentir muito, e muito delicadamente; é como o accento e a expressão carinhosa de labios maternas que uma fingida quereria imitar e achar, mas nunca o consegueria. A expressão tão natural e simples

o versejador sobrecarregaria de epithetos, eahi se veria claramente a mentira.

Sim, podeis fazer versos á granel, ó homens que não sentis ; vós, ó versejadores, que quando muito bem o quereis, chamais o estro e elle vos obdece como um pagem ou um cão ao vosso as-sovio ; que dizeis— hei de ir por esta estrada— e ides; que á vontade estremeceis, mudaes de côr e choraes ; podeis encher resmas de papel com vossos versos alti-sonantes ; mas se nunca estremecestes involuntariamente, se nunca a inspira-ção vos agarrou contra a vontade, inopportuna-mente, á toda a hora, na solidão ou no motim das festas, no sombrio da matta ou no tumulto das praças, justamente no instante em que me-nos a esperaveis, se á vossos ouvidos jamais ou-vistes murmurar uma voz não esperada, adeos, dizei adeos ; serão os vossos versos lidos por contentancia e com isso contentai-vos. A inspi-ração quer vir espontaneamente e não por fazer a vontade á ninguem ; e assim como ninguem pode prever a hora em que chorará, e não pode dizer— *quero ter saudades*—, o estro tambem não nos avisa quando quer nos visitar, e o que é mais, foge-nos quando o procuramos. Dizia o João Grande á minha mãe ao pé da cama de meu mano quasi á morte :—Ora, primo Manoel está tão mal e não sei pelo que é, quero chorar e não posso— Assim, perdoai-me que vol-o diga, sois vós, os poetas, que vos inflammaes á vontade.

Costuma-se dizer vulgarmente d'uma cousa impossivel, d'um projecto inexequivel, de uma cousa enfim menos conforme com a realidade —é poesia— Exageração, impossivel, disparate, loucura e mentira é poesia. Entretanto tudo isto são qualidades que se negam na verdadeira poesia. O chamado delirio poetico, o fogo do en-thusiasmo, o arrebatamento da paixão não po-

dem de maneira alguma !ser chamados loucura ; esta disparata e excita ou a compaixão ou o riso ; o delirio poetico commove, perturba, persuade, arrasta ; apezar do seu arrebatamento impetuoso tem a sua razão, e é consequente consigo mesmo ; é como a paixão, impetuoso, vehemente, mas não é mentiroso ; em qualquer arte poetica a exaggeração e a mentira são apontadas como defeito na poesia. A poesia tem verdade e é verdade ; por usar d'expressões figuradas e tropologicas não é que deixa de ser expressão de verdades, talvez tão justamente como uma equação o é de um theorema ; e tanto que mesmo na linguagem familiar á toda hora se vê o uso das figuras e significações transpostas ; e afirmamos mesmo que mentiria antes quem no assomo da paixão quizesse se exprimir segundo o rigor dos termos, do que quem empregasse a energica transposição. Quando se diz—a dôr nos ferra as garras no coração, e nos destilla delle o sangue em lagrimas—certamente, se agarrar-se á significação litteral das palavras, é mentira tudo ; debaixo da fórma em que está, posta esta mesma frase na boca de um homem desesperado seria uma fria exaggeração ; e entretanto ninguem ha que não veja que ella é energica e verdadeira, e em que caso teria lugar. Se a poesia á final é mentira e disparate, não haveria maior mentiroso e maluco do que Napoleão, por exemplo, quando disse nas margens do Nilo—Soldados, lembrai-vos de que quarenta seculos nos contemplam do alto d'aquellas pyramides.—

A mentira é tão intoleravel em poesia, como em qualquer outra cousa, viagem ou historia, sciencia ou trafico da vida. E é por suppôr que tem licença de mentir que os versejadores vão fallando á torto e á direito, compromettendo a divina poesia, cujo nome roubam e deshonram.



È assim que se mente fazendo fallar um pobre tropeiro de Minas como um Corydon ou Mopso, ou pelo menos como um litterato do Rio de Janeiro ; é assim que se mente fazendo fallar o Tupi grosseirão e simplorio como nm cavalleiro andante da media idade, ou como um lidador luzitano, que tem presumpção de possuir uma boa espada. Porque isto ? porque leram bucolicas de Virgilio e Theocrito, e quizeram que o pobre do tropeiro tambem as tivesse lido ; porque acostumados á ouvir as lendas dos cavalleiros portuguezes, entenderam que Tupi era tambem lidador que combatia mouros. E note-se que a mentira não é só nos pensamentos, nem só no todo do fraseado ; mente-se até na palavra, e se diz por exemplo—bardos do oriente, vias electricas, canto suave e melancolico da araponga, e sabiá que canta nas palmeiras.—

È dura a necessidade de estar-se repetindo cousas tão sabidas ! Mas o que hei de fazer se parecem não sabel-o ?

Dizem outros com desdem que é occupação frivola o fazer versos, e que não vale a pena, e nem é proprio de gente seria ; será, sobretudo se dá-se á isso como meio de vida. Emfim gostar de lér verdadeiras poesias, de conversar com os genios, concedo ainda que seja ociosidade e o que quizerem ; concedo tudo. O que não posso conceder de maneira alguma é que seja crime deleitar-se em lér a Biblia e Homero, em preferir-se a conversação de Byron e Lamartine á essas conversações de bailes e vãs tagarellices de moças, sobretudo quando fazendo isso, um homem não deixa de cumprir as obrigações do estado que occupa. È frivola a occupação de lér poetas e fazer versos ; pois bem, mas é uma occupação innocente, e que não offende em cousa alguma á ninguém ; mesmo que perca nisso algum tempo, o

prejuizo é só de quem assim faz, e ninguem tem o direito de condemnar is3o como uma grande falta. Ora, occupações frivolas! quantas não ha abi ainda mais frivolas, e demais perniciosas e até criminosas? Esses materialões positivistas, que chamam de louco, frivolo ao pobre poeta, divertem-se noites inteiras em estar andando de lá para cá n'um salão arrastando o pé, ou então em estar esbanjando loucamente nos azares de um baralho um dinheiro que negam sem piedade á penuria e á enfermidade. O gastar as horas vagas fazendo versos é mais facil de admitir-se do que tagarellando sobre a vida alheia, jogando, bebendo ou dançando.

Era um crime no auctor destas poesias o que para tanto versejador é um meio de vida. Nunca se lhe tinha visto um verso que elle fizesse e nem por isso deixava elle de ser accusado de ser poeta.

« Entretanto, tem-me elle dito por vezes, eu os fazia de facto, obrigado, arrastado por um não sei que de irresistivel, por uma necessidade immensa de expansão. Fazia-os e queimava-os depois por não se parecerem em nada com os versos que via todos os dias. Tentei fazer quadras, glozar motes, compôr odes e sonetos para dias de gala, nenias para mortos, nunca pude; e era accusado de ser poeta. »

« Isto são apenas echos muito apagados do que me andava cá por dentro, me disse elle depois que se resolveu á publicar estes versos. São trechos que escrevia ás carreiras pouco antes da vela se acabar, ou aproveitando depressa alguns minutos opportunos que me sobravam de occupações mais serias; são notas destacadas e sem mais ligação entre si do que a de duas sensações, uma de hontem outra de hoje. São algumas das que comecei á guardar

na gaveta para não queimal-as como sempre. Às vezes me succedia ter um pensamento susceptível de mais desenvolvimento, não me chegava o tempo para traduzil-o todo, e quando depois queria voltar á elle estava frio, nada podia fazer. »

Actualmente que poderia talvez escrever mais continuamente, disse-me elle que não escreve, porque sente-se desacoroçoado, como que atacado d'uma apathia e inercia de espirito, que não lhe dá vontade de nada ; até já não se faz sentir imperiosamente a necessidade de expandir o que sente, de vasar o pensamento n'uma forma qualquer.—E para amontoar papel rabiscado na gaveta, á fallar a verdade não vale muito a pena fazer esforço—respondeu-me elle quando lhe perguntei porque não continuava um poema, cujo começo me lera. Além disso patentea-se no que elle escreve ultimamente uma especie de medo que faz com que já a frase não tenha a sua primitiva ingenuidade, a graça e naturalidade do sentimento, e um certo abandono e desalinho que havia no seu mesmo arrojio.

Gosto muito de repetir estas palavras de Stael : « Certo gráo de emoção póde animar o talento ; mas a pena pesada e longa soffoca o genio da expressão, e quando o soffrimento se torna um estado habitual da alma, a imaginação perde até a necessidade de pintar o que sente. Os sentimentos pessoases são muito dolorosos para que possam ser desenvolvidos. »

É o pouco que me é dado dizer sobre as poesias que aquí colligi ; tinha muito que dizer de meu proprio cabedal, mas não posso estender-me e julguei melhor autorisar-me com as idéas de uma escriptora conhecida.

Vou ainda citar algumas palavras de Stael para defender estas poesias de um defeito que se lhe

podia censurar. « A poesia melancolica não pode variar sem cessar. O estremecimento que produzem em todo o nosso ser certas bellezas da natureza é uma sensação sempre a mesma ; a emoção que nos causam os versos que pintam esta sensação tem muita analogia com o effeito da harmonica. A alma docemente abalada se deleita com a prolongação desse estado por tanto tempo quanto lhe é possível supportal-a. Não é defeito da poesia, mas fraqueza dos nossos órgãos o que nos faz sentir fadiga no fim de algum tempo; o que se sente então não é o fastio da monotonia, é o cansaço que causaria o prazer mui continuo de uma musica aerea. »

Muitas idéas desejava eu desenvolver não só communicadas pelo auctor dos Echos, mas tambem meditadas por mim e confirmadas pela leitura de bons auctores. Não me é porém possível, obrigado á estreitar-me em limites determinados.

Farei não obstante uma observação. Não posso entender no que fazem consistir a poesia certas pessoas que por verem por exemplo uma moça no desalinho da manhã, logo que se levanta da cama, acham que ella perdeu toda a poesia; que não querem vêr a adorada dos seus olhos comer, por ser isto a cousa a mais prosaica do mundo, que querem emfim obrigar ás pobres moças á viverem de ar, para satisfazerem ao platonismo do seu amor; amor platonico! quem me falla de amor platonico! entes que dedicando o mais puro dos cultos á deusa do seu coração, vão talvez por isso mesmo saciar n'outra parte os instinctos brutaes da carne, sem se lembrar que as miseras são tambem feitas de carne e que se fizessem o mesmo . . . . .

Para estes o casamento despoetisa, a doença do mesmo modo, o ter de ficar em casa n'um dia de

chuva, o brincar com crianças, e muitas outras cousas. Escrevendo ou fallando no amor maternal estes evitam com todo o cuidado o fallar nas rugas que sulcam a face d'aquella á quem devem o ser, como se fosse isso uma affronta. São tão desgraçados estes miseros que por qualquer coisa se despoetizam e cahem na mais rasteira e miseravel prosa, que até tem odio do seu anginho quando se lembram que está sujeito á mil necessidades tristes, como se não soubessem disso á muito e como se isso desmerecesse o que ha de verdadeiramente bello e poetico não só na moça como em todas as obras da natureza. Um desses desgraçados achando muito poetico um passeio de tarde pela nossa formosa bahia em uma luzida companhia de moças, evital-o-hia talvez para não despoetisar-se com a vista dos africanos nus da cintura para cima, e suando no duro remar.

Queria me explicar melhor, mas não posso que nem mesmo entendo esta gente, e não sei dizer o que tanto os despoetisa, porque basta qualquer cousa. É uma poesia tão etherea, tão subtil que qualquer sopro desfaz. Não sei onde elles tem a sua poesia, que basta o dia ficar um pouco carancudo e ameaçar chuva para ella se ir embora.

O auctor dos Échos parece-me não ser assim, e ao contrario parece saber achar poesia na cousa a mais prosaica do mundo por exemplo até no vêr as moças comer. Elle mesmo contou-me que achou sublime uma que, aparentemente fria, fazia um esforço gigante sobre si mesma, e convidava as irmãs á comerem apezar das lagrimas involuntarias que lhes escapavam, e porque? porque era necessario criar forças para velar á cabeceira de sua mãe enferma! porque convinha que não adoecessem sobretudo em occasião em que eram tão necessarias!

De facto é sublime um esforço desta natureza,

senão por outras razões pelo facto de ser um sacrificio, e de no entanto nas apparencias ser uma miseria.

A poesia não está tanto nas cousas, nem nisso que ahí está exterior ; está sim na maneira por que essas cousas nos impressionam. Esses que por qualquer nonada se despoetizam é porque não tem mesmo poesia. Para estes adoradores da forma e das apparencias logo que a rosa murcha, lá foi-se a poesia e o encantamento ; logo que a triste Venus emmagreceu, e a doença lhe destruiu o mimoso das côres e o torneado das fórmas lá foi-se a deusa da belleza. Confundem belleza e boniteza, ou antes não tem o sentimento da primeira, e verdadeiros adoradores da materia só sabem sentir a macieza-avelludada da segunda, e a sua formosura de côres.

Esperdicei bem cera com defunto que a não merecia ; mas vá feito.

A proposito do estylo dessas poesias não posso deixar de dizer duas palavras sobre a lingua em que escrevemos.

« Em qualquer genero que seja todas as palavras que serviram para frias exagerações são por espaço de muito tempo *frappées* de aridez ; e lingua existe que pode até perder inteiramente o poder de commover. »

Depois destas palavras diz ainda a mesma Stael que gosto de citar : « As gradações do pensamento, as nuances do sentimento precisam ser profundadas pela meditação ; e estas palavras agradaveis que se offerecem em multidão para fazer versos, são como uma côrte de lisongeiros que dispensam, e muitas vezes impedem de procurar um bom amigo. »

Eis aqui pois difficuldades reconhecidas por esse celebre critico, e que de facto parecem ter muito empecido o caminho do auctor dos Echos ;

porque se lhe fosse dado escrever justamente como o queria elle, de certo nunca seria lido, nem attendido, não podendo fazer acceitar o seu estylo mais que original. E querendo escrever como geralmente se escreve não soube como se haver nessa anarchia, em que não se sabe mais o que é lingua portugueza.

Esta difficuldade de escrever em portuguez é maior do que se cuida, e do que parece á primeira vista, porque nem dictionario temos; e não será por certo uma heresia, se dissermos que não temos lingua. Digam-o por nós todos os homens dados á estudos, e que tem procurado aprender as sciencias. Queira alguém reproduzir em portuguez o que aprendeu n'outra lingua por falta de livros escriptos na sua, ou terá, para bem o dizer, de crear a lingua, ou nada dirá. A lingua portugueza tem-se conservado estacionaria e como que é parte no meio de grande movimento deste seculo, estranha ao progresso de todos os ramos de conhecimentos que tem modificado gradativamente todas as linguas cultas, e que do mesmo modo devia tel-a modificado.

Muita gente cuida que, para conservar-se uma lingua castiça, deve-se evitar toda a especie de innovação, e por isso enchem a boca com o—portuguez castiço, lingua riquissima e muito poetica— e não sei que mais. Isto tem seus limites, e não é tanto assim como se suppõe. Uma lingua tem o seu character proprio, que não é dado á ninguém alteral-o. Mas é tambem fóra de duvida que ella tem de soffrer, rigorosamente, modificações necessarias do tempo e das coisas; prohibir-lhe innovações e acquisições é condemnal-a á morte. É este um facto constante que se tem observado em todas as linguas, e para prova basta vêr-se só o portuguez. Quem desconhecerá as differenças entre o portuguez de Sá de Miranda, e o portu-

guez de Camões, e o portuguez de nossos dias, apesar de tão pouco ter este acompanhado o progresso do seculo ?

Se o portuguez, em Portugal, acompanhando o progresso da civilização, devia ter soffrido a sua necessaria influencia, para satisfazer aos fins de uma lingua, com quanto mais razão não se devia ter modificado no Brasil, sujeito á um maior numero de causas modificadoras ?

O simples facto de sua transplantação para um paiz inteiramente diverso, para debaixo de um outro céu, era bastante para lhe alterar a indole. Que diremos se nos lembrarmos ainda da irremediavel admissão de expressões das linguas indigenas ? Tenho visto muita gente criticar a admissão desses termos ; e no entanto é ella necessaria, e tinha de ser feita por força. Se esta admissão não fosse permittida não o teria sido da mesma maneira uma infinidade de termos da lingua arabica, das linguas dos povos da India, e da Africa que com grande abundancia estão introduzidos na nossa lingua

A tão gabada riqueza da lingua portugueza não existe portanto ; porque se uma lingua tem termos para exprimir muitas nuances de idéas, muitas gradações de qualidades e propriedades das cousas, ella comtudo não póde se chamar rica se não tem nomes para muitas outras cousas.

Eu disse que lingua portugueza não ha ; não é muito exacta a expressão. Não póde deixar de existir uma lingua que fallamos ; ella existe do facto no povo e na massa dos homens que tem conhecimentos ; não existe em livros ; é necessario que se a escreva, que se a compendie, que se façam dictionarios. Pois que, do modo porque está, é uma verdadeira anarchia e confusão, não corresponde de modo algum as necessidades das novas idéas e estaremos brevemente em estado



de nem nos entendermos. Fallando sobre a mesma sciencia, e de mais á mais combinando-se á ponto de exprimirem as cousas pelas mesmas palavras dous homens ainda deixarão de se entender sobre a pronunciação.

Eis aqui pois a grande difficuldade que encontra quem escreve em portuguez. Se escreve em sciencia, e ainda mais, em technologia, não ha livros nem-uns absolutamente; elle carece tomar sobre si o trabalho de inventar termos, de traduzir á força de outras linguas, de finalmente crear a lingua.

Se é litteratura e poesia, é o que ahi estamos vendo. Uns escrevem em linguagem afrancesada até no torneio da frase, e insupportavel como a mais aborrecida das cousas. Outros teimando n'um estylo rançoso dos seculos passados, empregando expressões obsoletas e ignoradas da massa do povo, e frases com uns torneios tão difficeis de decifrar como uma charada escrevem o que ha de mais enfesado.

Como se haver por tanto o escriptor? se escreve na primeira linguagem, por maior que seja o merito do pensamento, será lido e applaudido talvez dous dias pelo vulgacho, e ahi fica, que lhe falta a condição essencial de duração, segundo Buffon, o estylo. Se na segunda é só para ser lido por um ou outro versado na lingua, e no mais contentar-se com ficar nas estantes da bibliotheca.

Dizia-se que a lingua franceza tinha chegado á sua perfeição no seculo do grande rei; a esperanza que restava aos escriptores vindouros era aproximar-se o mais possivel dos Racine e mais escriptores dessa época; apezar disso a lingua foi-se modificando já desde J. J. Rousseau, e hoje parece ella inteiramente outra, sem nada ter perdido, antes tendo ganho. J. B. Rousseau traduzio os psalmos e imitou-os; veio Lamartine, e ali-

mentado dos mesmos succos do livro sagrado, produzio as Harmonias, que ninguem dirá que se parecem com as odes de Rousseau.

Que Herculano, Garrett, Castilho se esmerem mais que ninguem em conservar a lingua portugueza em suas antigas formas puras e castiças, comprehende-se. O Portugal actual é demasiado miseravel para que não haja genio e grandeza em celebrar o passado e querer revivel-o. Não podem mesmo os seus litteratos escrever d'outra sorte, pois o presente não tem valor algum, senão pela sombra que sobre elle projecta o passado. Demais as suas obras poeticas são sempre celebrando façanhas desses tempos heroicos, e a lingua que elles procuram, condiz justamente com o caracter da época e do povo que querem representar. Eurico e os dous Camões são de facto obras acabadas, e no entanto, confessemos, ha bem poucos leitores que as gostem de lêr na nossa terra, e que estejam no caso de apreciar todas as suas bellezas. Aqui se prefere as insipidas e torpes traducções dos romancistas francezes ! porque ? porque ao menos as idéas são mais conformes com as de nossa sociedade, época e costumes. Tudo aqui é francez, desde o livro em que se aprende até a casaca que manda fazer o moço e o collete que cinge a cintura de sua bella. O Rio de Janeiro é uma caricatura de Pariz; em miniatura, notem mais.

O que convinha imitar, copiar, apropriar á nossa indole, nacionalisar, não só da França mas de todos os paizes civilisados, não se procura adquirir. Gostamos de macaquear mesquinamente.

E por unica prova do que dizemos veja-se os livros que vemos por ahi ? Uns são reflexos do portuguez castiço, imitação de Castilhos, Herculanos, Garrett, Lemos, Leal, echos de echos de Camões; outros echos de echos de francezes.

Debaixo de outro ponto de vista, ainda, o que póde ser a poesia no estado actual nesta terra? Somos nação nova, não temos epochas notaveis em nossa vida politica, factos memoraveis que excitam e desenvolvem o patriotismo; ha falta de communições entre as nossas provincias; não ha finalmente espirito publico. Falta pois o assumpto e o excitante no genero dos Lusiadas, e em toda a especie de cantos patrioticos; não havendo grandeza, nem o que seja digno de celebrar-se, não póde haver enthusiasmo e por isso esse estro patriotico é um fingimento, uma fria exaggeração, um amontoar vão de palavrões sonoros. Podia haver mais verdade nas poesias patrioticas no ponto de vista de aspirações para o futuro, pois como paiz novo, a fé e a esperança seriam duas ricas fontes de inspirações; é o porvir que é nosso, pois o passado é nullo; as recordações dos tempos coloniaes, das guerras com indigenas, hollandezes, e francezes, daria talvez lugar á alguma cousa como—lendas e narrativas.—Para se vêr aqui cantos como os Ossianicos, duvidamos muito que na terra da preguiça possa haver um Macpherson, trabalhador e estudioso, e alem disso com a faisca do genio, que se animasse á excavar no passado, á estudar o caracter dos povos indigenas, á reunir, compilar e emfim construir um edificio como o livro de Ossian; e ainda mesmo que houvesse esse Macpherson, duvidamos ainda que nada fizesse, havendo muito pouca poesia nas grosseiras e estupidas tribus que habitavam nestas mattas. Como o diz alguém, é preciso sempre um começo de civilisação para haver poesia; e Tupis não eram Azteques; uma raça qualquer em estado de completa barbaria, não soffre outras necessidades alem das phisicas, e não póde dar assumpto á poesia.

Podia haver uma poesia nacional ; as canções Brasileiras, o espelho dos costumes, idéas e crenças de nossos incultos e simples patricios, com lendas e narrativas dos tempos passados, propriamente—canções populares— ; esta porém tem sido por ora impossivel aos nossos litteratos unicamente instruidos das cousas da Europa ; acompanha-se entre nós com muito mais interesse as peripecias da luta dos alliados com os Russos, do que nunca se acompanhou o que se dava nas guerras do Rio Grande. Se perguntar-se onde é o Rio das Mortes e porque tem esse nome, poucos responderão, ao passo que sabem bem onde é o Sena, e mil cousas da grande cidade que está á sua margem.

Obras no genero do Jocelyn, da Nova Heloisa, que considera mais o homem em si, do que o filho de tal paiz, eis o que mais podia produzir a nossa litteratura, se não houvesse quasi que absoluta falta de instrucção, e se não fosse sobretudo a difficuldade de carecer criar a lingua, de cunhar por assim dizer, um novo cabedal de palavras e frases que as ha tão bellas e tão poeticas, mas que ainda não estão autorisadas por bons escriptos, que ainda não estão sancionadas pelo cunho do genio. A falta de instrucção e quem sabe se a falta de incentivo ! eis o tudo ! Quem é que de boa fé persiste em trabalhar onde não vê que o trabalho produza effeitos, e seja, ao menos visto !

Concluo, e se poder algum dia talvez desenvolva melhor o meu pensamento :

A lingua portugueza como a querem alguns, castiça, e genuina, está cançada, não preenche o seu fim, não corresponde ás necessidades das novas idéas, e é debalde haver o maior merito em obras que se espelhem por Filinto e Bocage ; o seu destino será o ser archivadas. Dizer que é estúpido escrever nessa lingua afrancesada, im-

munda que por ahí ha, é superfluo. Resta o terceiro caminho, escrever como entender, mas depois de ter estudado muito, e depois de ter apurado o gosto o mais que for possível.

O meu fim escrevendo estas considerações era procurar desculpar a negligencia e mil outros defeitos dos Echos ; creio porém que não fiz mais do que comprometter o seu auctor ; felizmente elle reconhece-o, e por sua propria bôca disse— nisto não ha estylo, é um mistiforio, uma mistura de grelos. Se eu podesse escrever, como quero, não seria assim assim.—

Dezembro de 1855.

O POETA MACAMBUZIO.



*Ilm. Sr. Dr. José Caetano de Almeida.*

*Dedicando-lhe este volume de poesias, não faço mais do que cumprir o meu dever. Alem de sahir elle á luz do dia por sua protecção, é ainda á sua pessoa á quem estou obrigado por uma infinidade de favores, feitos aos entes que me são mais caros neste mundo. Demais, offertando-lhe estes meus pensamentos, posso considerar reunidos na sua pessoa e representados por ella os seus irmãos, á quem igualmente eu e meus pais e todos os que me tocam de mais perto somos tão obrigados.*

*Alem de me ser agradavel dar um testemunho publico da minha gratidão, tenho ainda o prazer de reconhecer que me dirijo á uma pessoa, cuja alma sensivel e intelligente ha de comprehender o sentimento que dictou estes versos e ha de palpitar como a alma daquelle que os escreveu.*

*Em seu coração tambem ha feridas bem graves, e talvez mais profundas! Como dizem os poetas, o tufão do infortunio tambem lhe arrancou flores da alma, e quebrou-lhe as suas fibras as mais sensiveis! Irmão, mãe, mulher e filha! que nomes apagados do livro da vida! que cordas da alma espedaçadas tão cruelmente! e, alem destas, outras. A' quem pois melhor podia dedicar estes meos lamentos senão á sua pessoa? Para o homem feliz ou para aquelle cuja sensibilidade é embotada, elles não teriam significação.*

O AUCTOR. .





# ECHOS DA ALMA.



## **ENVOI.**

Tristes echos de minh'alma,  
Espraiai-vos, ide embóra,  
Expirar ide lá fóra  
No barulho desse mundo,  
Tenebroso mar sem fundo,  
Qu'o queixume de quem chora  
Como que mata e devóra  
Com sua vaga sonóra  
Com seu rouco escarcéo !

Ide lá morrer, perder-vos  
Como o som de violão  
N'alegria e confusão  
D'alarido festival,  
No ruído d'instrumental  
Qu'atrôa todo o salão;  
Como a saudosa canção  
Do sabiá no folgazão  
Garalhar das capoeiras.

Espraiai-vos pelos ares  
Fenecendo, fenecendo....  
No entanto sempre mantendo  
Vosso timbre lamentoso,  
E o que tinha de mavioso  
A voz d'alma que gemendo

E do seu seio espremendo  
Lagrimas, ia dizendo  
O que ingenua sentia.

Ide, sim, meus tristes versos,  
Echos fracos e apagados  
Dos suspiros exalados  
Por uma alma que chorava,  
Ou que sósinha scismava  
Olhando os morros toldados  
Pelos nevoeiros cerrados,  
E os céos purpureados  
Pela auróra chammejante.

Como os circulos que fórma  
N'agua a pedra que cahio,  
E a superficie della franzio,  
Crescem, crescem, e vão indo  
Até irem-se extinguindo,  
Té qu'o espelho do rio  
Pouco á pouco se polio,  
E novamente dormio  
A somnolenta corrente;

Voai, ide! alguns momentos  
Pelo menos murmurai,  
Da indiferença agitai  
Um pouco o seio profundo, ¶  
E depois no negro fundo  
Perecei-vos, expirai,  
Como do agonisante o ai  
Que no vão do ar se esvae,  
E perece em um instante.

Algum peito encontrareis  
Talvez onde indo bater,  
Uma fibra ireis tanger  
Que accorde rearmure,  
E o triste echo inda perdure  
D'outra alma no estremecer,  
E sirva, antes de morrer,  
Para a dôr espairecer  
D'um coração anciado.

Póde ser que vos bem-diga  
Alguma alma que padece,  
Que d'uma frase carece  
Para a dôr desabafar;  
Ness'alma ide resoar,  
Ness'alma, que bem conhece  
Meu coração, desfallece,  
Verso meu, e adormece  
Bem como em seio de irmão.

---

Là fut son berceau! là sa tombe!

V. Hugo.

Dorme em paz, meu coração!  
Como em seu gélido leito  
Está o frio cadaver,  
Em paz dorme no meu peito.

3

Como esse corpo gelado  
Na terrea cama captivo,  
Á pouco era palpitante  
Á pouco era um ente vivo,

Cuja mão buscava, anciosa,  
Outra mão para apertar,  
Cujo olhar em outros olhos  
Alento vinha buscar,

Cujo labio suspirava,  
Supplicando uma esperança  
N'outro labio, como brisa  
Lisongeira de bonança;

Como elle era palpitante,  
E de medo estremezia  
Ao sentir tocar-lhe o peito  
Da feia morte a mão fria,

Tal eras, meu coração;  
E tal és nú esqueleto;  
Em tua cama gelada  
Dorme pois, dorme quieto.

Geme o vento, que t'importa?  
Não tens fibra qu'estremeça,  
Não tens carnes que se dóem  
Quando o espinho as atravessa.

Brilha a flor, além dançando  
Com o zephiro qu'a beija;  
Que t'importa? frio o sangue  
Nas veias não te chammeja.

Dorme em paz meu coração!  
Roçou-te o sopro da morte,  
Crestou-te as flores da vida  
Da geada o frio forte.

Dorme pois, descança em paz,  
Gema embóra a viração  
Do cemiterio nas arvores !...  
Dorme tu, meu coração.

---

### **CHORAR , ESPERAR:**

Choremos, sim, choremos, minha amiga;  
Viver não é chorar ?

Qual, desde que te vi, horas e dias,  
Depois mezes e annos  
Uns'poz outros cahindo foram sempre,  
Sem nos deixar mais nada do qu'ó agro  
De desejos gorados;  
Assim do berço á cova  
Todos os nossos dias vão contando-se.

Assim como jámais unir os labios  
Das delicias na taça nos foi dado,  
E sedentos os vemos  
Em desejos debalde se queimarem,  
E, procurando o instante venturoso,

Fugir o vemos sempre,  
Como ao menino a leve borboleta  
Qu' elle tenta apanhar e nunca póde;  
Assim olhando o céu que lá se encosta  
Na parda serraia,  
Na manhã da existencia, ainda ingenuos,  
E julgando co'a mão tocar podermos  
O azul de sua abobada, marchamos;  
E quanto mais marchamos, mais deserto  
Vamos achando tudo,  
Vendo o céu sempre longe,  
E sempre nos fechando no seu centro !

Choremos, sim, choremos ! Algum dia  
Das lagrimas a fonte ha-de seccar-se,  
Se não mente essa voz que nos murmura  
Dentro do coração,  
E que nos diz palavras de consolo  
Quando a fronte quebramos sobre a fragea  
Dos mallogos da vida !  
Essa voz bem me diz : « Espera, espera,  
« Lá tu a possuirás ! »  
E olhando para o azul todo estrellado,  
Sinto ser menos agras estas lagrimas.  
Assim, do longo mar na calmaria,  
Nem bem o navegante avista ao longe,  
Nas brumas do horizonte, o verde morro,  
Chora, mas de alegria, esperançado  
De chegar logo ao porto.

Outubro de 1855.

---



## **A ELLA.**

É tão tarde, meu bem, estou cansado  
De meditar sobre este livro aberto.  
Os meus olhos de balde as linhas seguem !....  
Apoz elle não vai o pensamento  
    Rebelde e distraído ;  
E se me perguntares onde elle anda,  
    Não te responderei,  
E só te pedirei qu'a mão me ponhas  
    Aqui no coração.

Ah ! se visses que noite ! estás dormindo  
A esta hora ; não vês a lua branca  
Prateando a cidade, as nuvens pardas  
No ar se embalçando.... oh ! brevemente  
    Hei de poder mostrar-te  
Os luares assim ; se estiveres  
    Dormindo, nos teus labios  
Com doçura encostando os meus, ó vida,  
    Far-te-hei despertar.

Cobrir-te-hei os cabellos com o chale  
Para te resguardar do frio orvalho ;  
E depois ? olharemos lá o céu,  
As estrellas, os morros. Oh ! que frauta  
    Tão doce estou ouvindo !...  
Nos sonhos de minh'alma é assim doce  
    Que te oiço a tua voz

Me fallando ternuras, repetindo  
Uns descantes do céo.

Tu te ris, e já dizes qu' exagero ?  
Pois seja como queres ; não te gabo  
A voz que vibra o ar ; é a voz d'alma,  
Essa voz interior em cujo accento  
Se crêra a voz d'um anjo ;  
Voz muda, que te falla nesses olhos,  
Que conheço tão bem, e que echôa  
No teu mavioso timbre,  
Quando t'escapa um ai, que o seio enchia-te ;  
Voz que tem não sei que do som da fruta.  
Cheio sim, mas tão doce !

Novembro de 1855.

---

**FOGO.**

Homem, queres brincar com esse fogo ?  
Chamas a inspiração ?  
Ah ! criança, não sabes o qu' invocas :  
Jámais viste pairando sobre as nuvens  
A deosa, de seus olhos fuzilando  
A faisca sagrada !  
Ao rodar de seu carro scintillante  
Jámais cahiste em terra, fulminado

Como sobre o Sinai  
Esse, que do Senhor  
Era digno de ouvir a voz sagrada  
Dentre a ardente moita.

Não invoques o raio, desgraçado !  
    Bem como Phaetonte,  
Não vás intrometter as debeis mãos  
A governar do sol o carro de ouro ;  
    São immensas os paramos ;  
Pelo espaço infinito, os olhos myopes  
    Não divisando termo,  
    Não vendo uma vereda  
Endoidecêram pasmos, indecisos;  
Sem tino as redeas bambas, ai ! soltáras,  
    E voando os corceis  
No pó precipitaram-te do nada.

Queres que te rutille dentro d'alma  
    A faisca sagrada !  
Queres ouvir a voz atroadora  
Da deosa, que ribomba no trovão !  
    Sabes se terás força  
De supportar o estouro retumbante ?

Quando o genio, atrevido, os amplos braços  
Abre para abarcar o universo,  
E com a mão n'um polo, a outra estende  
    Além ao pólo opposto,  
    Vê-o, ei-lo, quedo, extatico !  
Como o Alcides da fabula, firmando  
O pé no chão da morte movediço,

Incolume, seguro sobre o abysmo  
Que traga á quantos passam !  
Goteja-lhe o suor da fronte pallida,  
Na palpebra cavada,  
Negra bem como o pégo, lhe scintilla  
O olhar pensativo;  
No labio contrahido mal soluça-lhe  
O arquejo do peito suffocado !  
Assim o terremoto presagia  
Do volcão a explosão ;  
Assim elle medita e está suspenso  
Antes de pôr a mão e ouvir o raio !

Vai cantar nos banquetes, bello moço !  
Pelo vinho inspirado,  
Canta o primor d'aquella á quem adoras,  
Celebra a festa e os jogos  
Em mimosas endeixas.  
Da lyra do poeta não te atrevas  
Á dedilhar as cordas ;  
Esses dedos tão fracos se quebraram  
Para lhe arpejar as bronzeas cordas ;  
E quem sabe, meu Deos, se fogo intenso  
Das fortes vibrações não se exhalára  
Para queimar-tê a mão !

1853.

---

Preságo o coração bem m'ô predisse !  
Oh ! minha alma, porque te despojaste

De tuas niveas pennas? alva pomba,  
Porque te transformaste em ruminante,  
Que se apraz em mascar herva dos pantanos

O condor, que bebia o ether puro,  
Como cahir deixou-se, e descuidoso  
Nessas salobras aguas se inebria?

Preságo o coração bem m'ó predisse!  
E nessa hora terrível, ó minh'alma,  
Á teus olhos se ergueu dos valles lobregos  
Caligem densa que toldou os ares.  
Tenebroso gemer, como o do oceano  
Na hora que precede á tempestade,  
Nos profundos do seio rebôu-te.  
E semelhante ao ronco do bugio  
No serro enfumaçado, roucas vozes  
Agoureiras gemeram-te no ouvido.  
Viram passar teus olhos negros bandos  
De passaros tristonhos, cujas azas  
O ar opaco e feio povôavam  
De sinistros rumores. Tal carnivoros  
Urubús, sobre as nuvens cavalgando,  
Passam nas profundezas do céu negro!

Preságo o coração bem m'ó predisse!  
E não vendo mais nada onde puzesse  
Desconsolada a vista, como o pobre  
Viandante do sertão, que vê o dia  
Esmorecer da noite sob o manto,  
E não divisa um rancho na chapada,

Nessa hora terrível invoquei  
A morte.

Deos! porque? porque não veio  
Esse termo de males? esse corte  
Do nó que prende a essencia, do céu diva,  
No carcere da dôr? Foi para vêr-me  
Para sempre no lodo sepultado!  
Se hontem, da manhã ao brando sopro,  
Se tivesse rompido o fragil fio,  
Que minh'alma segura,  
Teria ella voado, adejaria  
Agora sobre as nuvens!  
Estava presa a misera!  
O sudoeste zunio tempestuoso,  
Desabou a tormenta,  
a coitada rolou pela enxurrada!  
Setembro de 1853.

---

Va, le sort ta sourit encore.

VICTOR HUGO.

Diverte-te, menina, e aproveita  
Em quanto t'ó consente essa frescura  
Da manhã.  
Tão depressa demais, ó! chega sempre  
A hora do cansaço!

Quando menos se pensa meio dia  
    Já bateo !  
E estamos suando, e o sol requeima,  
E olhando em redor, tão descorçoados  
    Oh ! ficamos de tudo !  
  
E dessa hora por diante até á noite,  
Adeos ! não ha mais flores; estão murchas  
    Pelo sol.  
E a agua que se bebe não é fresca,  
    Não satisfaz a sêde !

Aproveita, menina, inda veveja  
Em tua face a flôr da juventude ;  
Aproveita, menina ; de teus olhos  
Ainda cahem gotas como perolas  
Qu' o sol ainda não evaporou,  
    Seccas deixando as palpebras,  
    Como a folha sem viço.  
Eu só desejarei que não se tolde  
Tua bella manhã de nuvens negras !  
Porque lá essas lagrimas, que brilham  
Entre sorrisos, como a pura gota  
Aos raios de um sol claro, não são lagrimas,  
    Porem celeste orvalho,  
    Que goteja do céo !

Feliz quem póde ainda verter lagrimas !  
    Quem não evaporou-as  
Ao sol abrasador do infortunio !

Junho de 1855.

---

A vida o abandona, e sobre seu corpo se ateia  
novo combate mais encarniçado.

ILIADA.

Pelas ramas da matta o vento passa;  
Seus gemidos nas azas vai levando,  
Passa, não volta, e apoz  
Se segue outro, que passa e que não torna,  
E que leva tambem  
Gemidos da floresta,  
Cuja coma se agita, oscilla e freme.

À espaços cahe um tronco veterano !  
A matta e os arredores todos tremem.  
Com o baque tremendo  
Gemem os échos; é um rei da plaga !  
Mas breve tudo cala;  
E o vento, que passa,  
Leva sempre rugidos da folhagem.

Elle passa arrancando algumas folhas,  
Derrubando os arbustos quasi seccos;  
Mas é apenas isso.  
O arbusto que cahe não faz estrondo,  
Não perturba o silencio;  
Sua queda não se ouve,  
Não retumba nos montes.  
Leva o vento, ao passar, os ais de sempre.

Tal o tempo, relando as suas azas  
Por sobre as mil cabeças da cidade,



Dos homens p'la floresta!  
Cahe o grande, restruge toda a terra;  
Cahe o pequeno, e apenas  
É um ai no barulho  
Das fallas e dos risos, que o suffocam.  
E o tempo vai passando, e engolindo  
As gerações; o abysmo é sempre aberto.  
Mas sempre verde a matta  
Bebe a seiva na terra, que fecundam  
Os destroços, as folhas  
Que cahiram na vespera.  
Morrer, nascer, eis pois a existencia!!!  
Sempre verde a floresta lá veveja!  
Sempre veloz, o vento vai passando,  
E achando folhas seccas.  
Sempre á andar o tempo, sempre o mesmo  
Engole as gerações,  
E as gerações renascem,  
Sem jámais se saciar do tempo a fome!

Maió de 1855.

---

### **GRATIDÃO.**

Quizera te dizer duas palavras....  
Mas não n'as sei achar,  
E pois continuarei no meu silencio.

O tempo mostrará  
Que de teus benefícios as sementes  
Não cahiram em terra ingrata.

Chova do céu a bençãam, doce orvalho,  
Que vivifica os germens  
Dos impulsos mais nobres de noss'alma !  
Algum dia verás  
Reverdecer o campo que plantaste;  
Ha de produzir fructo a terra.

Meu pobre coração estava secco,  
Qual terra já cançada !  
E já sinto inundar-m'o um doce orvalho !  
Oh ! não é illusão,  
Póde nelle florir inda a esperança  
O amor, o enthusiasmo, a crença.

Janeiro de 1852.

---

Que sentes em teu peito quando á noite,  
O estrellado céu contemplas,  
Pensativa, saudosa,  
Repassando na idéa horas felices,  
Que gastastes de dia em gradas lidas ?  
Não será o que sente o viajante,  
Quando chega á pousada  
Depois de atravessar

Paizagens risonhas, como os campos  
Da terra em que nasceste ?  
Não ha um não sei que de indifinivel,  
De gosto e de amargura,  
De alegria e tristeza,  
Que te deixa no vago,  
Sem saberes que queres, que desejas,  
O que te falta para contentar-te,  
Porque te crês contente ?

Tal agora me sinto;  
Parece-me inda estar ao teu lado,  
Respirar o teu halito,  
Absorver essa luz tranquilla e doce  
De teus olhos, querida.  
Vou recordando tudo,  
Até a distração com que batias  
Na pagina do livro;  
Revivendo momentos tão felices  
Para goza-los inda;  
Conheço, estou contente,  
Bem diz-m'ó coração que tão pausado,  
Tão quieto me palpita.  
Mas não sei, não estou tão satisfeito !  
Não é a plenitude da delicia,  
Que minh'alma deseja.  
Falta-me alguma coisa; o que ? não sei.

Se estivesse á teu lado de continuo  
Se nunca te deixasse,  
E se perennemente eu estivesse  
Haurindo-te a doçura dessas fallas,

Fartaria esta sêde?  
Parece-me que sim; estremecendo  
Me diz o coração.

Entretanto duvido.  
Não te offendo, meu anjo, não te offendo;  
Talvez aches injuria na verdade;  
Porém o que ha-de ser?  
Para a terra não é a plenitude  
Das delicias angelicas;  
Nossa alma como o incenso tende ao céo,  
Ella quer é espaço,  
Quer voar como a aguia,  
Quer subir e subir.

Oh! se me é tão doce estar te olhando,  
porque ao calor desses teus olhos  
Minh'alma se dilata,  
E como etherea essencia  
Vôa, remonta ao céo.  
É assim que a neblina da manhã  
Com o calor do sol  
Sobe e vai ser lá longe rosea nuvem.  
Abril de 1855.

---

Minha alma, bella menina.  
Era pura como a tua,  
Espelho limpo do céo  
Qual agua, que nem fluctua.

Era limpa de peccados  
Como é alva essa camisa,  
Que te guarda o niveo collo  
Do beijo da ousada brisa.

Como as auras da manhã  
Ella baixo murmurava  
Suas preces innocentes,  
Qu' á seu Deus ella mandava.

Era cheia de virtudes,  
Como o vaso de perfumes,  
Que no altar depões devota  
Da innocencia aos santos numes.

Mas o vaso evaporou  
Seu perfume delicioso,  
Do altar foi arrancado,  
Foi lançado em mar lodoso.

O crystal bello diaphano  
Na lama se conspurcou,  
Desencheu-se das virtudes,  
E só lodo trespordou

Não te chegues, pois, ingenua,  
Que te posso derramar  
Negro fel, e o branco linho  
Que te veste nodoar.

Como se despencaram minhas crenças,  
E minhas esperanças, e meus sonhos!  
    Tal o tronco vetusto  
Qu'outróra foi peroba, hoje esqueleto  
    Hoje páo descascado,  
Ludibrio das tormentas, lá se mostra  
    Na roçada, nú, triste!  
Folhas, já não n'as tem aonde ruja  
    O halito da brisa.  
Verdor morreu no fogo; tudo foi-se!  
    Da peroba que era  
Não tem, não tem mais nada, é negro tronco  
Que só falta cahir; d'aquí á pouco  
    Cahio, e disse tudo!

Como foi que a peroba descascou-se,  
Como foi que despio sua folhagem,  
Quem lhe deitou o fogo qu'a tisonou?  
E donde veio o vento qu'acendeo  
    A rubra labareda?  
Talvez que descuidado passeante  
Farto de saborear o fumo odóro,  
Lançasse a braza inutil do cachimbo  
    Do lado do caminho!  
    Largou ahi a braza  
E tor-se e nada vio! Talvez nem saiba  
Que estrago cruel fez n'um passeio!

---

## UMA IDEIA.

Não! não hei-de amarrar-me á este póste,  
Sobre o qual brilha a luz d'um fogo fatuo,  
Fogo, cujo clarão engana aos homens

Pallejando no muro.

Lá vejo me acenando a fulva estrella  
Qu'entrevi em meus sonhos, e fulgura  
No azul fundo apezar da grossa nuvem.

Serena a tempestade;

A multidão além desanda anciosa  
Circulando a columna enganadora,  
Contra a qual quebrarão as suas fronte

Quando apagar-se o livido

Clarão, qu'em cima dança, como a alma  
Do infeliz moribundo. Quem do povo

Que o fogo é fatuo vê?

E se volta e procuro e lá divisa  
A estrella, tão pequena, tão distante?  
Às vezes, ai! a nuvem a esconde,

Quando a nuvem se engrossa

Quando a chuva desaba em catadupas!  
Ronca então o trovão, tudo escurece,  
Descorçoados os olhos nada enxergam,

Tudo é treva e tormenta!

Então aquelles mesmos qu'o sabiam,  
Ficam desnorteados; apalpando  
Querem se dirigir, e de repente

Tombam no precipicio.  
Senhor, os passos guia ao peregrino;  
De sua fraca vista não escondas  
A estrella da esperanza.

Ai d'aquelle que cega-se e não vê  
Mais a formosa estrella!  
Qual o embriagado, cambaleando  
Não sabe aonde vai.

Março de 1855.

---

**QUEM ME DERA!**

— Quem me dera! — na porta do palacio  
Diz o pobre da rua,  
Olhando tanta luz e tantas sedas,  
Que lá dentro refulgem nos salões.

— Quem me dera! — o soldado na gorita  
Diz da chuva escondendo,  
E olhando a vidraça aonde brilha  
A luz, que do seu chefe aclara o quarto.

— Quem me dera! — a criança diz olhando  
A tropa á desfilar,  
E os bonitos fardões, e as bayonetas  
Qu'ao rufar dos tambores vão marchando.



— Quem me dera! — á gemer por entre dentes  
Resmunga o pobre escravo,  
Que á seu senhor deitado no sofá  
Leva a taça do moka muito odóro.

— Quem me dera — o senhor geme comsigo,  
Invejando do negro  
O inerte descuido em quanto toca  
Na marimba a monotona toada.

— Quem me dera — o primeiro da nação.  
Em voz baixa suspira,  
Vendo cantar além o sapador  
Ao bater do picão marcando a toada.

— Quem me dera! — arquejante diz o nauta  
Na hora da tormenta  
Vendo lá, entre meio dos horrores  
Um ranchinho tranquillo sobre a praia.

— Ah! Quem me dera! — exclama a nobre dama  
Olhando a costureira,  
Que cantando baixinho em seu balcão  
Está tão socegada e descuidosa.

E esta, ouvindo a bulha de um carro,  
Ergue os olhos p'ra vêr,  
Com um ai agitando a molle caça  
Do seio, diz tambem — Ai quem me dera! —

E — quem me dera — o moço e o velho, o grande  
E o filho do povo  
E todo o mundo diz! n'uma só frase  
Resume-se da vida o triste offego.

— Quem me dera ! — tambem me diz o peito,

Mas não é pelos bens

Que a turba dos homens ambiciona;

Ai ! conheço o inane de taes ditas !

Á sede de minh'alma não me bastam

Os corregos da terra,

Quizera ir lá nas nuvens sociar-me

Na fonte das torrentes e dos rios !

Fevereiro de 1852.

---

Porque será que nunca satisfeito

Temos o coração ?

Porque, qual terra secca, requeimada,

Que chupa toda a agua,

Nunca se farta a alma de desejos ?

Desejar, desejar continuamente,

Eis o nosso destino !

Colhemos uma fructa desejada,

Já não lhe achamos gosto,

Já desejamos outra, e outra, e outra !

Pois a fructa colhida não é doce ?

Basta estar-nos na mão

Para perder doçura e macieza ?

Por termol-a colhido

Já a flôr perde a côr e doce aroma ?

Não. Porém é porque o seu perfume  
    Jámais é sem mistura;  
Da terra, onde a raiz teve mettida,  
    A flôr traz agro cheiro,  
Cheiro que desagrada; elle é de terra.

A fructa a mais mimosa e delicada  
    Lá conserva alguns longes,  
Uns resaibos da terra qu'a sustenta;  
    Demais é sempre pouco,  
É sempre tão escasso e magro o sumo!

Quando quebrar-se o vinculo qu'á prende  
    À sua terrea morada,  
Ahi, sim, poderá então noss'alma  
    Ir fartar-se no céu!  
Lá é inexaurivel o mel doce!

Janeiro de 1852.

---

Away, away.

Que me importa que o mundo diga — é doido!—  
Sei cá o que me diz o coração,  
E não é á razão das conveniencias  
Que hei-de modelar os seus palpites,  
E não é á capricho dos humanos  
Que hei-de modular a minha lyra.

Eis porque busco os ermos, o silencio  
A solidão da noite, a paz do campo.  
Quando os homens repousam, alta noite,  
Então é que suspira a minha lyra,  
Da meia noite ás auras entregando  
Os descantes de suas magas cordas.

Ella exhala seus sons meio medrosa,  
Se receia qu'algue[m] lh'escute os intimos;  
No meio do tumulto ella se cala;  
Tal a ingenua caipira na capoeira  
Em amena toada vai cantando,  
Mas assim vê algue[m] amoita e cala.

Quando a cidade dorme, a voz mais livre  
A minha lyra sóta, a noite a ouve,  
Os echos lhe respondem na quebrada,  
E ciciando o arvored[o] geme,  
Como qu'acompanhando o seu descante.  
É tão doce cantar ao vento livre!

Á quem póde turbar minha toada?  
Ella se exhala branda; todos dormem;  
Ninguem se acordará com sons tão fracos.  
E se algue[m] os ouvir, esse algue[m] véla,  
É algum infeliz que se revolve  
Em um leito de espinhos c'uma ideia.

Á este será doce ouvir meu canto,  
Porque a dôr co'a dôr se sympathisa,  
De longe mesmo entendem-se e se fallam.  
Á este vá meu canto acalentar,  
Amortecer-lhe a dôr, á pouco e pouco  
Entornar-lhe do somno o esquecimento.

A coração qu'arqueja atribulado  
É doce mesmo ouvir os sons monotonos  
Da onda que se quebra sobre a praia.  
Qualquer som compassado o acalenta,  
E como que disfarça-lhe o tormento  
Abafando os palpites anciados.

Os felices do mundo, os poderosos  
Os ricos que, o qu' é sentir, não sabem,  
Lá um dia, uma hora tem na vida,  
Em que mais melancolicos escutam  
A marimba do escravo, e se debruçam  
Na janella de noite para ouvil-a.

E pois, quem pode ouvir os meus lamentos,  
Não ha-de maldizel-os; muito ouvido  
Attento os ouvirá talvez, da ideia  
Varrendo por instantes a lembrança  
Pertinaz qu'a devora. E o poeta  
Por feliz se dará com isto só.

Maio de 1855.

---

Meu pobre coração, não desanimes;  
Teu fado é padecer, porém espera,  
O fim ha-de chegar.  
A vida o que é, que dura ? algumas horas !  
A noite logo chega.

Espera pois, e em vão não esperdices  
Em queixas a existencia; de que serve?

Ai! o manso carneiro  
Amarrado ao moirão espera quieto,  
Sem chorar nem gemer.

A arvore não chora quando a ferem,  
Verte apenas o succo, qu'alimenta  
O verdor de seus ramos.  
Pois faze assim tambem; calado e mudo  
Derrama as tuas lagrimas.

Dizes qu'o páo é páo, e que não sente?  
Oh! como o sabes tu, e quem t'o disse?  
Quem é que te contou  
Qu'o lirio não tem dôr, quando a menina  
Brincando o vai cortar?

Achas que é ter alma o ter desejos!  
E não vês como a flôr tambem exhala  
Seu aroma p'ra o céo?  
Sabes tu se alguma alma ali se agita  
Anciada por vôar?

A luz do grande cirio lá do altar,  
E a luz da pobre vela do meu quarto  
Tambem ao céo aspiram;  
A sua aspiração é filha de alma  
Que o desejo consome?

Fevereiro de 1852.

## CONFORTO.

Tenho medo de olhar para o futuro.  
Elle se nos antolha bem fechado,  
E atravez do cariz tão carrancudo  
Eu não vejo brilhar de sol um raio.  
Passo á passo eu te levo para o abysmo;  
Ha não sei que demonio que m'empurra,  
E sem vêr bem o trilho, vou andando,  
    Levando-te comigo,  
E tu mais confiada te abandonas  
    E te deixas levar.....

.....

Mas para arrepende é muito tarde;  
    Não podemos voltar;  
A agua que passou atraz não torna  
    Para mover o moinho.  
Está unida á minha a tua sorte,  
Onde eu cahir comigo cahirás.  
    Pois bem ! então marchemos !  
    Nada de esmorecer.  
Não ha-de abandonar-nos o nosso anjo;  
Deos olha para os que são infelices,  
    E á dois entes que se amam  
A metade perdôa de seus erros.  
Sim ! a cruz das miserias é mais leve  
    Quando é por dois levada.

E qual é nosso crime? é nos querermos?  
É viver eu por ti, e tu por mim?  
E é emfim o sermos desherdados  
Das fortunas do mundo?  
Assim pois porque falta-nos aquillo,  
Que sobra em tantas mezas  
E em tantos palacios,  
Porque não temos pão em abundancia  
Devemos separar-nos!  
Nós dois cuja existencia não é vida  
Se uma n'outra não fundem-se!

Não pensemos mais nisto;  
Os outros que murmurem e nos mordam.  
Pedir não lhes iremos as migalhas  
Escaceadas dos seus lautos banquetes.  
Nosso minguado pão repartiremos  
Irmãmente, não é?  
E quando, extenuados pela escassa  
Subsistencia, cahirmos,  
Na mesma cova iremos dormir juntos,  
Como em vida dormimos  
Em um pobre giráo.

Ai! aquelles que dormem sobre sedas,  
Tambem tem de deitar-se no chão duro.  
O derradeiro leito pouco importa  
Ser de terra sómente,  
Ou de talhado marmore.  
Pois tambem pouco importa  
Durante a vida ter colção de plumas  
Ou tarimba de páo.



Sempre é branda e macia aquella cama,  
Em que se abraça alguém que nos completa  
Nossa meia existencia.

Maio de 1855.

**DESCONSOLO.**

O céu se recamando de folhetas  
De prata, no velludo azul escuro  
De seu manto nocturno,  
Assemelha planura aonde se erguem  
Palacios encantados, qu'illuminam  
As luzes de mil cirios;  
Taes são os vãos castellos que contempla  
Em seus dourados sonhos no futuro  
A mente do mancebo !  
Com o clarão mimoso das estrellas  
Seus olhos ignorantes em torno andam,  
E os vapores da vargem,  
E a igreja do morro, e o arvoredo  
Com formas encantadas se lhe mostram  
Feiticeiras visões.  
Assoma a luz do dia !... as sombras fogem,  
O palacio tão bello é negro muro  
Que esbrôa os seus torrões;  
Mudam-se em troncos feios, pobres arvores,

As ethereas, mentidas formas, indo  
Pelo sol espancadas !  
Como queima este céu de bronze ardente !  
Que tamanho calor ! que claridade  
Que tão nú mostra tudo !  
Como é triste se olhar um céu tão ermo !  
Ah ! nelle nem se vê mui tenue nuvem  
Que nos prometta chuva !  
Ah ! quão depressa se desfez a noite  
Da ingenua ignorancia, e dos meus sonhos !  
Surgio a luz cruel,  
E veio me allumiar o negro pégo,  
Em que labuta em vão nossa existencia  
Ludibrio das vagas !

Cynica, descarnada me apparece,  
Com seu riso satânico, a verdade,  
Com o seu escalpello  
Dessecando sem dó as magas formas,  
E de putrido sangue horrifando  
A innocente ignorancia,  
Semelhante á mulher qu'um anjo criamos,  
E cospe-nos na cara a sua infamia  
Veneno, que nos mata.

Bem como o nadador, que foi mar fóra,  
Volto-me agora triste para as praias  
Do passado saudoso;  
E em quanto inda não vem a negra vaga  
Que deve me engolir, a dôr comprimo  
C'uma das mãos no seio,  
E com a outra aceno um derradeiro

Adeos ao paraizo da ignorancia,  
E á esperanza talvez !

Julho de 1852.

---

Que tristeza não é, passados tempos,  
Indo se visitar lugar querido,  
Em que d'antes viveu-se tão alegre,  
Achar-se uma tapera !

Ali onde era a casa nasceu matto,  
Mal se vê esbroados alguns restos  
Das antigas paredes, e já podres  
Uns esteios da casa.

O mais tudo p'lo matto está coberto,  
Pelas ortigas, pelas trepadeiras,  
Que alastram no chão cobrindo as covas,  
Onde as cobras se escondem !

Até o laranjal já não existe !  
Mal se vê lá um pé tão suffocado  
No meio da capoeira, tão tolhido  
De vingar, e dar fructas,

Que aquellas que dá são sempre azedas.  
Como o que já perdeu tudo o que ama,  
E que já não podendo ter mais gozos,  
Só diz frases amargas.

Um coração assim é mesmo uma tapera  
Se já não tem quem zele carinhoso

Da horta e do pomar, como não ha-de  
Nascer matto e só matto?  
Se alguma flôr se vê ali ainda,  
Ai! é tão myrradinha, e á modo triste,  
E como que selvagem! parece antes  
Ser lembrança de d'antes  
Qu'algum dos que se foram nos deixaram!

Maio de 1855.

---

**ESTRELLA.**

Tu eras o seu norte; aos doces raios  
Do teu celeste olhar, o triste bardo  
Nas azas da esperança equilibrado  
Para as praias do amor vogava rindo.  
Em quanto o mar bramia, elle arpejava  
Na lyra cantileuas, e aos ventos  
Repetia teu nome.

E quando a tempestade e o mar revolto  
Em horrído vaivem, pelos abysmos  
Jogava o seu batel, depondo a lyra,  
E teu nome dizendo em fervor santo,  
Metia hombros ao pelago furioso,  
E apezar do tufão e doidas vagas  
Para o porto avançava.

Das margens que deixava descuidoso,  
Sorrindo nas tormentas, e cantando  
Na hora da bonança, d'olhos fitos  
Além na opposta margem, e guiado  
Por sua linda estrella, elle só via  
Quem de lá o chamava entre os aromas  
E as flôres d'um Eden.

Qu'é da estrella? cahio. Cahio a estrella  
Do desditoso bardo, no céu negro  
Ella desceu correndo, sepultou-se  
De certo lá nos mares, e no espesso  
Das trevas já não vê o desgraçado  
Ao longe branquear entre a verdura  
O paço de seus sonhos.

Maio de 1852.

---

Tu trembles!?

Porque choras assim, oh! pusillanime?  
Como o flexivel junco ao crébo sopro  
Do furacão se verga, e lambe a terra,  
Tal a pallida fronte á dôr inclinas,  
Debruças para o chão!

A dôr! o qu'é a dôr? A rocha tosca  
Qu'o chimico dissolve á labareda  
De forno abrazador, depois transforma-se

Em brilhante crystal, em cujo prisma  
Do céu as côres pintam-se.

Tu te queixas da dôr, e sem a dôr  
Como fruir podéras as delicias  
Do desejo contente, da esperança,  
Fugidiço vapôr ainda á pouco,  
Ora palpavel forma, que abraças,  
E que doce palpita com teus beijos !

Poento caminhante, não maldigas  
Do sertão a aridez, e o sol que queima,  
E o caminho travado de barrancos,  
Entrançado d'espinhos. Na pousada  
Mais doce te será o dormir quieto,  
Depois de sacudir o pó da roupa.

Maio de 1852.

---

Só, pensativo,  
Se desalenta  
Do mundo inteiro  
Nada o contenta.

J. B. DE ANDRADA.

Como no decorrer dos annos tudo  
Esmorece e se apaga !  
Não é só a paineira da collina  
Quem se despe das flôres — carmesim —  
E apresenta ao céu uns galhos sêccos  
Tão sem folhas, tão nús !

Não é só o mimoso assetinado  
Das faces da belleza  
Que desfaz ao passar do tempo a aza,  
Sobre a fronte tão lisa, fundos traços  
Gravando, sombreando-a co'a neve  
Dos cabellos tão brancos.

Esmorece tambem o enthusiasmo,  
A estrella da fé  
Amortecida esconde-se na nevoa  
Da descrença e da duvida; a esperanza  
Some no ermo triste do mallogro  
Como a agua na areia.

E nossa alma quebrada, e apanhando  
Ao acaso um bastão em que se arrime,  
Cega por ter querido vêr demais,  
Obrigada á confiar-se ao braço de outro,  
Despojada do viço o mais mimoso,  
Qu'a face lh'adornou na mocidade,  
Da candura celeste que brilhava  
No seu limpido olhar,  
Cheio de doce arrojo, moderado  
Por mavioso recato;  
Das flores as mais lindas despojada  
Ah! nossa alma tambem é como a roça,  
Que o sol amarellou  
E de donde arrancou a mão do escravo  
Tudo o que lhe restava!

Agosto de 1855.

**É assim que se acabam sempre as festa s !  
Apoz rir e folgar, canceira e tédio;  
Apoz o delirar da embriaguez  
Estupido dormir !**

**Apoz o frenesim de loucos risos,  
Essa tristeza acerba que se espalha  
Na tua doce face, no outro dia  
Tão pallida e desfeita !**

**E te queixas de que o teu amigo  
Se arreceie dos bailes, e os evite ?  
E não gostas de que elle aborreça  
O barulho e o estrondo !**

**O que ganhas nos bailes, muito amada ?  
Despencar essas flôres que te adornam ?  
Fazer murchar o viço tão mimoso  
De tuas castas faces ?**

**Macerar essas formas virginaes  
Com arrochos crueis, qu'antes de tempo  
Te quebrarão o elegante cinto,  
Como o abraço da doença ?**

**E essas flôres tão bellas e mimosas,  
Que por mostrar vaidosa, desperdiças,  
Falla, meu doce bem, depois de murchas  
Quem as ha-de guardar ?**



Quando ficar-te neve essa madeixa,  
Quando a roza das faces desbotar-se-te,  
Quando o carro dos annos sobre a fronte  
Cavar-te os fundos traços;

Quando murchada flôr, cara louquinha,  
Quem ha-de agazalhar-te inda no seio,  
Quem ha-de inda guardar a flôr já murcha,  
A flôr já sem perfume ?

Aquelle á quem não vês nesses salões,  
Quando vais senhoril e vaidosa  
Passando entre o susurro de elogios,  
Ante olhos que scintillam.

Aquelle á quem tu roubas, estragando  
Os mimos que te deu a natureza,  
E que á elle entregas, mas já murchas  
Já sem vida, nem viço.

Aquelle á quem despojas, quando prodiga  
Desperdiças á todos as doçuras  
Do teu celestes olhar, e que os parvos  
Agradecer nem sabem.

Depois de despencares nessas festas,  
O' louquinha, os primores que são delle,  
Como ahi se despenca a flôr ao vento,  
O que guardas ao misero ?

Os olhares sem fogo, as faces murchas,  
O canção, o fastio de tua alma,  
Farta de delirar no baile atôa !  
O espreguiçar do somno !

Pois vai, não t'ó prohibo; vai-te embora;  
Mas não queiras qu'eu vá; sim, não te queixes!  
Se lá tu nem me vês, que falta faz-te  
O meu olhar buscando-te ?

Oh ! deixa-me ficar em ti pensando,  
Trabalhando por ti; quando voltares  
Me acharás ancioso á tua espera,  
Correndo ao teu encontro.

E tu me contarás as tuas glórias,  
Em quanto eu te despir; e assim dormires  
Gozarei do teu somno, contemplando-te  
O doce respirar.

1853.

---

**VAZIO.**

Fico olhando o céu de noite  
Pensativo até que horas !  
E as estrellas fulgidoras  
Lá por cima do escuro.

Fico ouvindo o derradeiro  
Trophear de quem passou,  
E que lá se occultou  
Como sombra fugidiça.

Cala tudo na cidade  
E só inda falla o vento,  
E meu triste pensamento,  
Solitario e distrahido.

O alcantil, que lá avulta  
Negro feio e carrancudo,  
Depois inda olhando mudo,  
Por fim cá comigo gemo :

« Ah ! porque estou tão só,  
« E não tenho nem á quem  
« Mostre aquella estrella além,  
« Que scintilla e qu'amortece ?

« E porque, ai ! tão sósinha  
« Minh'alma ha-de gemer,  
« Sem ninguem lhe responder  
« Nem se quer com um doce ai ?

« Pois o vento que suspira  
« Esse não ! ah ! nada sente !  
« Sua voz não é de ente  
« Que palpita, que tem alma.

« Tu, feliz, que ao menos tens  
« Um amigo, ou um irmão,  
« Á quem treme o coração.  
« Com o teu accorde, unisono,

« Sabes tu, como é tão triste  
« Viver só, bem só no mundo ?

« Ab ! não sabes como é fundo  
« O vazio de ermo peito !  
« Sê feliz e nunca o saibas. »

Junho de 1854.

---

**AFAN.**

« De teimosa vontade pela redea  
« Oh ! hei-de te deter ! o vô pára;  
    « Alma desatinada; -  
« Senta-te aqui tranquilla; essa impaciencia  
    « De menino soffrêa.

« A aguia quando quer sulcar o espaço,  
« Levanta-se primeiro, e sobre as azas  
« No ar equilibrada, mede o estadio  
    « Com seu olhar profundo;  
« Assim quero traçar-te o teu caminho.

« Senta-te aqui e olha : aonde queres  
« Levar-te no arrojado, altivo vô !  
    « Escolhe a tua estrella !  
« Propicia viração, para ajudar-te  
    « O vô, d'além sopra.

« Olha no firmamento coruscantes  
« Mil estrellas, bem como sobre a terra

« Um destino se mostra á cada homem,  
« Este aqui mais brilhante,  
« Mais apagado aquelle, outro mais limpido. »

Assim'disse á minh'alma;  
Com indecisa vista ella percorre  
Os espaços azues.  
Em seu afan insano cobiçara  
Visitar cada estrella,  
Como nauta ambicioso de vêr tudo  
Que percorre o archipelago,  
E vendo-se sem forças, esmorece !

Ai de mim ! que loucura !  
Neste vôo tão curto, que se chama  
Vida, como vêr tudo ?  
E como conhecer tantos arcanos  
Que a mão d'Elle creou ? !

Fevereiro de 1852.

---

### ● QUE RESTA A ESPERAR.

Espera ó alma infrene ! onde vais, louca ?  
Bem como nadador inda não destro,  
N'um pelago te lanças  
Onde não se vê praias;  
Atiras-te sem tino, cega, louca,

E as mãos batendo atôa o fundo cavas,  
Que te deve engolir !

Ah ! desejas voar, e só voar !  
Porém, azas, qu'ê dellas ? quem t'as deu ?  
Vês a nuvem rozada,  
Vês a estrella que brilha,  
E julgando ter azas, qual criança  
Que pensa com a mão tocar no sol,  
Sapateias no pó !

Embora azas tivesses, o que cuidas ?  
Cuidas que voarias como a aguia  
Pairando sobre a serra,  
E sobre a grande pedra lá do alto ?  
Pobre perdiz de tão rasteiro vôo,  
Cuidas ser um condor ?

Ah ! se um Deos bemfazejo te deu azas,  
Não te lembras que um destino máo  
Como que por escarneo  
Predeu-te em podre carcere de barro ?  
Se és aguia, não te lembras, qu'és cativa,  
Que te amarra a corrente ?

Só escutas o teu furioso arrojo,  
Atiras-te, e puxada pelo pezo  
Da corrente, ahi cahes !  
Ahi ficas ferida, maltratada  
Manchando o chão de sangue, e pennas soltas  
Largando por todo elle !

Em cada tentativa nova queda !  
E um duro esbarrão em cada avanço !

Queres ficar sem sangue ?  
Queres ficar sem pennas, desgraçada ?  
Oh ! porque lidas tanto, se baldado  
Será sempre o lidar ?

Em quanto não quebrar-se-te a corrente,  
Fica quieta, descança, e não te agites  
    À querer impossiveis;  
Não esperdices forças necessarias  
Na hora do salvamento; para o vôo  
    D'então as pennas guarda !

Se não tiveres azas nesse dia,  
Ai ! serás esmagada, aniquilada  
    P'lo desmoronamento  
Das paredes do carcere. Que serve  
Estar gastando átôa as tuas forças,  
    Que te são necessarias ?

Resigna-te co'a sorte, soffre o triste  
Da vida de galé, entregue a nave  
    Ao grado da corrente,  
E por consolo o sol contempla ao longe;  
Quando chegar o dia, terás azas  
    E voarás á elle !

Vês tu o quão cerrada está a noite ?  
Dos prejuizos e crenças mentirosas  
    A nevoa ainda augmenta  
A cerração fechada, e os vapores  
Que do mar das paixões se levantam  
    Com ella se accumulam.

É baldado tentar se vêr ao longe !  
Deixa clarear o dia, o sol inunde  
De luzes esses mares.  
Ahi, ahi verás a desejada  
E verdejante plaga no horizonte  
Pouco á pouco crescer !

Junho de 1855.

---

**CONSELHO.**

Pois a vida não é já por si mesma  
Tão cheia de amarguras ?  
Inda não estás farta de azedumes  
De dôres e tristezas para oppôres  
Tamanha resistencia á um prazer ?  
Para desperdiçares os momentos  
Preciosos, que o destino nos concede,  
Em um abatimento, n'uma inercia  
Que não parece vida ?

Ah ! meu bem ! olha ! dôres não nos faltam ;  
Ei-las chovem ahi continuamente,  
Matando as poucas flôres  
Que no campo da vida brotar vê-se.  
A fonte dos pezares é perenne,  
Em quanto a dos prazeres quasi sempre



Anda secca e enxuta.  
Raramente as tristezas nos permitem  
Vêr o céo puro azul;  
E ellas arrebanham de continuo  
Nuvens que fazem sombra, e ameaçam  
Tormenta para hoje ou amanhã.  
Ah! em vez de prevermos tempestades,  
E de antemão tremermos,  
Olhando em vastos cumulos as nuvens,  
Não é melhor gozarmos o presente,  
Tal qual nol-o dá Deos ?  
Não é melhor gozar-se, olhando as côres  
Variadas e fantasticas que formam  
As nuvens da manhã ?  
Quando chegar a hora da tormenta,  
Quando se desabar a trovoada,  
O que tem-se perdido ?  
Que momentos lastima-se sem fructos ?  
E depois tu não sabes ?  
Sob a pancada de agua a mais furiosa,  
Quando se vai unido com um ente,  
Que nos completa o ser,  
Que é nossa metade,  
Não dóe tanto no corpo a chuva fria,  
De tropeçar não tem-se tanto medo,  
Pois que temos quem possa-nos valer.  
E não se vai tão só,  
E com o coração tão mingôado!  
Á dois entes, que se amam,  
Muitas vezes é doce a mesma dôr!  
Elles sabem achar na fria grammã  
Leito bastante quente, pois são juntos.

A morte, esse medonho espectro horrivel,  
Espantalho de tudo quanto é vivo,  
Ah ! não é tão tremendo em seu aspecto,  
Quando para dois juntos se encaminha.

Então porque espremes azedumes  
Na tão pequena taça, que nos deu  
Para bebermos juntos nosso Deos ?  
E porque a empurras para longe ?  
Não n'a queres provar ? p'ra quando guardas ?  
Para quando tiver já fermentado  
E azedado o seu mel ?

E as vezes, ó louquinha !  
Cheia de ambição queres por junto  
Colher milhões de fructos !  
E em quanto os ajuntas, não n'os provas  
E te canças em vão !  
Oh ! come esse que tens em tua mão ;  
E quando o acabares,  
Então procura outro.

Junho de 1855.

---

## ESTANCIAS.

Vide humilitatem meam.

PSALMUS XXIV.

Não mais me aprazem beijos voluptuosos  
Em labios sem pudor.

Não me apraz a inercia, o tempo inutil  
De vida que não vive, mas vegeta  
No tremedal de gozos menos puros,  
Tremedal que parece-nos chão firme,  
E mal damos um passo nos engole.

Não mais me aprazem sonhos mentirosos,  
E glorias vãs ou falsas;

Não mais mundanas honras orgulhosas,  
Aos olhos me pintando vãos castellos,  
Não mais grandeza humana e transitoria,  
E louros que nos custam vida e alma,  
Minha fraca razão fascinarão.

Não mais desejos sempre mallogrados  
E sempre renascentes.

Não mais loucas vontades de combates  
Corpo á corpo na liça das paixões;  
Combates, onde gasta-se o seu sangue,  
E coberto de pó se sahe, e frouxo,  
Não mais me aturdireis o pobre peito.

Adeos ficções, rizonhas na apparencia,  
E miserias no fundo.

Bem como o olhar tão cheio de ternura  
Da lasciva, cujo ar enleva tanto,  
E cujo beijo impúdico entorpece  
O sentimento, e mata a côr do brio,  
Sois assim, illusões da jovem mente.

Não será dado á ovelha desgarrada  
Voltar ao seu redil ?

Por vir cheia de lepra, e pestilente,  
Sim; mas esta não vem como dizeis,  
Ella andou desnorteada, nos espinhos  
Ferio-se, algumas vezes cambaleou,  
Ajoelhou-se na lama ! Não tem lepra.

Ella pode inda entrar para o redil,  
Sem trazer ao rebanho

Um mal contagioso e assolador.  
Podeis lavar-lhe o vello em agua pura,  
E curar-lhe as feridas. Oh ! quão doce  
Não fôra á pobre ovelha voltar branca  
Para o meio do seu branco rebanho !

Sim, sim, que bem o disse o que levou  
Por nós o santo lenho !

Oh ! sim que bem o sinto pelo gozo,  
Que de esperar me inunda os seios da alma,  
Pelo reflorecer de alma candura.  
Como agua que se aclara, e se aquieta  
Já minh'alma reflecte o anil do céu !

Bem como o peregrino por desertos

A fome, a sede, os sóes  
Supportando, e as borrascas, e nas praças  
Soffrendo o vituperio, e as affrontas  
Caminha sempre firme, e d'olhos fitos  
Em quem lhe aponta o céo, e lhe promette  
O nectar dos seus anjos, irei indo.

O nome de meu Deos por toda a parte  
Irei abençoando.

Quando cahio na estrada o peregrino  
Esmorecido, á sós abandonado,  
Foi Elle quem fallou-lhe na floresta,  
Foi Elle quem mostrou-lhe além a estrella,  
Foi Elle quem lhe deu o seu bordão.

Tranquillo entre os tropeços do caminho  
Seguirei té á meta.

As vezes pararei, e á Deos pedindo  
Mais forças, levarei sobre meus hombros  
Aquelles qu'a existencia me outorgaram,  
E aquelles que o seu pão e algumas flôres  
Comigo repartiram neste valle !

Tal dizia na tristeza  
Do meu agro abatimento,  
Procurando um pensamento  
Que minha alma reanimasse !

Criei forças, continuei  
Minha penosa jornada,  
Com a alma preparada  
Para o que podesse haver.

Quando a victima já sobe  
A escada temerosa,

Assim fica corajosa  
E avança sem tremer.

Eis porém que lá me acena  
Novamente o mundo vão,  
De honra vã com a visão  
Já m'engoda e me convida.

E fraqueei, triste de mim !  
E por inutil riqueza,  
O voto, que já me peza  
Esqueci, e já descambo.

Tal deriva mais á esquerda  
Arrastada p'la corrente  
A canôa, e imprevidente  
Esbarrar vai nos escolhos.

---

**MAGOA.**

Descamba já no occaso minha vida,  
Passou do meio-dia !  
E pobre planta inutil, nem um fructo  
Em meus estereis galhos se colheu !  
E pobre viajor nem uma esmola  
Deixei no ranchosinho do caminho,  
Nem uma bençãam d'alma agradecida  
Os echos pelas grotas repetindo  
Me mandarão ao longe !

E pois hei-de chegar ao fim do estadio,  
Ao tumulto gelado,  
Sem ter gravado um nome na bella arvore,  
Que me abrigou do sol com sua sombra!  
Passarei como sombra pela terra,  
E minha cova ahi desconhecida  
Ninguem irá molhar com suas lagrimas,  
Se já com maldições não evocarem  
A ingrata inutil vida!

Pois que venha a hora extrema,  
Não n'a temo, meu Senhor;  
Sobre o vento rugidor  
E derribe a planta inutil;

Caia ella que no campo  
Em vão occupa lugar,  
E aqui se veja brotar  
Arvore bella e fructifera,

Que não rouba inutilmente  
Sua seiva á outra planta,  
Que mal e mal se levanta,  
Por causa della mirrada.

Fevereiro de 1852.

## A' ELLA.

Mirando or ciò che giova, or ciò che nece.

TASSO.

Desçamos a cortina do postigo,  
Minha doce adorada,  
E deixemos vogar nosso barquinho  
Á vontade do vento e da corrente.

Porque queres olhar, minha louquinha,  
A esteira que deixa,  
Das ondas sobre a face adamascada  
A nossa barraquinha fluctuante ?

Porque se estar á olhar aqui o porto  
Á sumir no horizonte,  
E lá o porto ignoto e invisivel,  
Que desponta na prôa envolto em névoas ?

Porque com olhos tristes nos volvermos  
Para as praias deixadas,  
Ou com ancia mirarmos adiante,  
O que inda a distancia nos encobre ?

Porque irmos contando uma por uma  
As enseadas formosas,  
As margens florecidas, que nos passam  
Ante os olhos, tão lindas e tão rapidas;



Maldizendo a corrente que nos leva  
Sem deixar aportar-nos  
Um pouco só na praia, e hi colhermos  
Uma flôr, ou bebermos agua fresca ?

Pois devemos cifrar nossa existencia  
Em tremer do futuro,  
Em chorar o passado, e em lastimarmos  
A perda do presente que se esvae ?

Que se vai, e que corre como a linfa  
Debaixo do barquinho ?  
Que não aproveitamos, só scismando  
Com a perda infructifera do tempo ?

Oh ! deixemos vogar nosso barquinho;  
Nas ondas embalados  
Repousemos tranquillos, e gozemos  
Até que tambem chegue a nossa hora.

Olhando horas perdidas, e temendo  
As que vamos perder  
Perdemos outras tantas, pobres loucos,  
Que podiamos todas desfructal-as.

Desce pois a cortina, e não mais olhes  
E não mais te intristeças.  
Desce pois a cortina; a claridade  
É tão viva de mais ! offende os olhos.

Para o gozo é mais doce um claro baço;  
Fica o céo tão de bronze  
Quando o inunda um sol vivo de mais.  
O mar fica tão ermo ! tão extenso !

Desçamos a cortina, atravez della  
Vê-se o céu tremulando !  
E a margem oscillando d'entre o crivo  
Do tecido diaphano e fluctuante !

Quando mescho se está em largos mares,  
De todo despovoados,  
Inda assim nos bordados da cortina  
Vê-se como encantadas, lindas veigas!

É a cortina magica que bordam  
Com flôres e bordados,  
Os artistas de genio, e offerecem  
Aos que não podem vêr a luz tão viva !

Sim, olhos delicados vêr não podem  
Essa nudez medonha  
D'um céu despovôado e tão profundo  
E d'uns mares tão longos que lá vão !

Junho de 1855.

---

### **PORQUE TREMES ?**

E fra tema e speranza il fin n'attende.

TASSO.

Porque tremes, ó vida ? então a morte  
Te mette tanto medo ?

Ora ! medo de que ? do que é certo ?  
E do que é consolo e esperança  
Para nós, viajantes fatigados  
Da penosa viagem ?

Deixa ir o barquinho, não t'importes  
D'onde elle irá parar;  
Onde quer que elle encalhe ahí ha porto.  
Como os homens, ah ! não sejamos loucos,  
Nem tremamos porque chegou a hora  
De ancorar a barquinha.

Devem temer da morte esses felizes,  
Que como o tronco ao chão,  
Por mil raizes prendem-se aos precarios  
Bens do mundo, não nós pobres viajantes,  
Que rarissima flôr, de vez em quando,  
Colhemos no caminho.

Escuta ! tens tu feito desses crimes,  
Que nos fazem corar,  
Que nos fazem ter medo de nós mesmos ?  
Não ! teu crime maior é ter uma alma;  
O teu crime é sentir demais as dores  
Dos espinhos da vida !

O teu crime maior é ter amado,  
E desejar na terra  
Prazeres reservados só aos anjos,  
Prazeres que só tem-nos acabados  
Aquelles que bem como tu na terra  
Viveram em jejum.

Olha em torno de ti; essas delicias

Em que se atola o mundo;  
Esse pouco de gozos, inda impuro,  
Que os felizes conseguem, á teus labios  
Nunca chegaste, nunca nem de leve  
Os podeste provar.

O teu unico gozo só tem sido  
Ser privada de gozos !  
Como então te receias dessa hora  
Que deve te marcar o fim das dôres?  
Em que deves chegar ao doce pouso  
Da eterna f'licidade ?

Sorris, e melancolica me pousas  
Teu olhar socegado !  
Obrigado, meu anjo ! comprehendeste  
Todo o meu pensamento ! Sim deixemos  
Ir vogando o barquinho, e entretidos  
Fallemos de outra vida.

Onde quer que nos leve o vento e a onda,  
Nosso porto acharemos.  
Quando unidas em uma duas almas  
Palpitam por vôar, e só esperam  
Que se quebre a prisão do fragil barro  
Ah! o céu já é dellas !

Junho de 1855.

---

## **SUPPLICA.**

Espirito de força, etherea chamma,  
Do genio fanal,  
Celeste emanção, que Deos esparge  
Com seu divino sopro aos escolhidos,  
Como outróra nos ermos arenosos  
Da Arabia requeimada  
Ao seu povo o maná;

Uncção da divindade qu'aos profetas  
De Sion sacrosanta,  
Como do vinho o generoso sumo,  
Nas almas lhes filtravas a virtude  
Que sorri nas torturas, entre as lagrimas,  
Qual cedro entre tormentas,  
Como a roza entre espinhos;

Estrella do Helleno cego vate,  
E do con-sorte Luso,  
Á cujas bôcas ressequidas déste  
Provar na taça unica que farta  
Um pouco a nossa sede de existencia,  
D'uma vida que dura,  
E é succo d'outras vidas;

Tu, crença derradeira do anglo vate,  
Do sceptico infeliz,  
Que as mólas exauridas de sua alma

Restauraste vigor, lhe concedendo  
Inda poder lutar no vão da vida,  
Porque lá entrevia  
Uma c'rôa de martyr.

Mysteriosa força, semelhante  
À do encarcerado  
Que derribou o domo ingente, e junto  
Os crueis Phariseos comsigo ás ruinas  
Sotopoz; do infeliz ultimo alento  
Que o faz rir das cadeias  
Da dôr, e das miserias;

Companheira fiel do que descrê  
Dos prazeres da terra,  
Do que sente vibrar as cordas d'alma  
Por um sopro celeste d'além vindo,  
Cujo aroma fagueiro lhe promette  
Aureola divina  
Sobre o seu frio tumulo;

Tu, desejo insaciavel do que sonha  
N'outra vida melhor,  
E esperar lhe fazes que na terra  
Dessa vida retumbe um echo ao menos  
Pela bôca dos homens, que á tumba  
Concedem finalmente  
O qu'ao vivo negaram;

Oh! tu alento extremo da voz fraca  
Do poeta agonisante,  
Que o faz esforçar um canto ainda  
Porque crê na justiça, e a esperança

Com um raio bem vivo ainda aclarar  
No occidente tombando  
A metade do céo!

Não abandones, não, ao pobre bardo  
De quem és a estrella,  
Alenta-lhe a oppressa alma que tende  
Ao seu fim como o incenso que remonta  
As nuvens! Aí! se somes de seus olhos  
Vai o triste cahir  
Sem remissão no abysmo!

Sua bôca não sabe mais o gosto  
Dos prazeres dos homens!  
Sem alento e já frouxo elle bambeia;  
O sustento da vida já lhe falta,  
A esperança e a fé; não abandones  
Ao triste desgarrado  
No meio do sertão!

Agosto de 1852.



## **A ALMA SOLITARIA.**

Deserto su la terra  
Col rio destino in guerra  
È sola speme un cor  
Al trovator.

Como voz de meiga amante,  
Que suspira e acaricia  
Com disfarçada alegria  
Ao amado de sua alma;  
De quem ella desconfia  
Por vêl-o tão pensativo,  
Eis da brisa o sopro vivo  
Que na folhagem cicia.

Semelhante á quem de dôres  
Adurdido, sem sentir,  
Deixa do peito sahir  
Tristes queixas e clamores,  
Em ancias se revolvendo;  
Eis o tremulo arvoredado  
De um lado e de outro batendo  
Os seus ramos rugidores,  
No silencio, entre os pavores  
Das trevas que mettem medo.

Gemendo de longe vem  
Lá um echo da chapada,



Como triste voz que brada  
Da matta na solidão,  
E se cança em pranto vão  
Á pedir, desventurada,  
Quem lhe venha dar a mão.

E á meus pés vai murmurando  
Este corrego amoroso,  
Onde está se retratando  
O anil do céu saudoso  
Com os seus astros brilhantes,  
Como as ideias amantes  
Que n'uma alma inda innocente  
Sóem brilhar docemente.

Mas a brisa que murmura,  
O arvoredo que cicia,  
E o echo, que me envia  
Lá dos serros a fragura,  
E o gemido da corrente,  
Ai! não são de alma que sente,  
Vozes doces e amorosas.

São apenas sons sem vida,  
De fibras que vão vibrando,  
E não são de alma dorida  
Queixumes qu'ella exalando  
Vai tão triste, e meditando  
Seus cuidados, sua vida!

Quando com seu brando sopro  
Passa o vento e fere a lyra,  
Tremendo a corda suspira;

Mas o som que della tira  
Esse sopro, não semelha  
Com o dessa voz afflicta  
De uma alma, que se agita,  
Com ancias e que contrita  
Sob a dôr immensa ajoelha,  
E no desespero grita.

E ao gemer da murmurosa  
Onda no pé do rochedo  
Falta o que de voz queixosa  
Do amante, que com medo  
Implorar ao doce bem  
Com ar de supplica vem.

No céo sorri  
A alvorada,  
A luz tresnada  
Por elle todo;

Como alegria  
Qu'aclara a face,  
Aonde nasce  
A esperança.

E tambem elle  
De carregada  
Nuvem fechada  
Fica coberto,

Como o semblante  
Aonde peza  
Uma tristeza  
De desespero.

Mas da aurora o sorriso, e a tristeza  
Do nebuloso céo  
Ah! não é a tristeza nem o riso  
Que deparar desejam nossos olhos  
N'outros olhos também.  
Não é alma que goza ou que padece  
Quem nos falla amorosa.

Na voz da solidão, nos magos quadros  
Que a sombra e a luz se contrastando  
Desenham no universo,  
É em vão que procuro a voz de uma alma!  
Mudas de sentimento  
Meu coração as sente amargurado;  
É em vão que procuro olhos que pensem  
E no seu crystallino olhar me mostrem  
Quadros que teem vida,  
Que desenham ideias, sentimentos!

E se da viração estes suspiros,  
São as vozes de anjos invisíveis  
Que me fallam occultos,  
Se de essencia divina é este o bafo  
Que me vem alentar a alma frouxa,  
Se no pallido olhar dos astros meigos  
Da solitaria noite,  
Eu devo conhecer o olhar mais puro  
De angelicos espiritos, que adejam  
Em torno á mim no ar azul do céo,  
Meu Senhor, oh! porque não lhes dás corpo,  
Não os mostras á minha vista fraca,  
Que quizera bem vê-los, conhecel-os,  
Palpa-los como apalpa o escabroso

Do trilho onde divaga ?

Queres que os veja bem, quando interpões

Entre elles e minha alma espesso muro ?

Queres que lhes conheça as doces vozes,

Que me chegam tão fracas atravez

Do barro da parede ?

Queres que sua luz minh'alma inunde

Quando a encarceraste,

E apenas um raio filtrar póde

Dentro do escuro carcere,

Por uma tenue fresta da argamassa

E da argila qu'a cerca ?

A triste encarcerada tantas vezes

Se prostra na prisão,

Para ouvir essas vozes que lhe trazem

As brisas de outros mundos;

Pela fresta de donde vêm-lhe a luz,

Contemplativa enfia a vista attenta

Para vêr se lobriga divas formas

Que deslisam no empyrio;

Quando o sol lhe perpassa por diante

Quer fita-lo, admira-lo,

Conhece-lo apezar de offuscada

Por tanto resplandor da fronte augusta !

Ai della ! apenas visos

Das mais qu'ethereas fórmias

Percebe mal distinctos,

Como o pobre da rua quando mira

O paço illuminado,

E atravez da vidraça e da cortina

As donosas figuras que lá dançam !

E a triste peregrina  
Nunca pois ha-de ouvir  
Vozes mais perceptíveis !  
E nunca ha-de poder mais claramente  
Contemplan tua face,  
Da sua luz divina illuminar-se,  
E em mares de delicias afogada  
Adorar tua mão beneficente !  
No ermo do seu carcere sósinha  
Ha-de fallar c' o vento,  
O vento que não tem alma que sente;  
Ha-de desabafar com elle só  
As ancias, qu' a aturdem !  
Ha-de olhar esse azul unicamente,  
Esse azul tão deserto algumas vezes  
Como alma que só enche o desespero,  
Outras vezes povôado de olhos mudos,  
Como a sala vetusta,  
E toda illuminada  
Que circundam retratos impassíveis !  
Não, Senhor, tu não queres que tão triste  
Seja do infeliz o cru desterro !  
No paraizo mesmo  
Não pode viver só o pai dos homens !  
  
Se uma alma desterrada, até a hora  
Em que deve passar a temerosa  
Ponte da vida eterna,  
Tem de viver da duvida nas sombras  
Tateando pelas trevas o caminho;  
E tem de se arrastar sempre tremendo  
Nas fraguras da plaga do desterro,

Mal divisando, sempre muito ao longe,  
A estrella qu'ê seu norte;

Senhor, não n'a deixes  
Tão só divagar,  
Tão só se arrastar  
No triste deserto.

Uma alma consocia  
Á triste concede  
Com quem ella arrede  
Da estrada os tropeços.

Com quem de mãos dadas  
Fallando, sorrindo,  
A triste vá indo  
Sem medos do escuro.

Com quem distrahida  
Esqueça da dôr,  
E tenha valor  
D'ir sempre avançando.

À quem de companhia na jornada  
Leva alguém que lhe falle;

Na garganta do morro  
O caminho estreitado,  
E o matto cerrado  
Sombrio e tristonho,

E o ronco do rio  
Que tomba em caixoeira,  
E a luz feiticeira  
Da caipora que dança,

O soturno dos echos  
Que gemem no sertão,  
O feio refegão  
Que ronca, encobre tudo,  
Não mettem tanto medo, não opprimem  
Ai! tanto o coração.  
Junho de 1855.

---

**LAGRIMAS.**

*Et lingua mea adhesit faucibus meis*

**PSALMUS XXI.**

Quizera consolar-te, uma palavra  
Ao menos te dizer que te abrandasse  
Essa dôr sem limites!  
Uma gota de mel quizera dar-te  
Para molhar-te o labio ressequido!  
Porém o que dizer? qu'a vida é nada?  
Que é nuvem que passa,  
Ou que é fragil canna,  
Que só passando o vento já derriba?  
Qu'é triste condição do que na terra  
Teve a desgraça de nascer? qu'a roza,

A rainha das flôres,  
Tambem tem de murchar,  
Ella, cujo perfume a brisa amavel  
Deleita-se em beber,  
Ella de cujo nectar se sustenta  
O lindo beija-flôr ?

O que hei-de dizer ?  
Que viver é vagar qual peregrino,  
E soffrer as tristezas do degredo,  
Supportar intemperies,  
Deitar em duro chão, nelle volver-se  
Devorado de insomnia ?  
Hei-de dizer qu'a morte é da viagem  
O termo desejado,  
Qu'é feliz quem primeiro á elle chega,  
Qu'apoz o dia vem por força a noite;  
E abrindo o livro santo  
Hei-de mostrar-te a lettra que promette  
O paraizo aos anjos,  
Quando teus olhos turvos, desgraçada,  
Ai nada podem vêr  
E nada querem vêr, porque não podem,  
Vêr o rosto d'aquelle por quem choram !...

Hei-de dizer que teu amado filho  
Lá descança no céu ?  
Qu'elle te diz : « não chores, a doença  
« Já não me afflige o peito; convesço  
« Na casa do Senhor,  
« E já respiro o ar da vida eterna,  
« E espero por ti ? »



Hei-de dizer que são sem fructo as lagrimas,  
Qu'a morte irrevogavel o que toma  
Jámais nos restitue, e qu' o sepulchro  
O que feichou, feichou,  
Que prantos, nem gemidos não arrancam  
O que elle engolio?  
Qu'é baldado bater co'a fronte núa  
Na lousa inabalavel,  
E que o chão da morte em vão se inunda  
Com o pranto da dôr,  
Que não revive a flôr, murcha, do tumulto?

Não direi o que sabes!  
O que saber não queres!  
O que fria razão instante diz-te,  
O que o mundo todo te repete,  
O que todos os dias estás vendo  
E o que teu coração, ah! crêr não póde!  
Elle todo se parte,  
Elle sabe a verdade,  
Porém crê-la não quer! não póde, o triste!  
E hei-de eu repeti-lo em frias frases,  
Hei-de dilacerar-te mais o peito,  
Sangrar-te o coração, nelle enterrando  
O punhal d'um consolo mentiroso!  
Não, não quero insultar-te a dôr immensa,  
O' mãe muito infeliz!  
Não quero repetir-te vãs palavras,  
Quando dilacerada tu te estorces  
Procurando do teu amado filho  
O semblante saudoso,

E não encontras mais do que vasio !  
Quando o chamas insana, delirante.  
E a voz quebras ahi contra as paredes !  
Quando julgando ouvi-lo, crendo vê-lo,  
E mais attenta escutas e o procuras,  
E não achas senão o desespero  
Que te comprime o peito e te suffoca,  
    Qu'até te secca as lagrimas !  
Oh ! não, não posso dar-te aos olhos avidos  
    Essa imagem querida ?  
Não posso restituir-te o filho vivo  
    Para vêr-te abraçal-o,  
Para t'o entregar ás tuas caricias ?  
Não posso transtornar das leis o mundo ?  
    Bem ! não insultarei  
Essa dôr com palavras sem sentido !  
  
Só tenho as minhas lagrimas, ó misera !  
E para unir-se ás tuas ellas cahem-me  
    Dos olhos sem querer.  
    Quero inundar-te as mãos.  
    Choremos, sim choremos.  
Ah ! chora-lo contigo, eis o que póde  
Fazer quem te ama, e quem amou teu filho.  
O que mais póde dar o triste amigo  
    À mãe desconsolada,  
    Senão as suas lagrimas ?  
Agosto de 1852.

---

## **CARICIA.**

Pomba, porque tens medo, porque foges  
Com tua cabecinha ?

Quero-te tanto bem, e te arreceias !  
Oh ! cuidas que te vou sem piedade  
Maltratar-te, arrancar-te as niveas pennas,  
Esta macia seda ?

Pomba, não fujas, não ! quero beijar-te !  
Tens medo do meu beijo ?

Pomba, mas o meu beijo é innocente,  
Quero beijar-te como uma donzella  
Beija a linda irmãsinha, que sorri-se...  
Beijo assim faz corar ?

Olha; quero beijar-te só; roçar-te  
Pela branda pennugem  
Minha bôca amorosa; estão queimando  
Os meos labios! oh ! deixa qu'os refresque  
Alisando com elles esse peito,  
Que palpita medroso.

Olha; medo de mim ? porém porque ?  
Tu tambem és como ella ?  
Ella me foge sempre; nos seus olhos  
Vejo tremer um medo innocentinho;  
Medo só ? ah ! não sei; ás vezes cuido  
Que não é medo só.

A roza tão corada nem bem sente  
O suspiro do zephiro,  
Começa á se dobrar do outro lado.  
Mas nem bem pára o vento, ella se volta  
Como para o enguiçar, e vaidosa  
Se embalança no pé.  
Agosto de 1854.

---

### **A' MINHA FLOR.**

O' minha flôr!  
Em quanto teu calix fresco  
Conserva seu viço a côr,  
Em quanto da alva ao albor  
Vem a brisa matutina  
Respirar-te o grato odor;  
Olha! a gota crystalina  
Que recende no teu seio,  
Ao beija-flôr  
Deixa, deixa colher, cheio  
D'amor!

Ah! minha flôr!  
Não vês qu'o sol logo sobe  
Ao zenith abrazador,  
E mais logo se ha-de pôr?  
Teu calix, murchado então

Penderá, perdida a côr,  
E despencará no chão !  
Acabar não é cruel  
Sem beija-flôr  
Ter-te haurido o doce mel,  
Oh! flôr ?

Julho de 1853.

---

**UMA LEMBRANÇA.**

Vamos, vamos, minha irmã,  
Vamos lá correr no campo,  
Vamos até o cancan;  
Não vês tu como a manhã  
Está tão fresca e tão bella?

Olha ! a gramma está molhada;  
Oh! na frescura da gramma  
Metter os pés não te agrada?  
Corramos pela chapada  
Qu'está coberta de flôres.

No correjo passaremos  
Pisando nas alvas pedras,  
Lá ao alto subiremos  
E na pedra sentaremos  
Que no verde lá negreja.

Olha em moita as rôxas flôres  
Da mimosa vassourinha;  
Tu tens medo de te expôres  
Da manhã aos frescores ?  
Porém ella está tão bella !

Não vês tu, como clareia  
Lá o sol no chapadão ?  
O corrego elle pratêa,  
E todo o céu se incendeia  
Com o seu clarão vermelho.

Vamos lá, deitar na grammã,  
Olhar as nuvens do céu,  
Deitados na molle cama  
De macega que se acama,  
Vêr passar por cima as nuvens.

Lá a gente enxerga o céu  
Tão mais perto, tão mais perto!  
Olhando assim para o céu  
Oh ! quem é que se não crêo  
Ir voando para elle ?

Novembro de 1855.

---

▲' \* \* \*

Como a flôr odorifera  
Que deleita os contornos c'os aromas

Do seu mimoso calice,  
És tu com tua face honesta e alva,  
Os corações prendendo com as graças  
Do teu sorrir amavel.  
São perfumes, que exhala a tua bôca,  
As palavras que dizes,  
Revelando os encantos escondidos  
Da modesta virtude !

Feliz quem do céu teve esses perfumes !  
Feliz quem foi dotada pelos anjos  
Para vir tomar parte no banquete  
Da vida ! sim feliz !  
E tu não te lastimes de ser pobre  
Dos dons qu'a terra dá,  
Desses ouros e joias qu'a cobiça  
Desenterra suando !  
Se á quem do céu já traz seu bello dote  
Inda fosse preciso  
Dar-se o dote da terra,  
Ah ! o que se daria á quem não teve  
Dos anjos um presente ?

Novembro de 1855.

---

## **ALMEJO.**

**Ah! vem! amemos! vivamos!**

**ALVARES DE AZEVEDO.**

**Ah! nem cuidas qu'ideias tenho ás vezes!  
Sim! se fosse possivel ir contigo  
Atravessando os ares,  
Voando com o vento!  
Ir n'um raio da lua arrebatado  
Subir além das nuvens!**

**Pousar lá em um mundo dos espaços,  
Em um dos globos de ouro que fulguram  
Na abobada azulada  
Do palacio de Deos!  
Ir viver do teu halito celeste,  
Nos paramos do ether.**

**E mostrar-te de lá pequenininhos  
A terra, o sol, os mundos! e nem vemos,  
Na distancia sumidas,  
As moradas dos homens,  
Nem ouvirmos o seu barulho louco  
Como de mar que ronca! !...**

**Não me chames de louco, não te rias;  
Quero contar o que tenho no peito....**



Começo, nada digo,  
Fica a fraze no ar,  
E ris-te da loucura ! Mas é certo  
Eu tinha o que dizer-te.  
Abril de 1855.

---

**A' ELLA.**

No céu brilhante do poente em fogo.

**ALVARES DE AZEVEDO.**

Vem cá; vem vêr que tarde encantadora !  
Tudo está tão tranquillo,  
Que mal se sente um sopro muito leve  
Da aragem nas folhas;  
Tal imagino ser teu molle somno  
Afagado por sonhos feiticeiros.  
Dá-me cá tua mão; vês tu que céu ?  
Já tinhas reparado ?  
Olha! são côr de rozas os vapôres  
Que lá cobrem os morros !  
É o sol quem os tinge ! assim tu coras  
Quando encontras teus olhos com os meus !  
Olha; fitando a vista, não parece  
Que o morro é que é corado ?

É elle quem parece côr de roza  
Entre os vapôres brancos,  
Como verei teu rosto brevemente  
Atravez do teu véo branco de noiva?  
Has-de crêr? nunca vi cobrir-se os morros  
Dessa côr; sim, nunca vi.  
Os vapôres são sempre esbranquiçados,  
O morro verde escuro.  
É assim como o mundo, sempre torvo  
Com os seus nebulosos pensamentos.  
Nunca vi desta côr tingir-se os morros;  
Vejo agora, porque?  
É porque sou feliz, ó minha vida.  
Estou ao pé de ti,  
E então tudo em roda se me mostra  
Como que revestido de alegria.

Abril de 1855.

---

Porque pedes qu'ó tempo  
Mais veloz rode o carro,  
E do cruel mallogro a hora negra  
Desejas com tal ancia?  
Criança, ai! o que queres?  
Porque tens tanta pressa,  
Folha, de desgarrares-te do galho,  
De voares c'ó vento?

Folha, pois tu não sabes,  
Qu'em quanto ao ramo presa,  
Estás unida á fonte donde bebes  
A seiva da existencia ?

Mais sustento não queres ?  
Queres já despencar-te ?  
E para que ? correr o mundo atôa ?  
Com o vento, c'o pó ?

Cuidas que lá é tudo !  
Lá é rolar na poeira  
Murchar, amarellar, e fenecer  
E desfazer-se em terra !

Criança, se soubesses  
Quão apressada corre-nos a vida,  
Como tão cedo esvae-se aquella seiva  
Qu'o seio maternal nos dá tão prodigo!  
Quão depressa se gastam esses succos,  
Depois qu'ao seu zenith o sol nos toca,  
E começa á lançar-nos para diante  
A sombra que se alonga !

Não acháras então  
Qu'elle sobe tardio no seu carro,  
Não te acháras já farta de existencia,  
De ter de chupar inda alguma seiva,  
De ter ainda horas que viver  
Antes de vêr chegado o meio dia !  
Para viçar, crescer, que custo, folha !  
Para murchar qu'istante !

Março de 1855.

---

## **TRENO.**

Che senza speme vivemo in disio.

**DANTE.**

Emquanto minha mente devaneia  
N'um mar de pensamentos,  
Se uma ideia mais triste, como a nuvem  
Que passa e cobre a lua, a fronte tolda-me;  
Se uma lembrança negra me desperta  
Semelhante ao soprar do vento frio;  
Contraíndo os sobrólhos despeitados,  
Atiro, sem pensar, ao rio a folha  
Que distrahida minha mão volvia.  
Lanço-a lá e nem olho onde ella vae;  
E a folha entregue á rapida corrente  
Deriva atôa pelo rio abaixo,  
Roçando aqui na beira, ali na pedra,  
Além n'um galho sêcco,  
Volteando de vagar pelo remanso;  
D'ahi correndo rapida no estreito,  
Depois no redomoinho andando doida,  
Até por fim tombar da cachoeira,  
Cahir no fojo escuro !  
Assim, ó Deos, em um momento d'ira  
Lançaste-nos no mundo !  
Neste pégo de dôres, entregando-nos

Do tempo á vaga doida; e desdenhoso  
Volveste á meditar em tua mente  
Immensa os teus eternos pensamentos !  
E nós, pelos barrancos esbarrando,  
No ribeirão da vida derivamos,  
Até que arrojados pela vaga  
Vamos sumir no mar da eternidade !  
E como a folha perde a côr e o lustre,  
E n'agua decomposta pouco á pouco,  
Já livida por fim, em puro lodo

Desfeita, se espedaça;  
Em cada onda do tempo assim tragamos  
Os venenos da dôr, os desenganos,  
E rota a esperança, e apodrecidas  
As lindas illusões, vemos desfeita  
A vida em terra e nada !

E se ao menos como a folha  
Oh ! meu Deos ! eu fosse em tudo !  
Se como ella fosse mudo  
Do infortunio no encontrão !  
Se como ella não chorasse !  
Nem teu nome blasphemasse  
Minha desesperação !

Se eu pudesse, bem como ella  
Sem cuidado deslizar  
Da existencia sobre o mar,  
Sem olhar para o porvir !  
Se meu peito não gemesse  
Quando vê que o sol desce  
E no occaso vai sumir !

Se fervendo a minha ideia  
D'outros mundos não fallasse !  
Se em sonhos não visse a face  
D'outro sol muito melhor !  
Se o desejo, como a aragem,  
Não voasse por paragem  
De prazer mais durador !

Se meus olhos sobre a nuvem  
Não formassem mil castellos,  
Para em um momento vê-los  
Sumidos na escuridão  
Da noite que já tombou !  
Se desta pobre alma o vôo  
Não a endoidecesse em vão !

Se nos vapôres da aurora  
Eu não visse a esperança  
Em subtil, etherea dansa  
Acenar-me lisongeira !  
Se meu peito não arfasse  
Quando ella se evapôrasse  
Do sol fugindo ligeira !...

.....  
.....

Ah ! a folha é mais feliz !  
Oh ! meu Deos, ella não sente;  
Da dôr o espinho pungente  
Não lh'extrahe pranto dorido !  
Ella não pensa, nem chora !  
Pelo rio vae-se embóra  
Sem soltar agro gemido !

Despencada de sua arvore  
Ao vento ella se larga;  
E a ausencia não lh'amarga  
Como quando de afeição  
Nossos laços são quebrados!  
Ou para sempre apagados  
Da tumba na escuridão.

Se outras folhas se despencam  
Não as vê, nem sente dôr!  
Vão ellas aonde fôr,  
Oh! de nada ella se dá!  
Nem sente triste vazio  
Qual nós no coração frio  
Quando cava terra a pá!

Se era só para chorar,  
E soffrer, o pensamento,  
Oh! Senhor, e o sentimento  
Para que nos deste? Deos!  
Para que prendeste ao barro  
Esta alma que sobre o carro  
Do sol quizera ir aos céos!

Ai! a folha que calcamos  
Sob os pés te mereceu  
Melhor dom, Senhor do céu!  
Do qu'ente que creaste  
Para rei da criação;  
Pobre rei, ahi no chão  
Lança-te um sopro, desfaz-te!

Julho de 1853.

---

## DESEJO.

Porque não sou a lyra ?  
Exhalando os suspiros melodosos  
Ella gemer parece; os magoados  
Arpejos modulando,  
Crê-se qu'uma alma nella geme e canta;  
Mas ella não tem dôr;  
Rebenta-se-lhe a corda, ella emmudece,  
Mas sem ter agonias.

Porque não sou a folha que suspira  
No galho embaçada !  
Ao ouvir-lhe o gemido, qu'ella solta  
Ao perpassar do vento,  
Crereis morar no tronco  
Donzella vapôrosa, loura naiade  
A soluçar de manso;  
Mas a folha despenca-se, cahe murcha  
Sem ter soffrido dôr.  
Não se sente no seu brando suspiro  
Esse timbre de voz que geme e chora,  
O soluço de uma alma, que padece.

Porque não sou a flôr,  
Que de manhã se abre tão faceira  
A luz do sol nascente,  
Espargindo em redôr os seus perfumes ?  
Ei-la deleita os olhos,



Embelece o jardim,  
Começa á empallescer ao meio-dia  
E de noite está murcha:  
Porém sem ter pensado, nem previsto  
Essa hora tristonha;  
Não estorceu-se em mudo desespero,  
Querendo lobrigar na negridão  
Da noite que chegava,  
Os mysterios do fim de sua vida.

Porque não sou o vento ?  
Elle passa e cicia na ramagem  
Escura do arvoredo,  
Da roza e do jasmim bebe os aromas,  
E brincalhão passeia na campina,  
Sem conceber desejos,  
Sem palpitar anciado, com receios!  
Sua voz que suspira em negra lapa,  
Na abobada da igreja,  
No corredor escuro, e no telhado,  
Parece ser ás vezes  
Humana voz dorida;  
Mas não ! é ondular do ar apenas,  
Onde não estremece vibra viva.  
Se um momento julgamos ouvir nella  
O timbre de voz d'alma,  
Não passa de illusão,  
Em que gemendo cremos que responde  
Alguem á nossa queixa.  
Emprestamos ao vento a voz de um ente  
Que nos falla de amor,  
Que recebe em seu seio as nossas lagrimas;

Mas não dura a illusão  
E nos vemos mais sós do que jámais.

Porque não sou o córrego da serra ?  
Despenhado por entre barranceiras,  
Ou murmurando em vargem tapetada  
De flôres odoríferas,

Elle lá vai, e segue e no oceano  
Vai mergulhar as suas ondas claras;

Mas voltar não deseja,

Não lhe suspende o curso uma lembrança  
D'uma flôr que beijou na verde margem,  
D'uma alva pedra qu'abraçou passando;  
Elle não soffre as ancias da saudade,

E quando entra no mar,  
É sem dôr e sem susto !

Outubro de 1855.

---

Vertitur interea cœlum, et ruit oceano nox.

ENEIDA.

Protectora d'aquelle que padece

Vem, ó noite.

Vem cobrir com teu manto o rosto afflicto

Do filho da desgraça.

Como aquella que abre o seio ao órfam

Tu és a mãe de todos os que choram.

Tuas madeixas negras e molhadas  
De orvalho,  
Com tão doce frescura o abraçado  
Rosto do afflicto roçam,  
E és tão piedosa, misturando  
Ás lagrimas do triste as tuas lagrimas.

Tal faria a mais terna das amigas,  
Doce mãe,  
Que só olhando o rosto de seu filho  
Adivinha-lhe a dôr,  
E palavras tão doces vem dizer-lhe,  
Perguntando : — porque tão murchos labios ? —

Graças que já pressinto-te a chegada;  
Teu anhelito  
Doce vem perfumado bafejar-me  
A face encandecida.  
Os ardôres do dia m'a queimaram;  
Della quente suor me gotejava.

Graças que já diviso-te as roupagens  
De velludo.  
Ês tu, ó bem amada; estes aromas  
São de tuas madeixas.  
Sim, eu bem os conheço; sê bem vinda,  
Socia fiel d'aquelle que trabalha.

Ah! se não fosses tu, o que seria  
Do infeliz?  
Onde repousaria a fatigada  
E languida cabeça?

Aonde esconderia as tristes lagrimas,  
Qu'õ excesso da dôr do seio espreme-lhe?

Amiga do que chora, no teu seio  
Toma as lagrimas  
De que se ri o dia, o feliz dia,  
Que da dôr escarnece,  
Como folgar alegre de banquete  
Insulta ao sahimento que lá segue.

1854.

---

Minh'alma sympathisa com a noite,  
Porque minh'alma é triste,  
A noite sobre a terra, triste arena  
Das fadigas e lutas dos humanós  
Estende escuro manto,  
E nos mostra no céu tantas estrellas.

É assim que noss'alma se enrolando  
No manto da tristeza,  
Deixa de olhar o mundo, e vê acima  
Mil ideias mais puras scintillarem.  
Para quem geme triste  
Na terra, Deos adorna o céu d'estrellas.

Porém a alegria, o dia claro  
De nossa alma e do céu,  
Os bellos pensamentos, as estrellas  
Fazem se apagar; a alegria

Ah ! louca ! não tem olhos  
Para vêr do Eden a formosura.

Janeiro de 1855.

---

### **NO CREPUSCULO.**

No claro duvidoso do crepusculo,  
Quando a noite combate com o dia,  
E a luz á passo e passo vai fugindo  
    Cedendo o campo ás sombras,  
É tão doce vagar-se pensativo  
Pela sombria rua do arvoredado,  
Ouvindo o ciciar dos ramos tremulos !  
    Involuntario encanto  
Como que nos traspassa os seios da alma,  
Parece-nos pisar o chão da igreja  
Silenciosa, cujo echo nos repete  
    O som dos nossos passos!  
Como junto do altar palleja a lampada,  
Vê-se brilhar a estrella entre a ramagem;  
Como suspensa ali, ella vacilla  
    Com o tremer do ramo.

É qu'o céo de nossa alma melancolico  
Então se nos povôa de mais astros  
Bem como esse outro céo. É mais profundo

Do pensamento o campo.  
Aos olhos da alma brilham mais ideias,  
O coração palpita-nos mais cheio,  
E mais religiosos nossos olhos  
    Lobrigam, lá em cima,  
A falda coruscante do amplo manto  
Do Senhor dos senhores! A voz do ermo  
Diz melhor o Seu nome do qu'os cantos  
    Do orgam magestoso.

Março de 1855.

---

Helpless immortal, insect infinite?

YOUNG.

Porque pedes, ó alma insaciavel,  
    O que não tem a terra,  
O que vingar não póde em chão de morte,  
    O que é flôr do céu!  
O' louca, estende o braço, sobe ao pico  
Do mais alto alcantil, as azas rouba  
    Ao valente condôr,  
Aos limites do ar, sublime, eleva-te!  
Oh! nunca tocarás co'a mão ousada  
    Na bella estrella de ouro.  
  
Como brilha no céu aquella estrella  
    Querias lá brilhar!

Formosa canindé, no azul pairando,  
E escondendo nelle  
O azul de tuas azas, oh! querias  
Lá tambem fulgurar, mostrando aos homens,  
Sómente o peito de ouro!  
Triste nem te lembravas da corrente  
Que te segura á terra, que tão curta  
S'estica e te derriba!

E se ella fosse longa e s'estendesse  
Até além das nuvens  
Poderias voar? Oh! mais pesada  
A corrente estendida,  
No espaço descrevendo longa curva  
Maior baque te déra; quando fracas  
Tuas azas cedessem  
Já mortas de canceira, inda mais morta,  
Tombando de tão alto, ficarias  
No chão do teu degedo.

Formosa canindé, porque labutas  
Em vão, se sempre cahes?  
Porque tentas erguer tão grande peso  
Qu'as azas t'espedaçam?  
Porque te depennares, desgraçada,  
Nesse vão batalhar? porque não fazes  
Como as aves do tanque?  
Ellas vôam rasteiras com o lago  
Em bandos e catando insectos n'agua,  
E os vermes da praia!

Dezembro de 1855.

---

## ARROJO.

Tempo è da travagliar, mentre il sol dura.

TASSO.

Sôa de novo a tuba do combate;  
Avante, cavalleiro,  
Já dormiste demais da inercia o somno,  
E teu braço enervado se esquecia  
Da manobra da espada.

Guerrear é teu viver; teu braço herculeo  
De que te serviria,  
Se de dormir houvesse preguiçoso,  
Sem demandar nos campos de batalha  
Os louros da victoria ?

De que serve ao condôr a ferrea garra,  
Se carnes palpitantes  
Não tiver de agarrar, e esforçado  
Não tiver de leval-a para as nuvens,  
A morada dos raios ?

Arem outros seu campo, e aquelle ostente  
No balcão suas sedas  
Aos olhos cobiçosos da donzella.  
O guerreiro definha, se não sorve  
O fumo das batalhas



Tal o condor soberbo affronta os raios,  
Em quanto no terreiro  
Bando de mansas aves cacareja,  
O offegar do guerreiro é a victoria.  
Dos homens é o ocio.

Oh! da felicidade os mentirosos  
Agrados t'engodavam;  
Bem vês, ella mentia, e o seu intento  
Era deixar-te exanime na plaga,  
Enervado das forças.

Sim, Sansão do infortunio, não escutes  
Essa Dalila perfida;  
Sim, a felicidade enerva as forças  
Como a ferrugem róe a inutil lamina,  
Que dorme na baina.

Ah! não deixes cortar essa madeixa,  
Como ebano, luzente.  
Bello é vê-la brincar com doidos ventos,  
E não emmaranhar-se inutilmente  
Da paz no brando leito.

Graças, ó meu senhor, que como as vagas  
Do mar encapellado  
Vejo se erguer além novos tropeços.  
Lá vou, tremendas vagas, vosso escuro  
Dorso galgar impavido.

Assim minh'alma disse: ella dormia  
Fiada na ventura  
A calma que reinava, a paz do gozo,

Nos languccidos olhos lh'entornava  
O somno, o abatimento.

Eis que a viração sopra de novo,  
Mais impetuosa zune,  
E é já refegão, e arrebanha  
As nuvens; ei-las pairam carregadas,  
Promettendo borrascas.

E bem como a jaguára que desperta  
O ladrido dos cães.  
Ei-la distende os braços, olha o matto,  
E á transpôr as serras e á brigar  
Caminha resoluta.

Dezembro de 1855.

---

Da questa tema acciochè tu ti solve  
Dirotti. . . . .  
. . . . .  
O pietosa colci, che mi soccorse

DANTE.

Se o corrego tranquillo derivasse  
Sempre por floreas margens,  
Sempre no mesmo rumo, ou colleando  
Apenas brandamente o verde morro;  
Se jámais o seu curso se quebrasse

Aqui contra o rochedo que se avança,  
Além contra o barranco,  
Que se esbruga e lhe turva as claras aguas,  
Além contra uma lagem qu'ó empóça,  
Qu'ó obriga á parar, á ficar fundo,  
As aguas augmentando, escurecendo,  
Até precipitar-se em catadupas,  
A maneira do homem de alma forte  
Que sobrepuja tudo, e dos tropeços  
Faz degráo para pôr o pé mais alto;

Se como um coração, da indiferença  
E egoismo entre a pressão,  
Jámais do arroio o leito se estreitasse  
Entre chão resistente e escabroso;  
E se sobre o seu seio que reflecte  
O azul do firmamento,  
Não projectasse á espaços a figueira  
Uma sombra fechada, que semelha  
Esse véo de tristeza, que por vezes  
Nos enluta o semblante sem motivo;  
E se exposto ao sol  
O arroio não minguasse,  
Evaporando a linfa, como uma alma  
Que no verão da vida pouco á pouco  
Esvaiem-se deixa as lindas crenças,  
Poderias achar no lindo arroio  
Aquellè pittoresco e boniteza,  
Que vos enguiça á lhe seguir curiosa  
O inconstante curso?  
Esse rego tão recto, tão direito,  
Sempre d'igual fundura, igual largura

Tem graça aos vossos olhos  
Apezar de correr por um jardim ?  
Então porque te queixas da existencia,  
Metade de minh'alma ?  
Um arroio tão claro e transparente  
Oh ! é sempre tão bello !  
Não tem fundo de lodo !  
Sim, ruiva areia que alegra a vista;  
E espelho fiel sempre reflecte  
Ou o céo, ou da margem a flôr branca,  
Ou de terno amador  
O rosto embevecido, e carinhoso.

Nunca dos temporæes as enxurradas  
Tendo toldado as aguas do arroio,  
Nem debruçado as flôres  
Que lhe bordam a margem tão formosa,  
Como com sua lama o tórvo vicio  
Apaga o lindo brilho d'olhos puros,  
Porque querer mudar da linfa o curso ?

Deixa correr assim essa existencia,  
Cujo frescôr suave, tu não sabes ?  
É a seiva de muitos corações.  
Não chores, não lamentes;  
Sempre cedo de mais a hora chega;  
O arroio irá perder-se no oceano,  
Sempre cedo de mais termina a vida,  
E se não para ti,  
Para aquelles qu'a bebem no teu seio.

Sim não tentes á Deos !  
Quando Elle disser : basta, irás, iremos.

Ah! pobre folha sécca  
Irei onde levar-me a onda clara,  
Em cujo bello seio despenquei-me;  
Deos não quiz qu'a folhinha fosse ao vento,  
Ou morresse no pó,  
Ou fosse na enxurrada sepultada.  
Bem-dito seja Deos, que deu á folha  
Onda tão crystalina para ir-se  
Com ella derivando!

Janeiro de 1855.

---

**CANTILENA.**

Não gosto de motim;  
O prazer das folias é frenetico,  
E apoz, a reacção vem mais amarga ;  
Assim desanda  
Chuva em torrentes  
Depois de ardentes  
Dias de sol !

Vou ao baile estrondoso,  
Corro todo o salão, deliro e danço;  
E quando já bem tarde as ermas ruas  
Mudo atravesso,  
No coração  
Qu'ancia, que vão!  
Que desalento !

Ah ! não é deste modo  
Quando passo contigo o dia inteiro !  
Eu já te disse adeos, já te deixei,  
E ainda aqui  
Sinto o prazer  
D'estar á vêr  
Teus brandos olhos.

E cheio da lembrança,  
E ainda feliz por ter estado  
Esquecido de tudo ao pé de ti,  
O que me lembra  
Vou escrevendo,  
E revivendo  
Passados gostos.

E assim deve ser;  
O aroma muito forte dos liquores  
Faz cahir n'um estúpido torpôr,  
Cabe-se cançado;  
E acordando  
É enjoando  
Tudo o que ha.

Não assim esse aroma  
Delicado da roza e do jasmim,  
Que tiro do meu seio e te entrego;  
Já o não tenho,  
E ainda um cheiro  
Tão lisongeiro  
Me fica aqui.

1853.

---

..... e cantando vanio  
Come por acqua cupa cosa grave.

**DANTE.**

Se como dantes vissemos  
Os nossos bellos campos do Sellado,  
Inundados de sol nas bellas tardes  
De janeiro; se vissemos branqueando  
Acolá nossa casa, como n'alma  
Sorri d'amor um sonho!

Sahindo de repente  
No alto descampado, e estremecendo  
Co'a frescura do vento em nossa face,  
Como quando voltavamos da villa  
Enfatiados de bulha e sequiosos  
Da vista dos pinhaes!

Espairecendo os olhos  
P'lo lindo chapadão verde velludo,  
Com suas moitas rôxas de vassoura,  
Como rico vestido de rainha,  
Em que mão delicada bordou flôres  
Com fios de setim.

Se como d'antes fossemos  
No grammado macio nos sentarmos  
Olhando o sol entrar, de labaredas

Tingindo todo o céu; bebendo a fresca  
Que só n'aquelles campos se respira !...  
Tudo é desejo vão !...

Atraz não torna o rio;  
A folha despencada, despencou-se!  
Do prazer que passou não resta sombra,  
E no espelho do rio em vão se busca  
Da flôr da beira vêr a imagem tremula !  
Ella passou tambem.

Se resta é quando muito  
Um echo, uma lembrança, um nada apenas;  
É como o que nos fica estremecendo  
No ouvido depois que calou a fruta,  
E as ultimas notas extasiados  
Escutamos ainda.

Tal as feições da virgem  
Que vimos fenecer antes de tempo,  
Roza qu'emmurcheceo em sua aurora,  
Temos no pensamento inda gravadas,  
E ás vezes lhe vemos o sorriso  
Como d'antes angelico !

Março de 1855.

---



Mopso Nisa datur! quid non speremus amantes?

VIRGILIUS. — ECL. VIII.

Que m'importa qu'a não vá desgarrada?

Qu'ô piloto fumando o seu cachimbo

Sobre o leme adormeça?

De sua posição saboreando

*O dolce far niente?*

Em quanto o commandante em sua camara

Faz as contas do lucro,

Que lhe deve render a sua carga?

Se ousar erguer a voz o marinheiro

Será lançado em ferros; se o perigo

Mostrar á equipagem,

Accusado de ser a causa delle

Será lançado ao mar,

E em todo o caso a não, desnorçada,

Irá dar nos baixios,

Ou irá sossobrar do mar nos fundos.

Guardemos para a hora do perigo

A nossa robustez e sangue frio;

Ahi acovardados

Os vis ante a tormenta, a fronte humildes

Curvarão ao marujo,

Cujo braço robusto e vista attenta

Sabem desafiar  
O vendaval, domar os vagalhões.

Então os vis á pouco desdenhosos,  
Ao olhar do esforçado attentos seguem,  
Buscam nelle a esperança  
E salvação lh'implorem, e tremendo  
Como pobres escravos  
Querem adivinhar os seus acenos.  
Amigo, ahí será  
A tua occasião de te mostrares.

.....

E nós, querida amiga ? o que faremos ?  
Vês descahir a nave, estás tremendo  
Já de vê-la encalhada !  
Queres que teu amigo á ponte salte,  
Eleve voz ingente  
E ordene a manobra ! Lastimando  
Não teres braço de homem,  
Queres que teu amigo tome o leme !  
A voz do paria quem ouviria  
Entre os grandes Brahmines ? ai do triste,  
Para elle é um crime  
Ousar erguer os olhos para um homem !  
Passando-lhe por junto  
O cavalleiro póde derribar-lhe  
A cabeça no pó.  
A voz do paria quem ouviria ?  
Conjurar a tormenta póde aquelle

Que não dispõe do raio? A não sem leme,  
Que vai desgovernada  
Pela mão da inercia e da ignorancia  
Póde o homem do povo  
Fazer parar? aquelle qu'è o ultimo  
Dos tristes marinheiros  
Conjurar a tormenta! o desgraçado!

Siga pois seu destino a não sem bussola;  
Vivo só para ti, minha adorada.  
Do official ás ordens  
Estarei no meu posto resignado;  
Rendido por um outro  
Irei me repousar ao pé de ti,  
Olhando o pôr do sol  
À mergulhar no mar entre a cordoagem.

Quando os ventos rugirem tempestuosos,  
E quebrados os mastros, fôr a nave  
À matrôca vagando;  
Quando ella fôr á pique, nos meus braços  
Te estreitando com força,  
Entregarei ás ondas e ao destino  
A tua e minha vida.  
Comtigo qualquer sorte é sempre bôa.

No naufragio da não, nada perdemos,  
Nada possuímos nella; aonde as ondas  
Nos lançarem, teremos  
Tudo quanto possuímos neste mundo,  
O nosso unico bem,  
Eu o teu coração, e tu o meu.

Abraçado contigo

Oh ! não temo os tufões e os roucos raios.

Somos um em dois corpos; estreitados

Eu contigo ou seremos mortos juntos,

    Ou iremos co'a vaga

Parar em ilha ignota, n'um rochedo,

    Aonde encontraremos

O que para gozar nos é preciso:

    Uma arvore, uma fonte,

Fructos, flôres, o céo, e a molle gramma.

Se no pego engolidos, nossos corpos

Exhalarem a vida, nossas almas

    Unidas como aqui

Voarão... voarão lá para uma ilha,

    Que branqueia no espaço,

Uma estrella no oceano de ether puro.

    Duas almas que se amam

E que soffrem, oh ! Deos jámais sepára.

Abril de 1855.

---

**AI.**

Mais uma endeixa

Quero cantar,

Quero soltar

Mais um queixume;

Como no tempo,  
Qu'ô coração  
N'uma expressão  
Dizer sabia

O que no amago  
Lhe palpitava;  
Quando elle achava  
N'uma palavra

A copia viva  
Do que sentia,  
Do que lhe doía  
Bem lá no intimo.

Quero chorar  
Como chorava,  
E implorava  
À minha mãe,

Que no seu collo  
Me vinha pôr  
E com amor  
Me acalentava.

Quero cantar  
Como em criança....  
Mas ah ! se cança  
Em vão meu labio.

Elle não sabe  
A ingenua fraze !  
Como se vase  
A minha dôr

Nem sei já mesmo;  
Não sei chorar,  
Nem derramar  
A dôr na lagrima !

Assim o ramo,  
Que chora e geme,  
E o succo espreme  
Quando ferido ;

Depois de sêcco,  
Pelo machado  
Sendo cortado  
Em estilhaços,

Não chora mais,  
E nem mais geme;  
Apenas freme  
Solta um som sêcco,

Qu'ahi retumba  
Ouço no ar;  
Assim chorar  
Não posso mais.

E o meu lamento  
D'um som não vai  
Qu'ahi se esvae  
Vão, sem sentido.

Outubro de 1855.

## CANTATA.

### I.

Pelas azues, diaphanas campinas  
Tranquilla deslisava  
A deosa melancolica da noite,  
E as aguas prateava  
Do rio. No zimborio da torre alta  
Decima hora batia  
E o som repercutido pelos echos  
Na solidão morria.

O rio á murmurar por entre as pedras  
Qu'estorvam-lhe a carreira,  
Co'as folhas á brincar da matta escura  
A brisa lisongeira,  
A sombra da tayuba densa e negra  
Nas aguas se alongando,  
Ideias de saudade e de tristeza  
Na mente despertando;  
O silencio da terra adormecida  
Tão grato á alma, que pena,  
Da noite o orvalho qu'ao calor do arbusto  
E alma enferma serena,  
Tal era o confidente que buscava  
O moço lamentoso ;

A brisa suspirando arrebatava  
Seu queixume amargoso.

II.

Virg em de tranças de ouro, de olhos garços,  
De tez toda candor,  
Na côr e no perfume da alma lirio,  
O poz louco de amor.  
As es pigas douradas do seu louro  
Não venceram a côr;  
Nem céo, em dia estivo, de seus olhos  
Já teve o resplendor.  
Na voz dissereis som de argentea corda  
Vibrando meigamente,  
O olhar é raio que reflecte na alma  
De dita almejo ardente.

III.

Uma vez quando a varzea matizada  
Perfumes recendia,  
E ao murmurio do vento o seu murmurio  
O rio confundia,  
Nos labios della vio despontar meigo  
Enganador sorriso,



E louco imaginou, sentio, gozou  
Ditas do paraíso.  
Foi sorriso de amor e d'esperança  
Mui doce e passageiro;  
Tal no meio de negra tempestade  
De sol raio ligeiro,  
Detraz das negras nuvens luz á medo  
Apraz, contenta a gente;  
Vamos goza-lo, some-se; a borrasca  
Continua fremente.

IV.

Sobre o banco de pedra humido e frio  
Da alta ponte arqueada  
Ei-lo se senta, e olha na corrente  
A onda precipitada;  
Não a vê, não a sente. Ideia fixa  
Unica, só, constante  
As forças todas da alma lhe tem presas  
Sem fôlga d'um instante.  
Assim fôra debalde se tentasseis  
Do rumo desviar  
A bussola; deixaste-la, já volve-se  
O norte á procurar.  
Fitado o torvo olhar no rio torvo,  
Impassivel e quedo  
Dissereis muda estatua, ou negra sombra  
De vulto que faz medo.

V.

Quando da meia-noite o vento fresco  
As palmas do coqueiro  
Agitou, mansamente murmurando  
Um cicio ligeiro,  
Nesse mesmo lugar inda sentado  
Á meditar o achou.  
Quando o gallo annunciando o albor do dia  
As vezes trez cantou,  
Não arrancou o surdo do profundo  
Lugubre meditar;  
Nem mesmo o arrancára do trovão  
O rouco retumbar.

VI.

Em torno á imagem della eternamente  
Seu pensamento andava  
E constante a seguia, como ao corpo  
A sombra sempre escrava.  
Da brisa no murmurio ouvir-lhe cria  
A voz á modular;  
Na face melancolica da lua  
Parecia brilhar  
Seu angelico rosto. O raio escasso  
Da lua prateada

Era della o olhar enternecido;  
E se entre a bem fechada  
Ramagem do arvoredado reluzia  
Um pallido clarão,  
Parecia-lhe vêr um seu sorriso  
Todo fascinação.

VII.

Às vezes ao enfermo doce somno  
A dôr como qu'apaga;  
Em doce esquecimento um sonho brando  
Levemente o afaga.  
Assim na ideia tôrva, alguns instantes  
Persegue uma ventura,  
N'uma illusão se embala, como a flôr  
Da brisa na doçura.  
E o senho carregado s'espraiava  
Em ditoso sorriso;  
Assim entre a tormenta um raio brilha  
Da montanha no viso.

VIII.

Ao tronco da crescida pitangueira  
Brandamente encostada,

Ei-la morbida a forma desenhando  
Na gramma reclinada.  
— Eu te amo — Nos seus olhos venturoso  
O moço lia insano.  
— Eu te amo — n'um sorriso quanto é doce,  
Inda que seja engano !  
Com ella as mãos trançando no arvoredo  
Embevecido entrava,  
Ali entre a folhage amante passaro  
Ledamente gorgeava.  
E a via fugir meio assustada  
D'um tronco com a queda;  
Recebe-a nos braços, e a vê rir-se  
Agradecida e leda.

IX.

Agora senhoril e desdenhosa,  
Com riso mofador,  
De suas esperanças o primeiro  
Tenuissimo fulgor  
Ei-la despiedada, qual carrasco  
Cruel, cortar em flôr.  
E assim do labio á bórda lhe fenece  
O suspiro de amor;  
Assim o pé de vento á meia-noite  
Roja no chão a flôr;  
Assim nuvem pejada, feia cobra  
Do dia o resplandor.

X.

Nas chagas de sua alma como gotas  
De metal derretidas  
Foram-se lentamente retraçando  
Ardentes e doridas  
Do triste desengano uma por uma  
As acerbos lembranças.  
O peito era arquejante e lhe doia  
Vazio d'esperanças.  
Pela deserta plaga alonga a vista  
E diz : tal é minh'alma !...  
E o zephire gemeu do alto coqueiro  
Na suspendida palma.

XI.

A lua s'escondera, e as nuvens pardas  
Da espessa cerração  
Se condensavam; como então cresceu  
O horror da solidão !  
Julgareis do acheronte bafarada  
Sahindo em borbotão.  
Os galhos gemebundos se envergaram  
Tristes lambendo o chão.  
Elle de novo diz olhando a plaga  
— Tal é, tal é minh'alma ! —

Então o vento ruge e da paragem  
Troando rompe a calma.  
O moço aspira forte, as grenhas soltas  
Sacode carrancudo  
Como leão, e a torrente fita  
Ainda uma vez mudo.  
Uma ideia transluz negra, medonha  
No seu olhar sanhudo.  
Qual em rosto diabolico se lê  
Nelle : — tudo acabou-se.—  
Nos concavos escuros da chapada  
Som rouco reboou;  
O pego abriu o seio tenebroso  
Ao corpo que tombou.

Por sobre os altos pincaros da serra  
Vermelha e roçagante  
Surgio a aurora, e o humido vargado  
Banhou de luz brilhante.  
Do sol o olho dourado nas planuras  
Em luzes rutilou,  
Iluminou a ponte, mas o vulto  
Não mais ali achou.

Novembro de 1850.

---

## **VIVAMOS,**

O qu' é esta existencia ? de tormentos  
E gozos successão continuada;  
Cadeia de delicias e de dôres,  
Aqui anel de ferro, ali de seda;  
Aqui mimosa flôr e lá espinhos.

Mais brilhante jámais o sol levanta  
A lucida cabeça d'entre as nuvens,  
Como apoz as borrascas e pampeiros.  
Depois da tempestade a varzea amena  
Mais leda se sorri com suas flôres.

Mais nobre e veneranda a sã virtude,  
Sahindo dos equuleos da provança,  
Conquista os nossos cultos. Da belleza  
O riso é tão mais doce deslizando  
Por entre gotas limpidas de lagrimas !

Pois bem ! correr deixemos essas horas  
De dôr ou de tristeza; depois dellas  
Virá de certo a hora da alegria.  
E seja emfim delicia ou amargura,  
Fudo não é viver ? pois sim, vivamos !

**1852.**

---

Ne la cherchez plus sur la terre;  
elle est remontée au ciel.....

RAPHAEL.

Sobe os passos da noite já começam,  
Nas campinas azues,  
Á brotar as estrellas,  
Como na verde vargem flôres de ouro.

Brilhai, flôres do céu, brilhai, brilhai.  
Ai! vós não careceis qu'a mão do homem  
Vos regue d'agua fresca.

São anjos que cultivam essas flôres  
Do jardim do Senhor?

E tu, alma querida, que voaste  
Á tua linda patria,  
Enfastiada da terra,

Aonde nem um dia as flôres duram,  
Tu lá cuidas tambem d'alguma flôr  
Dessas, que pensativos os meus olhos  
Lá divisam tão longe?

Quando no teu jardim as cultivavas,  
Baldado era o esmero,  
Mal a manhã viviam,

E quando a tarde vinha, já viuvo  
Encontrava o jardim!

Não é assim tambem que tu murchaste  
No campo da existencia?



Meu coração não é assim viuvo ?  
E se a tua flôr  
É aquella estrellinha, que lá fulge  
Nas abas do horizonte,  
Não é assim que brilha-me, na noite  
De minh'alma, a saudade ?

Do pobre caminhante, desnortado  
Nos desertos da vida,  
Eis-ahi o fanal !  
Eis-ahi a esperança que lhe resta:  
—Uma doce lembrança !—

Setembro de 1855.

---

Del ciel l'immensa volta  
.....  
Ed aere che fiammeggia  
Son d'Attila la reggia,  
ATTILA.

Frequentando as cidades, pasmem outros  
Ante as obras dos homens;  
Extaticos contemplem esses paços,  
Essas ingentes machinas  
E esses monumentos, qu'engenhosa  
A mão do artista arranja  
Com materiaes que dá-lhe a natureza,

E que elle se gaba e mostra aos homens  
Como obra toda sua.  
Analysem, admirem  
Outros a flôr de panno, a flôr de pennas  
Roubadas á arara,  
E a fingida fructa modelada  
Com a cêra que fez a industriosa  
Abelha, ou desenhada em sombra apenas  
Com o ochre da terra.  
Nesses vastos palacios, qu'illuminam  
Mil lustres scintillantes,  
Alta noite passeiem encantados  
Os olhos dos humanos, admirando  
Cada franja de seda, cada espira  
Das donosas columnas.

Que o pobre cantor, á sós no ermo,  
Assentado no morro,  
Quer ficar contemplando a azul abobada  
Dos paços sem limites do Senhor.  
Elle na flôr do campo  
Reconhece a feitura  
Das mãos do Soberano do universo,  
E depois não mais póde  
Ter olhos, ter louvores para a planta  
Sem côr propria e sem vida que ostenta  
O orgulhoso artista.

Oitubro de 1855.

## ARPEJO.

Doces canções d'amor, hymnos de gloria  
Module muito embóra, aos sons da lyra,  
    Aquelle qu'ê feliz !  
Em canticos s'espanda como a brisa  
Qu'afaga a superficie d'agua quieta,  
E beija surrando as negras tranças  
    Da bella passeadora.

Não mais nos olhos fulge-me o enthusiasmo,  
Quando guerreira tuba além passando  
    Convóca para a guerra;  
Não mais me cala as veias calor doido,  
Vendo o relampear luzente d'armas  
Que, como serpe immensa, na planície  
    Ondeia e se desdobra.

O coração não mais, oh ! me palpita,  
Quando sinto roçar-me as rugidoras  
    Franjas d'alvo vestido;  
Não mais as faces coram-me desejos,  
Quando candida mão languída cahe  
Qual lirio d'haste, e como convidando  
    Á erguel-a e beija-la.

Adeos, ficções risonhas, amor ! gloria !  
Estrellas, que brilhastes no azul puro  
    Da minha juventude !

Sumistes do meu céu! tufão gelado  
Soprou de não sei donde, e apagou-vos!  
Debalde apalpo agora pelas trevas!  
    Não mais estrellas guiam-me.

Eu sou bem como aquelle, qu'alta noite,  
Seguindo a luz do paço illuminado,  
    Tropeça e cahe no abysmo.  
Eu sou bem como a aguia á quem cortou-se  
As azas, ou guerreiro mal ferido,  
Qu'os pés dos outros calcam na poeira  
    Do campo de batalha.

O' tu qu'inda divisas da esperança  
Fulgir n'um céu de anil a face bella,  
    Como a estrella da alva;  
Vai! vai! não pares, não; em quanto a aurora  
Purpuréa o nascente; o dia é curto  
E as névoas da noitinha logo toldam  
    O pallido crepusculo.

Vai, oh! feliz, que não te invejo; não!  
Pois basta-me o fulgor meigo da lua,  
    Triste como minh'alma,  
Triste bem como a noite onde ella reina.  
Oh! resta-me o clarão da casta deosa,  
Que lá vai, qual viuva lamentosa  
    Por ermos divagando.

Assim como da aurora a luz brilhante  
Parece despargir por sobre os morros  
    Os raios da esperança;

Assim nos raios pallidos da lua  
Parece que se envolve entristecida  
Saudade melancolica; eu te amo,  
O' bello astro da noite.

Qual soffrê gemedor em matta escura,  
Qu' é campa de guerreiro indiano morto,  
A sós pia tristonho,  
Assim na solidão gemer me apraz;  
No soturno silencio de alta noite  
Me é doce meditar, ao clarão tenue  
Das candidas estrellas.

Vem cá, meu alaude lamentoso;  
Em quanto a lua sóbe envolta em nuvens,  
Mais uma vez cantemos.  
Sim, cantemos endeixas de saudades;  
Meus olhos não mais tem que vêr auroras;  
O meu dia acabou-se, agora é noite;  
Só a noite me resta.

Dizem que em paiz além dos mares,  
No funebre cypreste á noite chora  
No cemiterio um passaro.  
O' triste rouxinol, como descantas  
Teus threnos do sepulchro á brisa gelida,  
Tal, das recordações ao sopra, exhalo  
Queixumes de saudade.

Junho de 1852.

## INVOCAÇÃO.

(FRAGMENTO.)

Em quanto se adormece o borborinho  
Da cidade, abafado sob o manto  
Silencioso da noite, que sacode  
Da negra trança as languidas papoulas,  
Vem, ó melancolia, etherea virgem,  
Da viração nas azas redolentes,  
Na nuvem alvacentá embaçada,  
Meus versos inspirar. Eu não pretendo  
Cantar heroicos feitos de guerreiro,  
Nem magias de fadas vaporosas  
Em seus carros de nuvens divagando  
Além pelas planuras aniladas;  
Não é doida ficção que me arrebatá  
À sobrenaturaes mundos, só vistos  
D'olhos que desvendou furor sagrado;  
Nem a lyra de Homero, nem a harpa  
Do rei vate aprendeu a minha dextra  
Á dedilhar; da fonte do Parnaso  
Não libei uma gota, e o céu da Grecia  
Não mirei repousado sobre rozas  
E á sombra de oliveiras; o alaude  
Qu'entre as nevoas do norte e o ruído rouco  
Das avalanches á rolar medonhas,

Lamentoso chorava, desparzindo  
Nas humidas charneças, pelo oceano  
Echos de sua voz, á meus ouvidos  
Apagados ós seus accordes manda,  
Qu'aprende-los não poude e decora-los.  
Só hei visto este céo de minha terra,  
Cujo azul desvendado o estrangeiro  
Qu'aporta em nossas plagas vê com pasmo,  
Estas vargens de gramma, essas chapadas  
De vetustas florestas, grandes troncos,  
Cujo verdor perenne não desbotam  
Dos estios os bafos queimadores,  
E essas serranias penhascosas  
Donde nascem os rios, reis dos rios.  
Em vez de alegres bandos de ceifeiros  
Em dourada seára, tenho visto  
Filas de africanos em seus eitos,  
Nas colheitas das roças, nas derrubas;  
Em lugar de alamedas de videiras  
De rubros cachos carregadas, ólho  
Canavial verdejante qu'assobia  
Com o vento da tarde; alegres campos  
De mimoso capim ahi s'estendem,  
E não prados; e a faia e o carvalho  
Não se amostram aqui, mas o coqueiro  
Donoso, sobre o morro faceirando,  
E a verde bananeira cachos de ouro.

E pois eu nada sei da velha Europa,  
Como o sabiá, das nossas virgens mattas,  
Cantos não aprendidos, nenias suas  
Vai dizendo saudoso, e sem inveja

Da voz do rouxinol tão afamada,  
Nem das notas sublimes do alvo cysne;  
Sem pretensão de gloria, apenas canto  
O que o coração gemendo diz-me,  
E o que me perpassa pelos olhos  
Da alma bem como um sonho, ou rozea nuvem,  
E o que me ensina a aragem da tardinha  
Com seu bafejo fresco e aromatico.  
Sem mestre vou tentar da lyra as cordas  
Modulando cantigas innocentes, muitas vezes  
Bem cheias de tristeza, e amarguradas,  
Pois que da vida o calix quasi sempre  
Tem mais gotas de fel, do que de nectar.  
Alguns brados escaparão mais fortes,  
Mas de certo bem raros, qu' o escravo  
Nunca póde elevar a voz um pouco,  
Mal ousando chorar da viola ao canto.  
Quando meu coração ainda cria!...  
As tristes esperanças s'evairam  
Qual fumo qu' o ar leva, e o desespero  
Arrojou-me da inercia na modorra,  
Qual no brejo o machado ao jovem cedro :

Do lethargo acordemos e cantemos;  
Taes quaes o coração m'os dicta, os versos  
Discorram sem enfeite, nem adorno,  
Sombreados apenas pelas tintas  
Qu'a dôr sóe espremer dos seios da alma,  
Qu'a tristeza desfaz com suas lagrimas  
Para copiar as côres, que diviso  
Atravez do meu pranto lá nos céos.

Vem, vem, melancolia, meiga deosa,



Vem ser a minha musa, tu, qu'amiga  
Meus freneticos risos moderavas  
Quando doida alegria pelas veias  
Corria-me fervendo, e que piedosa  
Consoladora lagrima m'espremes  
Hoje nas chagas da alma; vem, etherea,  
Ensinar á meu verso a melodia  
De tua voz qu'apraz-se pelos ermos,  
Suspirando nos échos das quebradas.  
Esparge nelle a côr de tuas vestes  
Que roxêam saudades. É tão meigo  
Esse teu meigo olhar, quando m'o lança  
No peito assoberbado, escurecido  
Pelas sombras da dôr! em feio carcere  
Assim esse astro pallido da noite  
Manda um raio qu'espanca um pouco o escuro,  
Não raio d'esperança, qu'essa é morta,  
Dos pampeiros ao sopro foi-se; a lua  
Uma luz emprestada só reflecte;  
É como que do dia uma saudade;  
Assim, melancolia, o que desperta  
Em mim o teu olhar embaciado,  
São lembranças de um tempo que já foi-se,  
São as côres da derradeira tarde  
Qu'a noite do presente escureceu,  
Sem vislumbre d'um raio no oriente  
Que tambem jaz em cerração fechada.  
Sim, virgem pensativa, ergue teu rosto,  
Oh! deixa-me vêr nelle esse sorriso  
Que ressumbra tristeza, e me deleita,  
Deixa-me vêr-te os olhos turvos, abre  
Essas palpebras languidas.... tão morbidas!...

Arroubo, melodia, inspirações  
Quero beber nos teus olhares meigos,  
Nessa pupilla limpida vêr quero  
Retratar-se esse azul com suas flôres,  
Esse campo d'estrellas silencioso;  
Derrama-me no ouvido a harmonia  
De tua voz queixosa, sim, cantemos;  
Entre-meio da nuvem eis a lua  
Lá se mostra saudosa; o mar soluça;  
Cicia o arvoredo com o vento;  
Dorme toda a cidade; nada turba  
A grata solidão, propicia ao canto.

Agosto de 1852.

---

**DEVANEIO.**

(FRAGMENTO.)

Como pombo expellido do seu ninho,  
Esvoaça chorando em torno d'elle,  
Vôa, ó meu pensamento, sobre as azas  
Das saudades ao tempo que passou,  
Arranca-me daqui, deste presente,  
Que como o ar do mangue abafadiço,

E como esse horizonte limitado  
D'escuros matagaes, e tristes morros,  
Me opprime o respirar; sim, arrebatá-me  
Destes sitios qu'estão do mar ao nivel,  
Destas praias que são prenes de miasmas,  
Qu'exhala a maresia; esse granito  
É tão feio e tristonho e não me deixa  
Com seu escuro vulto vêr campanhas  
De mimoso capim, de lindas flôres  
Como aquellas que via em minha terra.  
A vista destes mangues entristece  
Aperta o coração; que desconsolo  
Os olhos enxergarem só uns mattos  
De pobres maricás, que nos espinham  
Quando vamos passando ! bem como elles  
O povo é na cidade; indifferente  
Vê-nos lidar em vão e não se move  
Para nos libertar das vagas negras;  
C'os espinhos do egoismo, bem como elles,  
Nos repelle se a mão lhes estendemos;  
Ai ! o povo é assim, e nos esbarra  
Quando vamos andando, e nos estorva  
O caminho e se ri de nossa queda,  
Esse riso cruel, que mortifica,  
Que mata o coração, mas sem deixar-nos  
Um motivo de queixa; quem se queixa  
Por se ter arranhado em um espinho ?  
Com tudo, tantas vezes nos ferimos,  
Tanto dos arranhões goteja o sangue,  
Que cahimos sem forças; nem podemos  
Conceber um desejo ! nem ousamos  
Mirar d'elle uma sombra fugidiça !

Foi-se da esperança o bello tempo !  
Findou-se a minha aurora; o meio-dia  
Agora abrasador me exhaure a vida  
Em amargo suor; o fogo ardente  
Das paixões me evapóra as seivas da alma;  
Do desespero sinto o exaurimento,  
Desfallece-me o animo, esmoreço,  
Em breve eis-me por terra! tal perdido  
No meio do deserto o peregrino  
Estende em roda os olhos e só vendo  
Areaes, areaes e um céu de bronze,  
Larga os braços cahidos, e ahí fica !

.....  
Mal talvez á tardinha alguma aragem  
Venha me refrescar a fronte ardente,  
Enxugar-lhe o suor ! então ainda  
Olharei o crepusculo da tarde !  
Costuma o sabiá mais movioso  
Na vargem modular adeos mais terno  
Ao sol que se retira. Remontemos  
Do sol poente ao clarão, ó pensamento,  
Á corrente da vida, e da noitinha  
Á fresca viração, ao doce aroma,  
Revolvamos as cinzas do passado,  
E as ultimas faiscas quasi extinctas  
Para reatêar da mente o fogo !  
Quero cantar ainda, pois é sina  
Que não posso deixar-me no lethargo,  
E nem ficar ahí olhando o povo,  
Como a jovem ociosa, que não sabe  
Em que gastar as horas vagarosas,  
E vem se debruçar sobre a sacada.

Vôa, meu pensamento, para longe;  
Deixemos estas praias onde batem  
Eternamente as ondas, e uns gemidos  
Tão monótonos soltam; vamos, vamos;  
Galga a serra do mar; por esse valle,  
Aonde o Parahyba vai rolando  
As suas aguas pretas, além segue  
O rumo das campinas do Ypiranga.  
Vês ahi essas vargens, onde crescem  
Capões de camboy, moitas de junco  
E a rija aroeira? vês os morros  
Aonde o alecrim do campo brota?  
A encosta onde a tayuba estende a sombra,  
Ou a colhe de sobre a verde gramma,  
Conforme o sol descamba, ou vai subindo?  
Vês onde a pitanguira ensoberbece  
D'escutar o sabiá e o sainhaço?  
Vês a areia onde a saracura  
Sua passagem escreve, qual no tronco  
Da estrada o viajor? não reconheces  
Esses saudosos sitios, essas plagas?  
Pára então; eis-ahi o Tieté,  
O rio d'agua boa, como os Indios  
Diziam n'outro tempo. As suas aguas  
Nos mezes da geadá e da neblina  
Elle mingua tristonho, qual sentindo  
Qu'o sol demore menos as visitas  
Por aquellas paragens; porém quando  
Com o doce calor dos dias grandes  
As nuvens se derretem, abundantes  
O orvalho do céo, a seiva, a vida  
Chovendo nas chapadas ressequidas,

Elle entorna da urna aguas maiores,  
E soberbo passeia pela vargem,  
E novo Briarêo os seus mil braços  
Estende nas chapadas, amoroso  
As morbidas collinas abraçando,  
E qual rei, pai do povo, distribuindo  
Por toda a parte a seiva da existencia,  
Os germens fecundantes da riqueza.

Eis a bella cidade repousada  
Na faceira collina, os sons ouvindo  
Do seu Tamandaty, qu'os pés lhe banha  
Murmurando amoroso, qual amante  
Qu'ao doce bem implora e acaricia.  
Eis a formosa filha das Americas,  
A branca Paulicéa, nos floridos  
Piratinins erguendo a nobre fronte;  
Sombream-lhe a cabeça as largas copas  
Da figueira; e a donosa se acalenta  
Ao cicio dos leques do coqueiro,  
Vaidosa namorando-se no espelho  
Das gemedoras ondas do seu rio;  
Nesses mesmos lugares tal outróra  
Do Goyanaz a mansa e ingenua filha,  
E nesse mesmo espelho contemplava  
A propria imagem núa, a côr de jambo  
Do alegre rosto, e dos despidos seios,  
Em quanto o moço indiano em sua rede,  
Pensa dos longos galhos da figueira,  
Se embalançava em languida indolencia.  
Eis a linda cidade qu'o viandante  
Da azul Cantareira avista ao longe

Branquejando na vargem, soberana  
Dominando a planície larga e verde.  
As auras lisongeiras, conduzindo  
Os perfumes da matta, e os murmurios  
De tuas bellas plagas, ó formosa,  
Te afaga c'ó sussurro leve e doce,  
Qu'á belleza ao entrar no baile acolhe;  
Ahi nesses teus campos livres auras  
Outróra respiraram hordas livres;  
E quando o despotismo com mão ferrea  
Do Prata ao Amazonas comprimia  
Da liberdade o vôo, o seu primeiro  
Grito ella confiou á brisa livre  
Desses campos extensos. Quem respira  
Do teu clima a doçura bemfazeja,  
É livre e sempre livre; e foragida  
Do globo a liberdade, inda refugio  
Encontrará n'aquellas plagas. Triste  
Quem sente entorpecer-se-lhe a alma escrava,  
Ou sob a prepotencia petulante,  
Ou debaixo das garras da doença,  
Vá lá saciar-se de ar mais puro; logo  
Nas veias sentirá correr-lhe o sangue,  
Com ardôr, remoçado. É essa brisa  
Qu'ao resplendor da aurora, e ao cinzento  
Crepusculo da tarde, na hora estiva  
Em que no seu zenith o sol chammeja,  
E á meia-noite, quando a lua esparge  
Á frouxo o seu clarão sobre a chapada,  
É essa brisa doce qu'acalenta  
A languida cidade preguiçosa,  
Languida só em quanto não escuta

Estrugir o clangor de guerra. Oiça-o  
Quebrar-se contra as serras que limitam  
Seu horizonte ao norte, oiça-o ella  
Gemer nas suas lapas, nas quebradas  
Como do caçador o agudo grito  
Açulando a matilha contra a onça,  
Ei-la salta da rede, a Amazona,  
Embraça o arco, a flecha, os filhos chama  
E respirando ardor á lide investe.

O covarde que treme ao vêr um senho  
Carrancudo, que foge mal escuta  
Reboar o canhão, e que se curva  
E lambe o pó da terra, quando o pisa  
Um despotico pé, tambem não sente  
O que é a doçura e o encanto  
Do olhar de virgem, cheio de innocencia !  
Corpo sem alma, lesma, que rasteja  
Da lascivia no lodo, jámais sabe  
Tal homem, se de homem tem o nome,  
O que seja esse fogo, que nossa alma  
Aquece, e esparge nella clarão meigo  
Que nos mostra do céu vagas delicias,  
Nem póde como passaro ligeiro  
Visitar as regiões superiores,  
E beber lá o seu ether celeste.  
Enthusiasmo, amor, independencia  
Em suave harmonia se enlaçaram.  
E como flôres bellas e odoríferas  
Sómente em almas puras desabroxam;  
Ficção da Grecia assim tambem nos conta  
Qu'a deosa da belleza, e o deos da guerra



Em delicioso abraço unidos, deram  
Ao mundo o deos do amor.

Maldito aquelle,  
Cuja lyra venal tange nos paços,  
Onde em paga lhe atira vil moeda  
O estúpido rico, desdenhoso;  
Maldicção sobre aquelle que pollue  
O alaude nos vinhos dos banquetes;  
Que profana—lh'as córdas, dedilhando-as  
Com mão, qu'inda não farta de lascivia,  
Vem ainda cantar os torpes gozos,  
E celebrar os mimos descobertos  
Da consocia impudica, derretida:  
A meiga poezia, a diva etherea,  
Que descera do céo para consolo  
Do homem, reforçando—lhe a corajera  
Nos combates da vida, bateo azas,  
À patria remontou espavorida,  
Bem como a juryty, quando a espanta  
O cruel caçador, da espessura;  
Foi-se com a innocencia e a virtude  
Á maneira das virgens do Senhor  
Qu'abandonam o templo, quando o invade  
D'infieis soldadesca petulante.  
E vestindo—lhe as roupas e o adorno,  
E tomando—lhe o nome, ahí passeia  
Essa vil, se vendendo á quem traz ouro,  
À lascivia, ao poder dando sorrisos,  
E sobre aquella cujo nome rouba  
O desprezo dos homens attraíndo !  
Deixai-me, ideias tristes; como enxame

De vespas, mortifica-me o zumbido  
Vosso; deixai-me; quero agora livre  
Um momento gozar que me pertence;  
Quero devanear nessas paragens,  
Onde felizes eram sempre os dias,  
E me corriam brandos como o correjo  
Que deriva por entre verdes ribas!  
Foi lá qu'a vez primeira a doce taça  
Dos amores libei, e que nos dentes  
Ella se me quebrou! Foi lá qu'os sonhos  
Da ingenua mocidade m'embalaram  
Com o sopro fagueiro da esperança,  
Como a purpurea nuvem com a brisa;  
E foi lá que mudou-se a linda purpura  
Em negra cerração. É lá que quero  
Acordar do passado uma lembrança,  
Como no cemiterio á meia-noite  
O gemido qu'arranca o triste vento.

Como a nossa canôa mansamente  
Pela corrente abaixo ia vogando,  
Corria-nos a vida; não contadas,  
Não sentidas as horas se passavam  
Entre meigo sorrir e devaneios.  
Momentanea tristeza mal e apenas  
Nos ennuviava o rosto alguns momentos,  
Como da beira a arvore folhuda  
Projectando uma sombra na canôa;  
Porém ella seguia, e o sol claro  
De luz nos inundava e de alegria.

Inda a vejo; sim, ei-la reclinada

No meio da canôa; um dos braços,  
Sobre as bórdas firmado, lhe sustenta  
A nacarada face; ella sorri-se,  
E da gramma florida, e da alva nuvem  
Volvendo os olhos negros, vem pouosa-los  
Amorosos em mim! As suas tranças  
Da côr das negras pennas do jaó  
E brinquedo do vento; e quando encontro  
Os seus olhos tão doces, oh! tão doces....  
Muitas vezes m'esqueço; o remo pára,  
E a canôa por si segue a corrente;  
A canôa esbarrava sobre a margem!...  
Ahi me despertava. Deste modo  
Sempre a hora feliz na má esbarra,  
A esperança esbarra no mallogro,  
A fé na decepção, na morte a vida!

Foi devéras um sonho! flôr tão linda  
Como deixou passar um torpe verme  
Na vermelha corolla!... Desbotou-se!  
A petala manchada ficou negra!...

.....  
Melhor fôra jámais provar o nectar!  
Quando a bôca está doce, mais amarga,  
Oh! muito o fel!... Depois d'um dia claro  
A noite é mais horrivel e medonha!  
E se sempre no escuro, pouco á pouco  
Os olhos se acostumam e enxergam.

Não mais, meu pensamento; dorme agora;  
Já desponta da auróra o albor primeiro,  
Já o nuncio do dia tem cantado.

Todos agora jazem nas delicias  
Do mais profundo somno; poucas horas  
Restam para das magoas repousarmos.  
Amanhã novas lidas, novas dôres,  
Longas horas de tedio e de fadigas  
Até que chegue a noite, a nossa amiga,  
Para nos espairarmos pelos mundos  
Das douradas visões; se ellas não fossem  
O que seria a vida? prezo ao jugo,  
D'um lado e d'outro pelo mesmo trilho  
Vai e volta mil vezes com seu carro  
O pobre touro! o touro tambem vive!

1852.

---

Let this great truth be present night and day.

POPE.

Conhecer e crear, eis a tendencia  
Elastica, perenne dessas almas  
Presumpçosas de fortes, qu'ó incognito  
Procuram incessantes,  
Insanos Prometheos qu'ó fogo sacro  
Roubar tentam á mão omnipotente!  
Quer o ar dilatar-se como o ether!  
Encher o illimitado dos espaços,  
Que povóam milhões, milhões de mundos,  
E astros como poeira!

Quer o ar estender-se além da esphera  
Circumscripta, qu'a mão de Deos lhe traça !

O que serias, se te fosse dado  
Seguir tua tendencia além das raias  
O' ar ? serias tu mais do que nada ?

O vazio encherias,  
Tu tão raro, tão tenue já nos terminos  
Que tão pequeno raio te demarca ?

A sciencia e a gloria, os apanagios  
Que Deos se reservou, quando do nada  
Os mundos extrahio, com o seu sopro  
Aviventando o cahos,  
A sciencia e a gloria eis o que pedes  
Para matar a sede, ó alma insana !

Na distancia, que cresce, nem percebes  
Que teus olhos divisam muito menos,  
Qu'a luz é mais escaça, que te perdes  
No vazio da noite !

Vai, que a punição do temerario  
Vôo, depararás no mesmo vôo !

1855.

---

But this is o'er — my pleasant task is done .

BYRON.

De sua humilde casa na chapada  
Sahindo o lavrador, ao romper da alva,

As mãos postas estende para o céo,  
Pede a benção de Deos,  
Pede que sua roça  
Não seja destruida por sóes quentes,  
Por doidos refegões,  
E tomando a enxada vai tranquillo  
Beneficiar a terra;  
Até qu'ó sol descamba elle trabalha,  
E á noitinha cançado,  
Da companheira ao lado vem sentar-se,  
E com a mão comer no mesmo prato.

Elle não tem desejos  
Além do horizonte, que limitam  
Esses morros em roda;  
Cada dia que vê nascer de novo,  
Agradece ao Senhor,  
E sem dar-se de nada, a noite espera.

E quando chega a morte, elle a abraça  
Qual do céo mensageira; a mão rugosa  
Estende sobre os filhos qu'ahi deixa  
De sua fé á salvaguarda entregues,  
Beija a cruz, e os olhos  
Cerra no somno extremo.  
Foi-se tão socegado,  
Lugar deixando ás gerações vindouras.  
Partio sem se queixar;  
Finda a sua tarefa, ao Pai eterno  
Foi dar as suas contas.  
Elle contava á muito c'ó a viagem,  
Na hora da partida não tremeo.

Eis-ahi o retrato do homem justo  
Tal e qual o deixou o livro santo.

Escravos das paixões, porque os homens  
Ah! se esquecem qu'ê vão  
Agarrar-se do mundo aos bens ficticios?  
As raizes afincam  
Na terra, p'ra chorar quando arrancarem-nas!  
Setembro de 1852.

---

### **A EXPERIENCIA.**

Os sazoados fructos da experiencia  
Sóem gabar os homens.  
Dizem qu'os annos tudo amadurecem,  
Qu'a razão se illumina,  
E que vemos melhor o bem e o mal,  
« É a mestra da vida, dizem elles,  
« E com ella aprendemos! »

Aprendemos o que, Senhor do céo?  
Á descrêr e á vêr a podridão  
E o virus atravez do linho candido?  
Á saber qu'ó palacio tão bonito,  
Que viamos branquear da auróra aos raios  
No oriente da vida,  
Não passa de miragem mentirosa,

E que o verdadeiro é um deserto,  
Um areal sem termo?  
Á enxergar, na doce côr de roza  
Da face assetinada,  
Não já de pejo o assomo,  
Ou de candido amor o alvorço,  
Mas o subir de sangue que reflue,  
Como se comprimida a veia fosse  
Na outra extremidade?

Aprendemos o que? á vêr nas flôres,  
Que matizam o campo,  
Não mimos para os olhos pensativos,  
Não ornatos de quadro  
Qu'embellecem o campo da existencia,  
Não vasos de perfumes deliciosos  
Para encantar o olfacto dos que amam,  
Mas um certo composto,  
Onde a luz se reparte  
Deste ou d'aquelle modo,  
Composto que desfaz-se emfim em lama,  
Depois de preencher o seu destino,  
Depois de ter o germen produzido?  
Quando a fria razão suspende o amante  
E lhe diz ao ouvido:  
« Ella te pertencer não pôde, ó louco,  
« Não tens ouro; não tens um sangue herdado  
« Sobre colxas de sedas,  
« Sob cortinados, d'armas com brazões! »  
A experiencia dá-lhe alguma coisa?  
É dar o despovoar-lhe a alma inteira,  
Despoja-la de suas esperanças?



Açodado avançava,  
Acudindo ao reclamo da corneta  
Aquelle, crendo ouvir dentro do peito  
Uma voz qual de mãe, a voz da patria!  
    Porque pára estacado?  
Porque não arremette mais ao fogo,  
    Dos canhões ao ribombo,  
Porque audaz não vòa, embriagando-se  
    De fumo e de combate?  
Com um riso d'escarneo a experiencia  
    O detem e lhe falla;  
A mão da cruel mestra se levanta  
    Com placidez satanica,  
    E lhe mostra acolá,  
A madrasta do misero soldado,  
A patria, coroando ao feliz chefe  
C'os louros, qu'a reyuna conquistára,  
    E não a espada inerte!

    Matrona, o que ganhaste  
    No decorrer dos annos?  
Em troca dos teus mimos de donzella,  
    Das flôres da innocencia,  
A experiencia o que te deu em dote?  
Esses cabellos brancos, essas rugas  
Acaso encobrem mimos mais suaves?  
    É tua alma mais pura?  
És tu mais dedicada, mais amante?  
E mais do que no tempo de menina,  
    A tua mão benefica  
Não duvida estender-se ahi ao pobre,  
Sem scismar qu'elle seja vil mendigo?

Antes de nos fallar a experiencia  
Com sua voz pausada, cautelosa,  
Tudo nos é tão grato !  
Da aurora o albor saudamos tão contentes !  
As campinas da vida se desdobram  
Tão bellas, tão floridas !  
Julgamos ter um fim,  
Divisar lá a meta nos chamaudo  
Com corôa de flôres !  
  
E tudo despovôa-se co'a falla  
Da feia experiencia !  
A meta é uma cova.  
  
É isto o qu'aprendemos  
Nas licções da experiencia.  
No mais desaprendemos, desgraçados !  
Desaprendemos tudo  
O qu' é doce, sublime, generoso,  
De amar, de desejar,  
De ferver d'enthusiasmo, ou doce enlevo,  
E até de sentir !  
  
Veio a fria razão,  
E nos dentes á cada instante quebra-nos  
A taça desejada;  
A illusão como um vapôr se esvae,  
E o que resta á final ?  
O que fica nos copos dos banquetes,  
Depois de finda a festa !

1855.

**FÉ.**

Donde vens ? onde vais ? és tu juguete  
D'um destino fatal,  
Que te lançou ahí por cego acaso,  
E que te roja como folha solta,  
Ludibrio do vento ?  
Ou és filho de Deos,  
Que te soprou seu halito divino,  
E te dotou de olhos para veres  
A senda demarcada ?  
Sabes tu porque soffres, porque vives ?  
Se premios e castigos reservados  
Te são em outros mundos ?  
Sabes o que é bem, o que é mal,  
E podes affirmar que vês o typo  
Da verdade, do bem, do bello eterno ?  
Que podes modelar por esse typo  
De tua vida o livro ?  
Quando vês sobre a terra o crime e o vicio  
Senhoris ostentarem suas forças,  
E a virtude opprimida  
Arquejar nas torturas, nas miserias,  
E tragando a cicuta  
Agonisar em dôres nunca vistas,  
Não crês tu ser delirio o desses miseros  
Que morrem inda crendo ?  
Na descrença não dizes como Bruto :  
— És nome vão, virtude ?

Ah ! não podes dize-lo.  
Apezar de o não veres,  
Sem saber donde vens e onde vais,  
Querendo duvidar,  
Inda assim dentro d'alma uma voz ouves  
Que te diz : crê, crê, crê.  
Outubro de 1855.

---

O mundo todo abarco e nada aperto.

CAMÕES.

Porque me desespero ? um só sorriso  
Basta para assolar de dôr minha alma,  
E um olhar a faz toda effundir-se  
Em leda gratidão !  
Oh ! sim, a sensitiva  
Se de leve lhe tocas, não se encolhe ?  
E a flôr, que a tempestade debruçou,  
Não sorri-se de novo, mal a inunda  
Um raio cristallino ?

Qu'importa que se ria o vulgo insano  
De minha dôr, das lagrimas que rolam  
Sem motivo por minha face murcha !  
E da minha alegria  
Infantil e louquinha,  
Quando lá surge um dia mais sereno,

Que me espanca do seio as negras sombras  
Da tristeza ? Qu'importa se não sabe

O vulgo o qu' é sentir ?

Feliz o vulgo passa, e não entende  
Que hajam dôres além das que se apalpam,  
E quer que se lhe diga aonde dóe,

Que se mostre c' o dedo

O lugar da ferida.

E se fallais de ancias de voss'alma,

Elle se vai, se rindo, desdenhoso.

Feliz o vulgo passa e não entende,  
Que dentro deste barro, como em carcere,  
De Deos existe um sopro, em dôres sempre,

Quasi sempre gemendo,

Quasi nunca ciciando

Mais alegre, qual brisa, que suspira

Entre os calices rozeos das florinhas.

Fevereiro de 1852.

---

My heart! no more.

YOUNG.

Não é uma loucura amofinar-se

Por nada desta vida ?

Um sorriso, um olhar, um ar de agrado,

Um atomo de gozo que perdemos  
Basta para arrancar-nos triste lagrima !

Como se fosse muito, no acervo  
De tormentos da vida,  
De menos uma flôr, sempre tão murcha !  
O que é subtrahir do mar salgado  
Às ondas uma gota d'agua doce ?

Ah ! se devo chorar porque m'esquivas  
O teu celeste olhar,  
Que lagrimas terei na dôr de vêr-me  
Com meu fraco batel contra os rochedos  
Do alto mar impellido, espedaçado ?

Tens razão; nesse instante não se chora;  
Nesse instante, serenos,  
Os olhos medir devem os abysmos;  
E o coração batendo compassado  
Deve esperar a vaga que lá vem !

Não te darei com tudo as minhas lagrimas,  
Tu te ririas dellas !

Quero da-las á quem no seio as tome,  
E as misture co'as suas como o corrego,  
Que recebe da chuva as gotas frias.

Se em teu seio, areial deserto e sêcco,  
Cahissem minhas lagrimas !...  
Sumiam de repente ! Não, não quero.  
Quero chora-las todas, é por ella,  
Por minha mãi que lá m'está chorando.

Março de 1852.

---

Al dolce guida-mi  
Castel natio.

ANNA BOLENA.

Meia-noite! luar que iguala o dia,  
Mas qu'ó vence no doce  
De sua claridade tão saudosa,  
Se disparge nos morros,  
E refulge nos vidros das janellas.  
Minha mãi, estou só,  
E olhando aquellas arvores do morro,  
Sabes do que me lembra?  
Lá n'aquelle retiro onde nasci,  
E á que denominavas  
— Os teos campos elysios — que deixamos  
Expellidos p'lo vento  
Do infortunio; n'aquelle feliz canto  
De terra, onde passei  
Os meus melhores dias, não te lembras  
Que havia no sopé  
Da chamada serrinha algumas arvores  
Meio juntas d'um lado,  
E que sempre de tarde na janella  
Ficavamos olhando?  
Não te lembras qu'então, horas inteiras,  
Distrahida enfiando  
Os dedos nos cabellos de teus filhos,  
Lá 'stavas pensativa?

Pois é disto qu'agora me lembrava !  
Pareceu-me um instante  
Estar lá, á teu lado, descuidado,  
Gozando o teu carinho !

Entretanto a verdade é que é noite,  
Qu'estou longe de ti !  
Que estou tão sósinho, tão viuvo  
De gosto e de alegria.  
E que meu coração está tão mudo,  
Como essas ruas mortas,  
Onde nem a patrulha passar vejo !  
Entretanto a verdade  
É que, na escuridão e na tristeza  
De minh'alma, só resta  
Esta doce saudade e nada mais.  
Assim como o clarão manso da lua,  
O que me resta é só  
O reflexo d'aquelle feliz tempo !  
Setembro de 1855.

---

**ORAÇÃO BELLA.**

Oh ! meu Senhor do céo, escuta a prece  
Que humilde tua serva faz de joelhos.  
Sou fragil como a canna que se quebra,  
Medrosa como a corça que se esconde



Do cruel caçador, que quer mata-la;  
E como a coitadinha, atropellada,  
Vai por fim expirar dos cães na boca,  
Se tu me desamparas, ó meu Deos,  
Tambem hei-de morrer nas crueis garras  
Do medonho pecado.

As negras tentações, o mundo máo  
Me circundam, me excitam como enxame  
De vespas venenosas;

E tonta hei-de cahir no negro abysmo,  
Se a mão não m'estenderes, ó meu Deos.

Eu me purifiquei nas aguas santas  
Do baptismo, assim que por teu aceno  
Brotei a luz do dia;

Com o oleo sagrado perfumaram-me,  
E fiquei como a roza inda em botão,  
Qu'embalsama o jardim.

Eu quero conservar este perfume,  
Que sem elle, quem é que quer a roza?  
Ai quando o furacão despenca a flôr,  
E a lança toda murcha lá no lodo,  
A flôr de que mais serve?

Meu coração, Senhor,  
Não tem odio á ninguem; é como um vaso  
Que cheio de vapôr quer derramar-se.  
Quizera fazer bem á fodo' o mundo,  
Espalhar ás mãos cheias a ventura,  
Qual ás vezes brincando espalho as flôres,  
Que despenco nas mãos.

Março de 1852.

---

## DESESPERAÇÃO.

Nas mattas me afundei,  
Pelos musgosos troncos resvalando,  
Entre os cerrados indo como o touro,  
Que ao passar arranca as barbas humidas  
    Dos venerandos galhos;  
Abri passagem entre o emmaranhado  
    Enredo de cipós,  
E atravez dos flexiveis maricás,  
Que na roupa agarravam-me como unhas;  
E calquei sob os pés os galhos sêccos,  
    Qu'estalavam quebrando-se ;  
No silencio solemne da floresta  
    Estive á meditar,  
Da solidão os echos, só, ouvindo;  
Galguei os altos pincaros do monte,  
Nas moitas e nas quinas dos rochedos  
Me agarrando, pendendo como a cabra;  
Como o sauy veloz pendi dos galhos  
    Da vetusta figueira,  
Fui olhar a cachoeira ribombando  
Nos abysmos escuros, onde tomba  
    Com fragor temeroso;  
Olhando-lhe a toalha prateada,  
Estremeci sentindo-lhe a frieza  
De sua chuva fina no meu rosto,  
E de santo terror me vi tranzido;  
Fui sentar-me na toca silenciosa,

Cuja entrada defende o carahá.  
Do corrego na beira reclinado,  
Escutei o sussurro da agua limpa  
    À gemer e á rolar,  
No transparente fundo me mostrando  
Outra margem, tambem toda florida;  
Corri pela verdura da campina  
    Matizada de flôres;  
O pôr do sol brilhante e assombroso  
Contemplei, escutando a despedida  
    Do saudoso sabiá,  
E o gemer do soffrê que se lamenta  
Como jovem viuva; ao meio dia  
Fui affrontar a rija correnteza  
    Do bravo ribeirão;  
Saudei do dia o albor, da calva rocha  
As vistas estendendo ao horizonte,  
E quando, no crepusculo da noite,  
Como espectros se escondem tantos vultos  
De figura mudando á cada instante,  
Andei vagando á sós pelos desertos.  
Vaguei qual perigrino pela estrada,  
E á porta de um estranho em hora morta  
Pousada fui pedir; a chuva fria,  
Por ventos impellida, me inundou,  
Querendo me arrancar chapéo e capa;  
O caminho mostrou-me a luz do raio,  
E ouvi estourar no ar fechado  
Os trovões, sobre a terra derramando  
    Terroros e espanto;  
    Entrei pelas cidades,  
Da multidão nas ondas arrojé-me,

Indo com ella e vindo, e oscillando,  
E atravessando as suas densas turbas,  
Que, curiosa por vêr anjos e andores,  
    Ou misero enforcado,  
Vem atulhar as praças tumultuosa;  
Lancei-me no motim da dança e festa,  
Escutei as cantigas das orgias,  
Deslizei entre as sedas e os espelhos  
    Coruscantes do baile,  
Olhando os jovens rostos sorridores  
    Das alegres donzellas;  
Sorvi o rubro liquido qu'escalda  
    O coração, o espirito,  
Que amortece a dôr, para mais forte  
Ateia-la, e queimar um pobre peito.  
A noite atravessei á cogitar  
    Nas palavras do livro,  
Dos sabios perguntando o pensamento,  
E uma resposta só perenne ouvindo;  
Do extremo silencio á bulha extrema,  
Dos rumores do dia á paz da noite,  
    Do delirar das festas  
Ao quieto cogitar á luz da vela,  
Do rir extravagante dos banquetes  
Ao febril pensar do ermo quarto,  
    Da inercia á actividade,  
    Da vida e do motim  
    Á morte e ao silencio,  
Passei, corri, voei!... porém ! de balde.  
O tenaz pensamento não me deixa,  
O espinho que quero arrancar fóra,  
Se ando, se me agito mais me afinca

A venenosa ponta;  
Se procuro dormir, lateja e dóe,  
Faz-me desesperar, pular da cama  
Delirante, frenetico !  
Esta sombra fatal que me persegue  
Se eu pudesse apaga-la !  
Oh ! não fôra possível,  
É como um sonho máo, um pesadelo  
Esta ideia cruel  
Que me deve opprimir por toda a vida !  
Janeiro de 1852.

---

**REMORSO.**

— Algum dia ! — a menina resmungando  
Em voz baixa, murmura, invejosinha  
Vendo o moço elegante  
Vir tirar sua irmã para a quadrilha,  
Sua irmã que é moça !

— Algum dia ! — entre dentes o caixeiro  
Diz soffrendo do amo os duros tractos  
Calado e paciente,  
Ou sonhando o futuro em quanto mede  
Os covados da seda !

— Algum dia ! — suspira o estudante

Vendo n'um bello dia o encarnado  
Barrete collocar-se  
Na frente do feliz que lá venceu  
A tarefa cançada.

— Algum dia ! — o ardente patriota  
Renca comsigo só, e desdenhoso  
Olhando esse orador  
De voz morosa e aspera  
Que ahi discorre á flux.

— Algum dia ! — o innocente encarcerado  
Com toda a paciencia vai gemendo,  
Sem commover-se olhando  
Atravez dos varões de ferro a arma  
Reluzente do guarda.

— Algum dia ! — o infeliz, o opprimido,  
E todo o que padece sobre a terra,  
Suspirando murmura,  
Nas horas em que póde enxuta a lagrima  
Olhar do céo a estrella.

O' formosa esperanza o — algum dia —  
É a tua palavra predilecta !  
É a frase maviosa  
Com que acalentar sempre costumás  
Á quem se desconsola !

Darás tu por ventura aos que suspiram  
O seu triste — algum dia — olhando o céo,  
O mesmo que sóes dar  
Á criança invejosa que se aneia  
Por ir contradançar ?

Não será mais real o que promettes  
Para os mundos de além, do que os louros,  
    Que conquista o poeta,  
Lá quando entre os applausos da platéa  
    É aclamado genio ?

O pomo das dilicias que lá mostras  
Nos paramos do céu será mais doce  
    Do que o que guardavas  
Ao ardente amante sobre os labios  
    De sua amavel noiva ?

Não sei e tenho medo ! Tantas vezes  
Esse doce — algum dia ! — nos meus labios  
    Tem-me sabido á fel !  
Quereras m'enganar ainda lá,  
    Sereia feiticeira ?

Ah ! se devo guardar recordações  
Das tristezas do mundo, então, ah ! deixa-me  
    Não m'engodes em vão !  
Basta só do passado uma lembrança  
    Para amargar-me tudo !

Oh ! nada me promettas, nada quero  
Nem des gozos dos anjos, se uma ideia  
    Lá se me misturar !  
Não sabes apagar cruel lembrança.  
    Que queres mentirosa ?

Que ousas prometter ? o que pretendes  
Se arrancar-me esta ideia tu não podes  
    E nem tirar a nodoa

Que não sei como foi, ficou-me escripta  
Em minh'alva camisa !

1855. •

---

**CANTEMOS.**

Vem, aura bemfazeja, sopra ! sopra !  
Já senti a doçura do teu halito  
E as cordas de minh'alma estremeceram.

Como a lyra empoada, pobrezinha  
Ella jazia muda. Era do mundo  
O pó, que lhe cobria o pobre seio.

Bem quiz eu resguarda-la, e procurava  
Em vez da praça publica o sombrio  
Do arvoredos verdeoso e florecido !

O tropel dos humanos evitando  
Para não afoga-la na poeira  
Qu'os pés delles levantam nas estradas,

Eu a levava além pelas encostas  
De grama verdejante, e assentado  
Sobre a rocha polida pelas chuvas,

Mostrava-lhe a cidade na baixada,  
E nas praças o povo tumultuando,  
Vozeando, como o mar que renummura.



E ella meditava, e estremecendo  
Modulava seus threnos sobre os miseros  
Que nas praças formigam e batalham.

Gemia sobre a insania dos humanos,  
E ao céu erguendo os olhos implorava  
Por elles ao Senhor chorosa e triste. •

Era assim que minh'alma solitaria  
Divagava nos ermos, como a ovelha  
Sem rebanho, tão só, e só gemendo.

E ao romper da aurora muitas vezes  
Mais feliz inundada pelo orvalho  
Matutino, mais fresco e perfumado,

Como que renascida ella entoava  
Um cantico mais alto; nesse instante  
Ella aspirava as auras da esperanza;

Ella via na aurora á esmorecer-se  
A imagem apagada d'uma aurora  
Que jámais esmorece e é mais brilhante.

Minh'alma divagava pelos ermos  
Cantando lamentosa, e aguardando  
O despontar do dia qu'è sem noite.

Eis que me chama o mundo; vozes gemem  
Implorando soccorro; á caros entes  
Vejo mostrar as garras negra fome.

Minh'alma me bradou : « vai desgraçado,  
« Como a turba dos homens, é preciso  
« Ir da terra cavar o duro seio,

- « Rega-la de suor e arrancar-lhe
- « O obolo fatal e desejado
- « Com que se compra o pão dos infelizes.
  
- « Vai ajuntar do chão o trigo raro
- « Porque os homens brigam, vai como elles
- « Batalhar pelos bens frageis da terra.
  
- « Não vês como elles choram, esses entes
- « Que são a tua vida, que te chamam
- « E que te pedem pão, e em ti esperam ?
  
- « Algum dia... depois... mais descançados
- « Viremos centemplar de novo o céo,
- « E seus campos azues e flôres de ouro. »

E corri e lidei bem como os homens ;  
Inutil batalhar ! não dá-me a terra,  
O que dá á quem cava-lhe seu seio.

E debalde descí do verde monte,  
E vim de pó cobrir-me no tumulto  
Das praças, com os homens batalhando !

E sem nada ter ganho, e encrustada  
Pelas lamas do vicio e do prejuizo  
Minha alma emmudeceo, entorpecida !

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

O' aura bemfazeja, sé bem vinda !  
As cordas de minh'alma estremeceram,  
Posso cantar ainda, salve, salve !

Cantarei, meu Senhor, em toda a parte !  
E mesmo na masmorra cujos muros  
A voz que geme abafam tão espessos !

Morra embóra essa voz não escutada !  
Do peito derramar as ancias quero,  
Que de escutar-me á mim me satisfaço !

Guardai os vossos echos, torvos morros,  
Calai vossos suspiros, arvoredos,  
Não murmureis, ó vagas invejosas !

Não me leveis ao longe os meus descantes,  
O' brisas, não desejo qu'os repitam  
Nem qu'os oiça ninguem; calai, calai.

Vão renome espalhado pelos echos,  
Que pouco á pouco morrem finalmente,  
Já não deseja esta alma fatigada.

Canto qu'o coração assim m'ó pede,  
Canto qu'assim minh'alma desabafa  
O excesso de dôr que lh'enche o seio.

Janeiro de 1856.

---

Rebrama, pensamento,  
Do volcão de minh'alma ardente solta-te  
Em lavas abrazadas,  
E onda tempestuosa te despenha  
Do cumulo da dôr que me suffoca

Sobre a infame turba;  
Semelhante ao trovão de prenhe nuvem  
Rebenta fuzilando,  
E fulmina os insanos,  
E depois seja tudo no silencio  
Tenebroso da morte.

Ruja a minha palavra  
Qual vaga impetuosa;  
Os faustosos palacios da soberba,  
Os banquetes do vicio, os leitos do ócio,  
Em seu throno orgulhoso a prepotencia  
A vil adulação em suas redes,  
A avareza e os seus pesados fardos  
Tudo leva de rojo,  
Destroça, lava ardente.

É vão o labutar;  
Não ha caminho para o pensamento.  
O pobre encarcerado contra as grades  
Investe d'encontrão, bate nas portas,  
Co'as mãos ensanguentadas quebrar tenta  
O resistente ferro,  
E quebra contra elle a fronte e o peito.  
Ai! pobre; os duros ferros nem boliram,  
E ao livido da luz que lá penetra,  
No lobrego do carcere  
Se vê cahir um corpo extenuado  
No fundo da prisão.

Assim, te finas, pobre pensamento,  
Sem achar a palavra em que te vases.

## A GLORIA.

A gloria, vão fantasma auri-brilhante,  
Nuvem que no occidente da existencia  
    Antolhamos distante,  
Porque da rubra auróra os puros raios  
    No-la matizão toda!

A gloria, vão desejo do infinito,  
Avidez insaciavel de existencia,  
Que se quer dilatar, encher os mundos,  
    Qu'esquece do presente  
    No futuro mirando.

Oh! é esse arremedo, é essa sombra  
Da eternidade, que em teu almejo  
    Desejas abarcar!  
    A gloria é teu fanal!

Na ancia de abranger o tempo e o espaço,  
    De como Deos durar  
Corres apoz vapôres qu'o sol quente  
    Desfará brevemente!

E por esse fantasma tu desdenhas  
O que ha de melhor no val das dôres,  
O prazer de dormir tranquillo somno  
    De santo amor no seio!

De bemdizer o nome de teu Deos  
No doce conversar de amigos peitos!  
    Tal insana criança

Larga da mão a succulenta fructa,

Desejando com ancias  
A flôr que brilha lá na copa da arvore.  
E que mal the tocar  
Cahirá desfolhada !

Nem vês que breve a morte ha-de riscar-te  
Deste campo, em que vagas passageiro,  
E pousas uma noite;  
E por deixar um nome, um echo atôa  
Que sumirá aos poucos  
No decorrer dos annos  
Queres sacrificar a vida inteira.

A ovelha que ruma lá na gramma,  
A flôr que desabrocha ao romper d'alva  
E vive uma manhã,  
O rio que murmura s'esbarrando  
Nas pedras espumoso,  
O condor que passeia sobre a nuvem  
Ou dorme no alcantil,  
Mais felizes serão  
Do que tu, tresloucado ?

Oh! sim que não almejam, e não choram;  
As harmoniosas leis que Deos traçou-lhes  
Seguindo obedientes,  
Elles jámais se cançam por vãs sombras  
Elles jámais tem dôres  
De querer ir além e não poder.

Esponja insaciavel, sêcca sempre,  
E sempre avida d'agua.  
Ai ! d'aquelle que diz : eu tenho uma alma.

A flôr, o insecto, a ave, tudo passa,  
Tudo vive um instante;  
Passa o vento á gemer;  
Segue a onda que vai, e deixa a onda  
Qu'apoz ella brotou,  
E tudo vai sumir-se no oceano,  
Ou no ermo da morte,  
Sem deixar um queixume.

Tu só, ó alma insana, á lei eterna  
Pretendes contrastar, e desafias  
A colera celeste!  
Na multidão de insectos, tu, insecto  
Pequeno, gritar queres e do raio  
O estridor suffocando, as tuas vozes  
Fazer ouvir no infinito espaço !  
E a gloria é para ti, ó alma doida,  
Como o clarão do sol é para a vela  
D'estreito, escuro quarto !

Setembro de 1852.

---

### **NO MORRO DA CARIÓCA.**

Que prazer, oh ! meu Deos ! estou sósinho,  
Posso cantar, gritar, rir á meu gosto,  
Posso em meus pensamentos arroubado

À todo o fogo d'alma abandonar-me,  
Bem como a leve folha ao grato sopro  
Das auras orvalhadas.

Sou meu ! posso gozar-me; fruir quero  
Uns gozos que são meus, que se não passam,  
Que debalde se busca no barulho  
Da insana sociedade. Sim, quem póde  
Ouvir os doces sons d'harpa maviosa  
No barulho das gaitas ?

Não me apraz o motim de lá das turbas;  
O rir, o conversar dellas tão frivolo  
Exhaure de minh'alma a pura essencia; .  
Tal qual se evapóra o doce aroma  
Da flôr que entre os dedos se despenca  
Da descuidada moça.

Com a minha tristeza nos salões,  
Eu sou como o proscripto em terra estranha,  
Que falla e não n'ó entendem, que procura  
E jámais póde achar, que pede e chora,  
E os outros á rir sómente o olham.

Não amo a sociedade.

Minh'alma é como a flôr, qu'abrigadinha  
No canto do jardim recende aromas,  
E que exposta aos ventos evapóra  
O delicioso olor. Na sociedade  
Minh'alma fica steril como a terra  
Qu'um sol ardente queima.

Não quero espediçar meu ser atôa,  
A maneira da stolidia criança,  
Que sem necessidade arranca as flôres  
Do seu lindo vestido, e as atira  
No chão. As rozeas azas, ó minh'alma



Não quero te rasgar.

Apraz-me a solidão; eu nella bebo  
Transportes e delicias que trespordam  
Depois em harmonias, em cantigas  
Espontaneas qu'aos ares se entregam  
Como o fumo do incenso qu'ondulando  
Escapam do thuribulo.

O rir da multidão, suas conversas  
Arrancam de meu ser a seiva e o brilho,  
E para encher o vacuo me derramam  
Fel e veneno, como a negra nuvem  
Que aromas em vapôr á terra rouba,  
E lança-lhe borrascas.

O' doce solidão, abre teu seio,  
Quero refugiar-me nelle; amiga,  
Como a pobre criança maltratada  
Por máos homens no seio maternal.  
Recebe nelle as lagrimas do triste  
Qu'em ti só tem refugio.

Junho de 1852.

---

**PRAZER,**

Que divina delicia os seios banha-me !  
O' sol não são mais doces os teus raios,  
Quando cheio de gloria e de fulgores

Desdobras tua purpura nos céos  
E inundas o oceano.

O mar escuro á pouco agora brilha,  
É todo scintillante e illuminado;  
E a pequena vela a mais distante,  
E a ponta da rocha no horizonte  
Claramente se avista.

Tal a luz que me banha; tal o astro  
Que d'esperança encheo-me o ser inteiro !  
É a voz do Senhor que me fallou  
De sua luz um raio despejando  
Na negrura dest'alma.

Da noite os vãos terrores lá se foram  
Co'as sombras espancadas, expellidas.  
Não ás apalpadellas, mas seguro,  
E vendo aonde piso, aonde a méta,  
Caminho confiado.

Foi a voz de meu Deos que me chamou,  
Elle me disse — vem — e deixar pude  
O caminho da treva, e ir avante;  
E já forças me sobram para o peso  
Da vida carregar.

Enxugarei dos olhos estas lagrimas,  
Filhas da covardia, e esquecendo  
As dôres que me ralam, rindo dellas,  
Viverei para os outros ! é viver  
O ser util para alguém !

Abril de 1855.

---

## **SOL CLARO E CHUVA.**

Tens visto certos dias com sol claro,  
Com cristallinos raios de luz pura,  
Gotejarem as perolas da chuva,  
Qu'os vapôres diaphanos do céo  
    Condensados cirandam  
    Sobre o verdor da vargem ?

Tens visto como é linda a transparencia  
Do ar, que reverbera em suas finas  
Humidas gotas a pureza limpida  
Das ondas cristallinas, qu'a luz clara  
    Do sol no meridiano  
    Vai na terra espargindo ?

E como uma frescura, uma alegria,  
Encantada e vivaz, pullula, brota  
Da gramma, do arvored, cujas flôres  
Bebem as gotas frescas, e se embalam  
    Flexiveis com os beijos  
    Das auras murmurossas ?

Como nos seus gorgeios, mais quebrados,  
Mais cheios de meiguice os passarinhos,  
Aspirando uma aragem tão mais doce,  
As azinhas estendem, e revôam,  
    Em mar de luz e perolas  
    Contentes festejando-se ?

Tal de amada o primeiro doce beijo,  
Quando dos labios tremulos, medrosos,  
Que fogem e que cedem, nossa bôca  
Anciada vai rouba-lo, e bebe soffrega  
    Uma divina lagrima  
    Qu'escapa deliciosa.

Assim quando subimos a escada  
Da casa em que nascemos, e correndo  
Ao encontro d'aquella á quem devemos  
O ser, chorando e rindo a abraçamos,  
    Em prazer afogados  
    E entretanto chorando !

Assim quando na meta dos labores  
A corôa alcançamos tão buscada  
Inundados de gloria, inda choramos !  
Assim quando enxugamos uma lagrima  
    Ao pobre e ao infeliz,  
    Tambem choramos juntos.

Assim quando noss'alma das delicias  
Mais puras deste mundo provar pôde,  
E quando em alegrias mais celestes  
Se banha, é sempre em lagrimas desfeita !  
    E sempre uma mistura  
    De sol claro e de chuva.

Maio de 1854.

---

Como recuperar a roza murcha  
O aroma de quando ella  
Desabroxava as petalas coradas ?  
Como reverdecer a folha sêcca?  
Como reanimar  
Um coração exausto, donde o sangue  
Gota a gota espremeo o infortunio ?!

No começo da vida o pensamento  
Virgem, cheio de seiva,  
De tudo se admirando, e curioso  
Por tudo esvoaçando, quer vêr tudo;  
Vai cheio de si mesmo,  
Em çada flôr, em cada insecto achando  
Pasto para manter-se e roborar-se.

Depois de ter volvido pouco á pouco  
Na mão o qu'alcançou  
Depois de ter pesado tudo, tendo  
De cór a fórmula e côr, insaciavel  
Quer penetrar no amago,  
E devassar segredos mais occultos,  
Quer saber o por que, o para que.

Porque tem esta fórmula, e não aquella,  
E porque esta côr.  
O que é da flôr a vida e a do insecto,  
E o que é a vida em si. Todo o composto

Pretende decompôr  
Para compôr de novo, e fatigado  
Em um vão batalhar se desespera.

E ainda não farto, e insistente  
Estende a vista ao longe  
Vê os mundos sumirem lá distantes  
Onde mal os lobriga a vista errante,  
E se demora os olhos  
Ei-los que endoidecem, turbilhões  
E turbilhões de mundos vendo lá !

Desacorçoada pára, e diz comsigo :  
« Tudo isto não conheço,  
« Nem o que tenho á mão ! Voar não posso,  
« E queria voar ! Não me contenta  
« Nada do qu'alcancei ! »  
E bem como a canôa ao rio abaixo,  
Elle se abandona ao tempo e ao mundo.

E quem o acordará do seu lethargo ?  
Elle nada mais crê;  
Nada quer e deseja, nada tenta.  
Como restituir ao corpo exausto  
Vigor e mocidade ?  
Como reverdecer a folha sêcca ?  
Como pensar sem crêr no pensamento ?

Julho de 1854.

## AO GRANDE HOMEM.

Lá roncam surdamente as negras vagas,  
E batendo na rocha solapada  
    Gemebundas recuam,  
Como a ira infernal de peito odiento  
Quando em vão arremete contra o forte  
    Qu'ó encalca no pó.

Ruge, ó pelago insano, ao céo levanta-te  
E cospe as tuas ondas enlodadas  
    No soberbo granito !  
Elle zomba de tua dóida furia,  
E deixa-se ficar hi impassivel  
    No meio das tormentas.

É assim que no meio do tumulto  
Das massas populares o valente,  
    Firme na propria força,  
Vê rugir á seus pés a vil caterva  
Desses, qu'hoje apedrejam á quem hontem  
    As pegadas lambiam.

Onde está tua força, ó genio altivo ?  
Oh ! está em ti mesmo, está ness'alma  
    Que herdaste do céo,  
E que de certo foi d'algun archanjo  
Que á terra desceu, bem como Alcides  
    Para a purgar de crimes.

Sim ! de seculo em seculo Jehovah  
De sua côrte sóe mandar um anjo  
Que como o furacão,  
Venha punir os crimes de Gomhorra !  
Enviado de Deos, oh ! sê bem vindo,  
E o mundo castiga.

---

Já o mar está cavado;  
O navio se ataranta  
No meio de vaga tanta,  
Que nem bem uma passou,  
Já um'outra se levanta.

Por toda a parte são serras  
Immensas de negro mar,  
Que vem se despedaçar  
Contra o costado, que range  
E já deixa a agua entrar.

Em louco redomoinho  
Faz dançar o refegão  
A pobre náó; eis se vão  
As velas em mil pedaços !  
Tudo é desesperação !

A ancora já ficou  
No fundo do negro pego,  
E o piloto já cego,



Nem sabe mais onde vai,  
Nem no que ter um apego.

Neste horrivel negro transe  
Ah! quem nos ha-de valer?  
Aqui devemos morrer!  
Os famintos tubarões  
Aqui nos hão-de comer!

Quem mandou-nos entregar  
Nossa vida ao mar trahidor!  
Ah! seja lá como for,  
Se me vêr livre algum dia  
Deste p'rigo, deste horror,

Oh! prometto, nunca mais  
Aos mares me arriscarei!  
O que vim buscar não sei...  
E o que agora passo  
Nunca mais m'esquecerei!

É assim que se falla quasi sempre  
Nos transe desta vida.  
E passado o momento ninguem deixa  
De se entregar de novo aos mesmos mares!  
Basta soprar um vento mais fagueiro,  
Ou acenar ao longe  
Qualquer coisa qu'os olhos nos enguice!

E alguem inda existe, tão escravo  
Dos seus proprios desejos,  
Que quando mesmo o mar está bramindo,  
E a borrasca referve,

É quando mais deseja estar lá mesmo,  
E lastima não vêr-se  
Á braços com as vagas!

---

Mas qual marpezia rocha, um peito forte  
Não roga, não se abate.

GARÇÃO. — ODE À VIRTUDE.

Não, não, ó minha lyra, os teus accordes  
Não se farão ouvir jámais nos paços  
    Dos grandes e dos ricos;  
Nunca se cazarão os teus accentos  
Com os vivos e hurras dos partidos;  
    Os meus dedos não sabem  
Dedilhar elogios nos theatros,  
E as tuas córdas de ouro exhalam notas  
    Demaziado maviosas  
Para se ouvirem nos salões de gala,  
Aonde se corteja ao victorioso  
    Que venceo sem combate!  
Se mudasses as córdas de ouro em bronze  
Para clamar mais alto, as tuas vozes  
    Como o estouro do raio  
Ahi retumbariam aterrando  
A charlataneria, a prepotencia;  
    E o despotismo pasmo  
O clamor te ouviria, como quando

Elle escuta o rugir da populaça  
    Nas praças marulhosas.  
E qual matilha irada na floresta  
Contra o forte leão, mas só e unico  
    No meio de cem cães,  
Rugindo contra aquelle que clamasse,  
As massas se ergueriam vingativas  
    Por vê-lo solitario !  
E a voz do valente expiraria  
Tendo clamado em vão, sem a faisca  
    Do entusiasmo accender,  
Que no lodo da inercia e indifferença  
A braza se apagou qu'inda continha  
    Algum fogo sagrado !

E pois não mudarei as tuas córdas,  
O' minha doce lyra, e se sonóros  
    Hymnos cantar não podes,  
Se dulcias entoar não te é dado,  
Nem cantos patrioticos os feitos  
    Memorando dos fortes,  
Que não nos ha na nossa triste terra,  
E no nosso brigar de vis formigas  
    Na sopeira de doce,  
Solta aos ares queixumes lamentosos,  
Que sirvam de consolo aos que padecem,  
    E que ouvindo ao longe  
O echo de uma voz fallando accorde  
Com o que dentro d'alma lhes palpita,  
    As mãos postas p'ra o céo,  
Talvez ergam já menos descontentes  
Dizendo : não sou só, alguém me entende

Alguem sente como eu !

Modula, ó minha lyra, cantilenas  
Innocentes de amor, endeixas canta  
De magoada saudade,  
E alguma vez mais forte desferindo  
As córdas, mais solemnes melodias  
Resdêm, como as fallas  
D'aquelle que já chega á ferrea porta  
Da eternidade, e bate nella pallido  
E com a mão gelada.

Canta, canta, bem livre, ó minha lyra,  
E como te dictar a voz do intimo,  
Essa voz que não cala  
Nem diante da espada e dos equuleos  
Nem ante o fallaz brilho, que fascina,  
Do amarello metal.

O dente da miseria m'escalavra  
As entranhas vasias? pouco importa.  
Caia na terra a terra  
Caia em pó este barro, livre e bella  
Como formosa arára, á quem quebrou-se  
A corrente de ferro,  
Voará para o azul minh'alma livre.

1855.

## QUEIXA.

Está chovendo, o dia nebuloso  
Vai passando tristonho e carrancudo,  
E na pequena estiada, que não dura,  
Mal apparece um raio cristallino,  
Qu'atravessando as nuvens carregadas  
Vem espargir na terra humedecida  
Um pouquinho de luz e de alegria.  
E depois continúa na calçada  
A gotejar a chuva sem parar!  
Tambem quando desanda n'uma casa  
A chuva da desgraça, que estiada  
Mais se vê? Se apparece um raio tenue  
De alegria é tão fraco! e depois inda  
Serve só de tornar mais triste a noite !

Debruços na janella, estou olhando  
Essas gotas cahindo do telhado  
Como em tempos felizes costumava;  
Ellas lavam a pedra, rolam, vão-se  
Pela enxurrada ábaixo, como as horas  
Disto que chamam vida. Estou sósinho;  
Ah ! não tenho á meu lado um ente amigo  
Como dantes tambem comigo olhando  
Essa marcha do tempo, compassada  
Pelas gotas de chuva. Ai ! esse tempo  
Era bom e corria-me insensivel !

Tinha á meu lado alguém que m'entretinha,  
Sentir não me deixando o fastidioso  
De uma vida vazia ! tão vazia !

Sem dizer nem palavra longas horas  
Ficavamos olhando o que ? o céo ?  
Delle todo encoberto não se via  
Nem uma nesga; as arvores ? rugiam  
Como agora, das folhas sacudindo  
As perolas da chuva. O mesmo quadro  
Que vejo agora via nesse tempo.  
O que mudou não é o quadro; triste  
Ou alegre, de treva ou luzes cheio,  
Aos olhos não importa. É tudo alegre  
Para um coração qu'está contente,  
E o dia mais bello é sempre triste  
Para quem geme em dôr; um sol brilhante  
Té parece insultar-nos, se choramos!

1853.



' A' \* \*

Dos galgos o veado perseguido,  
Soffrego e anhelante atravessando  
Os rios, os barrancos, os cerrados  
De espinhos e de mattos,  
Já de cançado alfim ia bambeando,

Cada vez menos rapido,  
E cada vez mais perto  
Os latidos ouvindo.  
Então em cada echo eram mil mortes,  
Que o peito atravessavam-lhe;  
E já quasi que sente as esfomeadas  
Bôcas despedaçarem-lhe suas carnes,  
Morria.... Mas divisa um escondrijo,  
Faz ainda um esforço.  
Com o medo da morte,  
E com a esperança de salvar-se,  
Firma um pulo maior,  
Salta e mette-se dentro do cerrado.  
A matilha, que chega, e late em roda  
Tem o rasto perdido;  
Entre sustos e esp'rança elle palpita  
No escondrijo deitado.  
Em fim o caçador os galgos chama,  
E o pobre tão contente ouvindo ao longe  
Se afastar mais os gritos,  
Mais á larga respira.  
Tal é o coração do infeliz  
Que achou um refugio  
Aonde se abrigar no desespero;  
Tal é o coração  
Que todo gratidão se effunde em prantos,  
Não em prantos de dôr, mas de consolo.  
As palavras são nada, meu amigo,  
Para dizer o que tem-se no peito;  
Não posso te contar  
Como este coração me estremece

Da doce gratidão no doce arquejo;  
E depois tu tambem lá tens teu gozo,  
Teu coração tambem, oh ! te palpita,  
Satisfeito de si,  
Mirando-se no gozo qu'espargira;  
O que mais te dissera ?

A fraze balbuciada d'entre lagrimas  
No em tanto recebe;  
Já não são de amarguras qu'estancaste,  
Mas destas que rebentam sem sentir-se  
D'um peito agradecido, como as gotas  
D'orvalho, qu'humedecem e dam vida  
A planta aonde o sol lançou as iras.

Janeiro de 1852.

---

As just thy second charge.

YOUNG.

Cançei de labutar na lida insana,  
E no tropel do mundo,  
Persequindo vã sombra que me foge,  
Que primeiro maior se me mostrava,  
Que com o clarão d'alva era mais bella  
E ostentava roupagens roçagantes,  
E que perto de mim me parecia.  
Corri tanto atraz della,



E pensava poder logo alcança-la!

E ella sempre á fugir!

A distancia cresceu, mais apagada,

E semelhante ao fumo que se eleva

Aos ares, foi ficando a linda forma;

Hoje sumio de todo

Como o vapôr qu'espanta o sol á pino.

Cancei de persegui-la,

E frouxo eis-me por terra!

Se me fosse possível um desejo

Ainda conceber

Eu diria : « Permitta-me o Senhor

« Depurar algum canto retirado

« Do bulicio dos homens,

« Á sombra de mangueiras um ranchinho,

« Onde me corra a vida socegada

« No remanso da paz e da amizade!

« Desde que descorçoei,

« Fôra mais que feliz

« Podendo reunir em um retiro

« Aquelles, á quem devo a existencia,

« Aquelles que nas veias tem um sangue

« Irmão do meu, com elles preenchendo

« Os dias que me faltam

« Para acabar da vida a agra tarefa!

« Nada mais desejara e procurára,

« E com o coração cheio de gosto

« Poria as minhas mãos e déra graças

« Ao Senhor, que me dava tão bons dias

« Com auroras tão cheias de fulgores,

« Com crepusc'los tão doces e saudosos.

- « E quando á meia noite na porteira  
« Gritasse um passageiro,  
« Correndo ao seu encontro e abrindo a porta  
« Eu o receberia,  
« Não como para dar-lhe uma pousada,  
« Porém como um amigo qu'esperava  
« E á quem tinha guardado a sua ceia.  
« Quando rompesse o sol e em seu caminho  
« Já elle caminhasse, pensativo  
« Em sua alma diria :  
« — Já encontrei alguém feliz no mundo  
« E iria conta-lo á esses loucos,  
« Que não fartos de serem infelizes,  
« Por fazer infelizes só trabalham. »

---

Quando murcha a flôr do campo  
Com o sol do meio dia,  
Como queres qu'ella brilhe  
Garbosa de louçania ?  
Quando murcho o coração,  
Como queres qu'alegria  
Elle mostre? como queres  
Que contente elle sorria ?

Se a nascente exposta deixas  
Ao sol abrazador,  
Póde o correjo, que secca,  
Dar mais agua, dar frescor

À campina ressequida?  
E coração sem amor  
Como mais dizer palavras  
Cheias de grato candor?

Não te queixes, não me digas  
Que fechei meu coração,  
Que manar delle não deixo  
Mais amorosa expressão.  
D'estar murcho, pobre delle,  
Ah! não tem a culpa não;  
Toda a culpa é toda tua,  
De tua fria razão.

Outubro de 1855.

---

O' cacciati del ciel, gente dispetta.

DANTE.

Como é bello o zunir da ventania  
Embalançando as arvores furiosa!  
Ella passa rugindo, e com as azas  
Açoitando a floresta, a terra junca  
De folhas e de troncos,  
Que tinha respeitado a mão do tempo!

Eis-ahi á rugir a tempestade,  
E no bojo das nuvens carregadas

Ao clarão dos relampagos estoura  
O trovão, ribombando longamente.  
O ar e a terra tremem,  
Tudo em roda escurece, e os ermos bramam.

Nas moradas dos homens penetrando  
Lugubre e temeroso o vento pia,  
E os corações contritos e tranzidos  
Soffreando os palpites, mudos, quietos  
Escutam os trovões,  
E olhando os coriscos estremeçam.

Lá vem as enxurradas borbulhando  
Dos morros, e vermelhas quaes se fossem  
Da golpeada terra o sangue em jorros,  
Ellas rolam varrendo montes, campos,  
Folhas, galhos e barro,  
E alagam a varge e os rios mancham.

O dia abrazador assim abranda  
Os seus ardentes sóes; era fornalha  
Candente o céu, a terra; como o peito  
Do demonio fervendo em ira insana,  
E desabou tremenda  
A borrasca, açoitando a terra e o ar.

É assim que recresce comprimida  
A furia popular; alfim desanda  
Negra a revolução, destroça tudo,  
Sobcalca sob o carro amaldiçoado,  
E roja para o abysmo  
Toda uma geração que ahi perece!

Malditos esses que accumulando  
Vão o fumo dos seus erros e crimes  
Sobre a massa oprimida. Da tormenta  
A hora ha-de soar! Então ai delles!  
Quão maior a pressão,  
Mais horrivel será a tempestade !

E como reflorece o campo e a vargem  
Depois da tempestade, gerações  
Novas se erguerão ahi dos restos  
Da extincta geração, mais florecentes  
Mais robustas e bellas !  
Possam ellas livrar-se das borrascas !

---

Il fait bien des rêves.

V. Hugo.

Se eu pudesse apanhar os pensamentos  
No momento em que passam-me na ideia,  
Como de passarinhos leve bando  
Por sobre o espelho limpido do lago!  
Mas passam velozmente, nem dão tempo  
De olhar-se e distinguir-se as suas côres !

Tal á pôpa do batel  
Muitas vezes recostado,  
E mollemente emballado

Sobre o seio fluctuante  
Do lago verde anilado,

Vejo correr as arvores  
Velozmente d'agua á beira,  
E a margem, tão faceira  
De flôres e de verdura,  
Desfilando na carreira.

E em quanto fito os olhos  
No rochedo reluzente,  
Ou na moita florecente  
Ou na caza que se ostenta  
Á borda da alva corrente,

O rochedo, a moita, a caza  
Mais e mais vão-se arredando,  
Mais e mais vão mingúando,  
Na distancia que se estende  
Pouco á pouco se occultando.

E antes de eu ter olhado  
Como sombra já passou,  
Já da vista m'escapou  
Outra caza, moita e rocha,  
Que minha alma nem notou.

E sem deixar nem vestigio  
De sua leve passagem,  
Sem deixar nem leve imagem  
Á sós comigo me deixam,  
Desfeitas como miragem.

**E porque não poder em um momento**

Copiar-lhes o retrato?  
Apanhar suas formas, suas côres  
Seu aspecto risonho ou carrancudo,  
O seu ar distrahido ou melancolico  
Qual amante qu'occulto d'entre as franjas  
Verdes do arvoredo,  
Copiasse a forma aerea de donzella  
Do jardim pela rua além passando?

Outubro de 1854.

---

### OS LIVROS.

Nas dôres d'alma ás vezes,  
Quando no conversar dos homens acho,  
Por consolo a frieza d'um sorriso,  
Que não diz mais do que indiferença,  
Quando pensar não posso e o azedume  
Da imaginação as azas m'entorpece,  
E renitente a mente vai lançar-se  
No paul dos mesquinhos cogitares,  
    Á que a empurra o mundo,  
E onde ella braceja e se fatiga  
Sem poder avistar tão perto a margem,  
    Pois tem os olhos turvos;  
Quando desacorçoado nada tenho  
    Á esperar dos homens,

Meu unico refugio  
É abrir algum livro;  
É procurar n'algum destes amigos  
Fieis do solitario,  
A palavra qu'o coração me pede.  
Onde quer qu'eu os abra ahi deparo  
Uma ideia mimosa,  
Um pensamento grande,  
Uma feliz lembrança,  
Profunda reflexão, leve conceito,  
Que me arrebatava o espirito,  
E m'o transporta longe, muito longe  
Do ambiente pesado em que nos lançam  
As miserias do mundo.

Eis-aqui os amigos meus fieis,  
Que nunca me abandonam,  
Que nunca se desdizem,  
Que nunca como Pedro me negaram,  
Que diante do patibulo,  
E na presença austérea dos algozes  
Não se desmentiriam.  
São elles que me acodem e me salvam  
Da lameira do vicio;  
São elles que me agarram pelo braço  
E me arredam da estrada á que me arrasta  
O rancor do amor proprio, em que pisou  
Um petulante pé.  
Da paixão a cegueira elles me curam,  
Rasgando o véo com que ella se cobre;  
Elles são que me mostram a verdade,  
Não núa, descarnada,



E como um esqueleto,  
E como isso que os homens denominam  
Real e positivo,  
Cuja nudez é feia e desencanta  
O condão da existencia,  
Cujo descaro cynico nos mata  
A esperança, a fé,  
E nos desacorçoa o nobre afan;  
Mas a verdade bella, soberana,  
No seu eburneo throno  
Circumdada de auréola brilhante.

Elles bem como o anjo que salvára  
Do sacrificio Isaac,  
Suspendem-me no ar  
O braço que m'erguia insana colera.

Quando bem como Job no formigueiro  
Da dôr eu me lamento,  
Elles me vem dizer doces palavras,  
Recebem minhas lagrimas,  
E do consolo o balsamo vertendo  
Nas chagas de minh'alma,  
À espaiar me levam pelos paramos  
Deliciosos do Eden,  
Elles ouvir me fazem harmonias  
Celestes, e me contam  
Os segredos dos anjos.

Se elles me conduzem muitas vezes  
À lobrega morada  
Do anjo decahido,  
E por entre os sombrios nevoeiros

Da soturna mansão,  
Se pela mão ás vezes me conduzem  
Por entre as alamedas dos cyprestes,  
E percorrer me fazem  
A cidade dos mortos,  
Inda não sei o que elles me dizem  
Qu'os arrancos da dôr um pouco abranda,  
E no lugar tristonho  
Vemos se despargir, com clarão tenue  
Qu'alembra o paraizo,  
Um suave reflexo da luz pura,  
Que do throno do Altissimo se entorna.  
Elles não nos atiram sem piedade  
Do desespero no vazio escuro,  
Onde nem a esperança se nos deixa  
D'espedaçar a fronte n'um rochedo.

Quantas vezes não tenho levemente  
Adejado no espaço,  
De estrella em estrella navegando?  
Quantas vezes não vai rindo minh'alma  
Aportar nos jardins da bella Armida,  
Conduzida por quem ?

Tempo houve, tempo triste,  
Em que no abatimento sepultado,  
No lethargo qu'ao desespero segue,  
Da apathia na inercia,  
Em que nem me voltar no duro leito  
Da dôr me resolvia.  
Jazia ahi inane, quasi morto.  
O acaso ou divina providencia

Aos olhos me mostrou o seio aberto  
D'um dos fieis amigos  
Renasci, ó meu Deos, e tive forças  
De me erguer, de sahir, de vir ainda  
Olhar o sol entrando.

Homéro, Ossian, e a minha Bibliasinha,  
Lamartine e Chenier, Byron e Maistre  
E Dante e poucos mais!  
Eis-aqui os amigos que ficaram-me  
No tempo da miseria;  
Quando por pão troquei os outros livros,  
Pelas garras da fome atormentado,  
Estes largar não poude.

Morresse embóra o corpo;  
Não queria deixar sem pão minh'alma.

Setembro de 1855.

---

Emmudeceram do alaúde as córdas?  
Já não tem mais poder a harmonia!  
Os magicos accents, qu'elle solta,  
No ar vão-se perder sem ser ouvidos;  
E morrem como o grito  
Do naufrago na solidão dos mares.

O canto do poeta á que responde  
O echo só das quebradas, repetindo  
Como por zombaria as mesmas notas,

Desacorçoado cala; nem lamentos  
Os labios balbuciantes  
Atrevem-se á lançar ao ar deserto.

Os seus gritos de dôr bater iriam  
Em vão contra a frieza dos humanos,  
Como o som do canhão que contra a nuvem  
Em vão se disparasse, ou como a bala,  
Que batendo na molle  
Do rochedo, aos pés delle cae já fria !

Seu divino condão perdeu a lyra,  
Qu'outróra adormecia do Orco as furias,  
Os rios suspendia, e ás mesmas rochas  
Fazia palpitar ! peitos humanos,  
Hoje petrificados,  
Já não sabem sentir, estremecer.

Orpheo, se renascesses, sim, tu mesmo  
Arpejâras em vão as cordas d'ouro,  
Ellas que de Plutão a tôrva côrte  
Encantaram nas margens do Cocyto,  
Ai! nada poderiam  
Nas cidades qu'adoram o deos Pluto.

O marmore abrandado transformou-se  
Na loura Galateia, qu'abraçava  
Aquelle á cujo amor e á cujo engenho  
A gloria de viver e amar devia;  
A estatua humanizou-se  
Aos suspiros do genio qu'a creára.

O tempo se mudou, as Galateias

Agora são de marmore para os cantos  
Da lyra, e se humanisam quando escutam  
O tinido metallico e vibrante  
Do ouro fulgurante,  
Do magico senhor qu'o mundo adora

Abril de 1854.

---

Em torpe alluvião a gente iniqua.

SANTOS E SILVA.

Como ahi esses morros  
Qu'em estreito horizonte nos encerram;  
E não deixam passear os olhos livres,  
E tristonhos estendem longas sombras  
Pela baixada afóra,  
E escondem o sol que já nasceu,

São as nossas paixões.  
Afóra dellas nada mais olhamos,  
Nada mais conhecemos e entendemos!  
Suas sombras nos tapam a luz clara  
Da mais pura verdade  
E nem nos deixam vêr o Ente Supremo.

Dezembro de 1854.

---

## INVOCAÇÃO A' POESIA.

Oh! tu, quem quer que sejas, que suspiras

Das arvores nas ramas,

No momento saudoso em qu'ó crepusculo

De pardacentas côres tinge os morros;

Quê palpitas na linfa do ribeiro

Como o labio da virgem, na primeira

Confissão receoso;

Que sorris no branquear da linda auróra;

Que no raio da lua

Depões do teu olhar a limpidez!

Qu'ao queixume da brisa dás o accento

De voz de terna amante,

Que deseja e receia, afaga e fuge;

Que no gemer da vaga quando quebra-se

Contra a rocha da praia,

Fazes ouvir a voz de alma que pena;

E a forma vaporosa d'uma virgem

Desenhas d'alva nuvem;

E no vento da tarde que perpassa

Brincando c'os cabellos da donzella,

Fazes sentir á moça qu'estremece

Um não sei que do halito abrazado

Do seu ardente amante!

Tu que fallas ao triste solitario

No murmurio do corrego,

E no rugir da folha que despenca,  
E no echo saudoso da quebrada;  
Que gemer de defunctos ouvir fazes  
No suspirar do vento á meia-noite;  
E dás de voz humana o doce timbre  
Ao saudoso cantar da juryty,  
Ao gemer do soffrê!

Qu'a floresta povôas de hamadryadas  
E as vargens de ninfas,  
Como o cria da Grecia o amavel genio;  
Qu'ao corrego dás alma,  
No calice da flôr aninhas genios,  
E nos aromas della  
Á sonhar nos obrigas nas doçuras  
D'amores celestiaes ;  
Que nas vozes da matta ouvir-se os cantos  
Fazeis imaginar  
De organ sonoro.

Tu que sóes cavalgar a nuvem parda  
Bem como o aeronauta,  
Qu'indagador impavido se atreve  
A penetrar nos céos,  
Á perscrutar arcanos  
As nuvens desarmando do seu raio.

Tu, qu'o homem transportas além mundos,  
E aos olhos lhe desdobras  
O que lh'encobre a lagem do sepulchro,  
Porta negra onde quebra-se a existencia,  
Que a razão abrir não póde, e pallida  
Tem medo de tocar,

E onde enfim se esbarra, e emmudece  
Por não poder gabar-se  
De nada vêr além, e que derribas,  
Cujos limiar transpões  
E mostras á teus filhos  
Mundos que nunca viram outros olhos,  
Oasis encantados  
Onde promettes pouso aos que te seguem,  
Aos que procuram vêr flôres no céo.

Tú, ó virgem, qu'animas o universo,  
Que dos orbes brilhantes na cadencia  
Fazes ouvir concertos  
Sublimes, como aquelles que entôam  
No domo do Senhor os seus archanjos;  
Que povôas de genios e de fadas  
Os ares e as aguas,  
E confias os miseros da terra  
Á anjos invisiveis,  
Que lhes guiam os passos e lhes fallam  
Á maneira de quem ausente amamos,  
E sentimos estar como presente  
Amorosas palavras nos dizendo !

Tu, virgem pensativa e companheira  
Do triste solitario,  
Que conversas com elle e o consolas  
Quando não tem o misero quem possa  
Escutar-lhe o queixume !  
Tu qu' enxugas a lagrima  
Do pobre encarcerado, que tristonho  
Vê sumir na distancia a branca vela



Como tenue esperança que s'esvae !  
Tu qu'as dôros disfarças da mãe triste  
Acalentando a sua ideia em sonhos,  
Em qu'ella suppõe vêr seu filho amado,  
Estreita-lo no peito.

Tu, deosa, que nas faces da belleza  
Entornas os encantos os mais doces,  
Qu'ensinas á sentir-se  
No corar da donzella os brandos extases  
De mais puros prazeres !

Tu, fada qu'animando a natureza,  
Do pensador ás vozes  
A fazes responder  
Como á voz do cantor responde a harpa  
Que seus dedos desfêrem.

Oh ! tu que com a tua vara magica  
Tocando o coração,  
O fazes palpitar, tremer com vida,  
Sentir e agitar-se,  
Como as linhas e os traços que na tela  
Insensivel e morta  
O inspirado pincel do genio escreve,  
E que aos nossos olhos mudos, pasmos  
Como que criam vida, fremem, sentem.

Divina poesia, vem, ó deosa,  
Tomar-me em tuas azas,  
Vem afagar-me as faces com teu halito,  
Alentar-me com tuas magas fallas.

Não me vistas as tuas roupas de ouro,  
Não venhas no teu carro purpurino,  
Ostentando os jaezes  
Qu'adornam teus ginetes espumantes.  
Deslumbra-me esse brilho resplendente  
O resplendor me cega;  
Eu não vou celebrar o sacrificio  
Sagrado do cordeiro,  
Qual da Germania fria o vate illustre !  
Nem qual d'Albion o cégo  
Memorar do Eden as veigas flóridas !

Ai de mim ! no lidar d'uma existencia  
Tão pesada e amarga,  
Bem como o nadador qu'á sós labuta  
Contra o furor das vagas,  
Como poder olhar o céu, cantando ?  
Com um esforço ingente o nadador  
Faz um maior arranco,  
E a contraria corrente lá o arrasta,  
E na mesma distancia vê o misero  
A margem lá tão longe !

Vem dar-me a mão, ó virgem,  
Ajudar-me á vencer da vaga a furia,  
Não com teus adereços e roupagens,  
Que as ondas salgadas estruíram !  
Não venhas ataviada com as sedas  
Roçagantes e pedras !  
Como as contas do seu santo rozario  
Qu'a incauta deixou  
Rebentar-se nas mãos do seductor,

Neste mar cahiriam  
As perolas do teu collar brilhante !

Vem, sim, porém austéra, merencória,  
Sob o sendal delgado patenteando  
A pureza das formas virginaes,  
E no olhar tranquillo  
O vigor de teu animo celeste !  
Vem, dá-me a tua mão,  
Ajuda-me á safar do pego irado !

Irei contigo a matta,  
Repousarei contigo sobre a gramma,  
Escutando o bramir da cachoeira,  
Que vem precipitada, ronca, espuma,  
Some no negro abysmo,  
Qual das revoluções o torvo carro  
A rolar e á rolar.

Ahi te cobrirei de virgens flôres  
Que colherei na vargem,  
Resguardarei teus membros do sol quente  
Com folhas sempre verdes.  
E para te seguir  
Fugirei do rumor, e da cidade.  
No alto da collina pousaremos,  
E meu dedò seguindo com os olhos  
Verás na praça publica,  
Nos theatros a infame petulante,  
Que teu nome roubou,  
As suas falsas joias ostentando,  
Mercadejando a sua voz mentida,

E prodigalizando o vil incenso  
Ao poder e á riqueza !

.....  
Não me fujas, ó virgem !  
Ínsano em minha dôr eu delirei !  
Meu labio blasphemou,  
E aspera palavra foi ferir-te  
O casto e puro ouvido !

Oh! não profanarei da lyra as córdas,  
Em açoites mudando-as  
Para punir os crimes e os vícios !  
Oh! não as rustirei inutilmente  
Querendo maltrata-los,  
Em quanto elles se rirem desdenhosos,  
Esses homens sem alma  
Que sómente se dobram ao terrível  
Furor do despotismo,  
E que olham sorrindo o desastrado  
Qu'inuteis vozes sólta no deserto !

Perdôa, ó meiga virgem !  
Não me deixes á sós !  
Assenta-te na praia que verdeja,  
Terei valor e força contra a onda,  
Á minha espera vendo  
Uma divina forma sobre a margem.

Ai de mim ! que não foi por minha culpa  
Que cahi neste mar,  
Foi uma triste sina que me trouxe,  
Me atirou nestes mangues enlodados,

De donde a marezia se exhalando  
Vem quasi suffocar-me!

Para ouvir os descantes tão singelos  
Que d'antes me ensinaste,  
E que desaprendi depois no louco  
Delirar da cidade,  
Ai! o que não daria !

Contar quizera os annos que me restam  
De vida como dias,  
Com tanto que na minha pobre lyra  
Podesse reviver o doce accento,  
O modo de cantar ingenuo e facil,  
Que bondosa inspiraste-me  
No albor de minha vida;

O motejo dos homens  
Já não perturbaria o meu descante,  
Fazendo-me calar corrido e triste!  
Um rosto, aonde a dôr escreveo sombras,  
Já não muda de côr  
Com a cruel risada do escarneo,  
E desdenhoso encara-lhes a face.

Vem pois, etherea virgem, merencória,  
Ensinar-me lamentos  
Como os que no seu triste formigueiro  
O triste Job soltava.  
E gema a minha voz nos echos lá  
Das grotas do sertão,  
Como a voz do soffrê na sombra escura  
Do capão na baixada !

Só lamentos soltar a lyra póde,  
A lyra do que louco desgarrou-se  
Nos destios do mundo !

Janeiro de 1856.

---

**ENTHUSIASMO.**

Electrico tremor as veias cõa-me,  
Os olhos me deslumbra um mar de luzes,  
A fronte é labareda; e como o amante  
Que vê chegar-se a hora desejada,  
Bate-me o coração apressurado.

Um vento hemfazejo d'além vindo  
Banha-me de frescor. Que vento é este,  
Qu'infiltra-me no ser vigor e vida?  
És tu, inspiração, divino espirito?  
É teu este bafejo animador?

Oh! santo enthusiasmo, bem te sinto.  
Já sobre as tuas azas confiada  
Minh'alma se equilibra; já meus olhos  
Nadando nos espaços mal divisa,  
Qual cômoro de areia, a terra ao longe !

Bem como em cathedral qu'escura echôa  
Os sons do orgam santo, de repente

Rasgando-se as cortinas, fluctuando  
A luz inunda a nave e reverbera  
Dos altares na prata fulgurante,

Assim me tumultuam ante os olhos  
As ideias! eu vejo-as brotarem  
Qual no meio do azul, mal cerra a noite,  
Centenares d'estrellas! Enthusiasmo,  
És tu que m'arrebatas no teu vôo.

Meu Deos, eu te agradeço. De sybilla  
Não é o furor doido qu'embriaga-me.  
Não sou Phaetonte, não! nem ousou o carro  
Do sol, com mão franzina e ignorante,  
Guiar pelos teus paramos celestes.

Eu sou pequeno passaro á quem deste  
As pennas da esperança; as azas verdes  
Batendo alegremente o pobre passaro  
Apenas quer saudar ao rei da luz,  
Piando mansamente as suas rezas.

Foi a noite medonha, e tempestuosa;  
Mas o dia renasce inda mais bello;  
O sol a coruscante face amostra  
Á terra embevecida, e satisfeita  
Ella sorri-se aos olhos do bello astro.

Das suas vargens humidas se elevam,  
Como dulcias de amor, suaves cantos,  
Vaporosos perfumes. Palpitantes  
O orvalho na verdura, e a veia limpida  
Agradecidos tremem e retremem.

Tal, Senhor me palpita o grato seio,  
Assim a tua luz me inunda a fronte,  
E tremulo o meu labio balbucia  
Uma lettra do teu sagrado nome !  
Cantarei, meu Senhor, a tua gloria.

É meu fado cantar ! pobre cigarra,  
Ainda que no pó me calque o mundo,  
E minha voz de fraca no ar morra,  
Seguirei meu caminho repetindo  
O nome do Senhor que m'illumina.

Oitubro de 1853.

---

Porque desacorçoar? quando o seu dorso  
Escuro alevantando a vaga negra,  
Qual bravo caitetú frisando as cerdas,  
Se arroja furibunda,  
Valente o nadador á ella investe,  
Como no seu corcel monta sobre ella,  
E avança para a meta !

Coragem, ó minha alma; o pego é negro,  
Berrando s'escancara o torvo abysmo,  
Já prestes á engolir-te em suas fauces !  
Melhor ! quando a peleja  
Mais renhida se trava, mais brilhante  
Tambem corre a victoria, no seu carro  
De sangue gotejante!



Corajem, ó minh'alma, o alvo é nobre !  
E bem como á Sansão, outróra, occulto  
Valia dos exercitos o Deos,  
Seu braço te sustenta,  
Tem fé, e fraquear nunca o esforço  
Na luta sentirás; santo enthusiasmo  
Que seja o teu sustento.

Corajem, ó minh'alma; é nobre a empreza;  
De vã gloria não são louros ephemos  
Qu'aguardam-te na meta; dura c'rôa  
D'espinhos, mas cercada  
D'auréola brilhante, immorredoura,  
A fronte te ornará, e o mundo pasmo  
Grato te admirará.

Monstro de mil cabeças, o demonio  
De toda a parte assalta-te furioso ?  
Turbilhão de serpentes te pullulam  
Sob os pés, embaraçam-te ?  
Debaixo da alpercata o seu veneno  
No pó espreme, e marcha audaz e firme;  
No teu caminho avante.

O crime, o vicio, o erro, esmaga tudo,  
E segue, que delicia não sabida  
Alcançarás além, em doce somno,  
Qual o trabalhador  
Que lida todo o dia co'a pesada  
Enxada, e vem de noite repousar-se  
Tranquillo e sem cuidados.

Combater, batalhar pela verdade !

Corajem, ó minh'alma, é dos destinos  
Se o mais amargoso, o mais sublime.

Feliz quem seguir póde

A senda da verdade, e amostra-la  
Aos loucos desnorteados ! algum dia  
Terá a recompensa.

Oitubro de 1853.

---

Não ! jámais vêr de perto o genio queiras !

Jámais queiras palpar, medir c'os olhos

O miseravel vaso

De argila que contem celeste essencia,

E que verás pasmado não partir-se

Com o fogo qu'encerra,

E com a expansão do grande espirito

Que no bojo palpita-lhe anciado

Por vôar, estender-se pelo mundo !

Se has-de desadorar o bello genio,

Cujo fallar solemne, cujos cantos

Eram tuas delicias,

Não te aproximás d'elle, não n'ó vejas,

Elle é homem tambem; tem carne e dôres;

E como os outros homens,

Escravo de miserias, elle roja-se

De agras necessidades na poeira.

Se has-de desadora-lo não n'ó vejas.

Ai de ti ! impalpavel fórma etherea,  
Sensível só aos olhos tu cuidavas  
    Qu'ias vêr, tresloucado !  
E pasmas de enxergar ahi um homem !  
Um homem como os outros e mais simples,  
    Se delles differença-se,  
Mais criança no gesto ingenuo e franco,  
E de olhar mais morbido e doentio,  
E de côres mais baças e queimadas !

Pasmas de o vêr tão homem e pequeno,  
De lh'ouvir o fallar tão chão e simples,  
    Quando cuidavas vêr  
Como do cortezão e do fidalgo  
O ar apavonado e presunçoso.  
    E descrês qu'em tal cerebro  
Ferver possa um volcão, donde borbóiam  
Os grandes pensamentos, como as lavas  
Incendidas qu'ao céo o volcão lança !

Elle que se conhece, e mais qu'os outros  
Tambem conhece o mundo e essas misérias  
    Que povôam-lhe a face,  
Elle que sabe bem o vão de tudo  
Quanto se ostenta ahi diante dos olhos  
    Das estupidas turbas,  
Sim, elle cujo olhar penetra no amago,  
E atrevido sonda o seio fôfo,  
Estufado de todas essas pompas;  
E conscio da verdade quer mostra-la  
A aquelles que o circumdam, nua e bella  
    Como ella o é de si,

E que despe vā mascara, decahe,  
Desmerece á teus olhos, e te julgas  
Seu igual ou melhor.  
Em tua presumpção dizes assim :  
« Oh ! vio-o ! não é nada ! é como os outros,  
« E sem o ar qu'impõe de um fidalgo ! »

E que fôra se o visses quando frouxo,  
Extenuado de forças elle tomba  
Do empyrio, onde vagava !  
Se o visses d'olhos mortos, alquebrado,  
Arrastar o doentio e fraco corpo,  
Depois qu'abandonou-o  
O numen celestial, o enthusiasmo;  
Depois que desprendeo-lhe do seu seio  
As garras matadoras a ave etherea? !

Pasmas de o vêr tão homem e tão fraco,  
Pasmas de vêr um corpo tão enfermo,  
Umás côres tão baças !  
Nem sabes, desgraçado, que devia  
Ser assim !! E saber como o poderas,  
Se jámais adejaste  
Nos paramos azues, e se jámais  
Anhelante, offegando percorreste  
Do pensamento os mundos sem limites !

Fevereiro de 1856.

What then am I who sorrow for myself?

YOUNG.

Quem sou para queixar-me? o matto humilde,  
Que rasteiro vegeta  
Do alto jiquitibá á grande sombra,  
Quem é para querer qu'o sol o veja,  
E lhe reparta igual porção de raios?

A formiga quem é para queixar-se  
Do touro qu'a pisou?  
E do cavallo qu'á rinchar no campo  
Foi, desmanchou correndo de corcóvos  
Sua casa de areia com as patas?

E quem é essa gente que se queixa  
Do senhor e do rico,  
Cujas gordas parelhas aos pés calcam  
O pobre samburá, ou triste sacco  
Em que trazem o tão magro sustento?

E quem deu o direito á pobre abelha  
D'investir contra o homem,  
Porque lhe vem roubar os doces favos,  
E assassinar seus filhos espremendo  
A colmeia com fria indiferença?

Esse vulto da côr da negra noite  
É por ventura homem?

Ousa tambem pedir quinhão da meza ?  
Ousa querer sentar-se á par dos homens,  
E nos copos libar os vinhos rubros ?

E tantos qu'ahi vivem desmamados  
De gozos e alegrias  
Por ventura se queixam ? quem são elles ?  
Quem foi qu'os convidou para o banquete  
Da vida ? quem são elles p'ra queixar-se ?

E acaso se queixa o pobre arbusto  
Do refegão qu'o bate ?  
Póde elle a voz erguer ? oh ! quem é elle  
Ao pé desse coqueiro alto e soberbo,  
Que póde gritar forte á ventania ?

A queixa não é dada aos pequeninos,  
Sim aos grandes do mundo;  
São elles quem jámais se satisfazem,  
Que profundas raizes hi enterram,  
E estendem uns braços alongados;

Que querem dominar, possuir tudo,  
E que sempre se queixam.  
São elles que tem voz alti-sonante,  
E podem levantar-se contra a furia  
Dos refegões bradando contra elles.

Eu não me queixarei; eu sou o arbusto  
Pequenino da vargem.  
Não me faz mal o vento, mas a queda  
D'um desses grandes troncos, que restrugem  
Cahindo, e que m'esmagam e aniquilam.

Quando nos meus ouvidos me gemeram

Umás vozes queridas,

E desci lá do morro onde á noitinha

Descantava na lyra os meus lamentos,

Eu disse assim comigo :

« Vamos, é necessario! vozes caras

« Lá gemem na baixada!

« Desçamos na planicie e como os homens

« Pela terra catemos alguns fructos

« Para dar pão aos miseros.

« Insecto de azas verdes, em formiga

« Transforma-te; é preciso!

« Vem trabalhar como ellas, e de areia

« Fazer humilde caza em que se abriguem

« Aquelles a quem amas.

« Depõe a lyra, ó poeta, esquece a musa

« E o braço empregar vem

« No lidar dos humanos, e como elles

« O teu trigo semeia, para teres

« Seára para os teus.

« Ah! se fosses sósinho, se do sangue

« Os laços não te unissem

« Á estreitos deveres; se o trabalho

« Não te fosse exigido pelos entes

« Á quem deves a vida!

- « Podias descantar á gosto e livre  
« Na tua maga lyra;
- « Arrimado ao bordão de peregrino  
« Podias divagar na terra inteira  
« Cantando, só cantando.
- « Ninguém te negaria uma pousada  
« Por uma noite só.
- « Ninguém te negaria pão e agua,  
« Palhas para dormir, da caza um canto  
« Para pôr o bordão.
- « E para deleitar ao teu bom hospede  
« E seus filhos amaveis,  
« Afináras a lyra e descantáras  
« Lendas de tua terra, tristes contos  
« Dos tempos que passaram;
- « Porém tu não és só; uma voz chama-te,  
« É a voz do dever.
- « Depõe a lyra pois, triste poeta,  
« Deixa a sombria matta e na cidade  
« Vem trabalhar c'os homens.
- « Quando a seára houveres já collido  
« Tornarás ao teu morro;  
« Poderás repousar-te sob a sombra  
« Da tayuba, dizendo os teus descantes  
« Á viração da tarde.
- « Não temas que teus dedos desaprendam  
« As notas harmoniosas.  
« A mão qu'arpeja as córdas da harpa podem



« Sem desdouro empregar-se em outras lidas,  
« Manejar outras armas.

« Não é vil interesse, a sede de ouro  
« Qu'á liça te convida;  
« É o dever quem chama-te, caminha,  
« E nem desaprender as notas temas  
« Qu'a musa t'ensinou.

« Em quanto permanece dentro da alma  
« Nobre afan, ah ! não morre  
« A inspiração, que dicta as harmonias  
« Sublimadas da lyra, e que os dedos  
« Guia por sobre as córdas !

« Guarda para a noitinha os teus descantes;  
« Ahí depondo a enxada  
« A lyra tomarás, e mais suaves  
« Talvez teus cantos sejam, e se exalem  
« Mais sublimes e doces.

« É assim que depois que tudo dorme  
« É mais doce se ouvir  
« Lá a frauta distante. Quem a toca  
« De certo trabalhou o dia inteiro,  
« E agora se distrahe. »

Assim disse comigo e levantei-me  
Da gramma da collina,  
E suspendi do galho a minha lyra,  
E vim lidar nas praças como os homens,  
E ganhar o meu pão.

Não foi vil interesse que mandou-me

Descer do verde morro.  
Pede trabalho o poeta, e não esmola;  
Eis porque ora o vedes entre os homens  
Labutando também.

Fevereiro de 1856.

---

**A' LAMARTINE.**

There thou!.....  
.....  
Twined with my heart.

**BYRON**

Nestes campos desertos e abraçados  
A codorna, que foge do sol quente,  
Ao meio-dia desce  
Ao corrego tão fresco;  
Na espessura penetra, busca as furnas,  
E na agua, que rolando de alvas pedras  
Vai remanchar ábaixo no remanso,  
Para se refrescar ella se atira,  
Para saciar a sede.  
É assim que nas horas de tristeza  
Busco o meu Lamartine.

Eis-aqui o meu livro, o meu amigo

Fiel, que me acompanha á toda a parte;  
Com quem converso á noite no meu leito

Antes de adormecer-me,

Como um anjo que vem nos meus ouvidos  
As palavras da reza repetir-me,

E fazer-me dormir

Na paz do meu Senhor;

Que me falla primeiro no outro dia

Ao clarão da alva

Abrindo-me seu seio, como a roza;

Que constante á meu lado, no meu peito,

Quando o chamo responde,

E me vem afagar com magas fallas.

É a fonte serena, onde minh'alma

Erma de afeição, de amor vazia,

Vem beber sentimento, ardor, consolo,

Fartar-se de poesia, o pão celeste,

E nadar em arroubos !...

Onde para esquecer-lhe a dôr da vida

Ella mergulha e vai-se....

Semelhante ao condôr lá pelas nuvens,

E perdendo de vista na distancia

O marulho dos vivos,

Só os vê como as vagas do oceano,

Mal enrugar a face da planura;

Onde ardendo de febre, e precisando

Expandir-se, bem como a nuvem prenhe,

Ella encontra o amigo qu'adivinha

A parte dolorida,

E nella um grato balsamo derrama;

E a lagrima, retida no anciado,

No comprimido peito,  
Brotava por fim dos olhos, não sentida,  
E respiramos livres,  
Descarregados d'um enorme pezo.

Genio, quem te ensinou tão lindos cantos ?  
Vem do céu algum anjo, em nuvem de ouro,  
Murmurar-te ao ouvido a nota etherea ?

Palpitar-te no seio, como o zephiro

Na petala da roza ?

Ou voando atrevido

Foste aprender lá mesmo com os anjos,  
No azulado empyrio

Sua orchestra escutando ? !

Para te remontares tão acima

Quem azas te daria ? serás anjo ?

Como ousaste escrutar tantos arcanos

Com teus olhos mortaes ?

Como entraste no céu, e quem te abriu

Suas purpureas portas, sobre os gonzos

De diamantes rolando ?

És algum cherubim qu'abandonaste

O paraiso p'ra contar aos homens

As bellezas do Eden,

E ensinar-lhes a estrada que lá chega ?

És um anjo cahido, que divagas

Pelo valle das lagrimas, saudades

Da patria modulando em tua lyra ?

Anjo, quem te contou o qu'eu soffria ?

Onde estavas que viste as minhas dôres ?

O dom de adivinhar possues acaso,

E atravessando o tempo qual propheta,  
E como a luz atravessando o espaço,  
Presente á producção de minha ideia,  
Vendo qu'ella morrera sem mostrar-se,  
E sentindo o que n'alma palpitava-me,  
    Quem sem vasar-se della  
    Nella morrer devia,  
Emprestar-me vieste bondadoso  
    Uma nota do céo ?!

Ah! és homem como eu, que bem m'o contam  
As lagrimas amargas, esse sangue  
De tua alma, esparzidos nos teus threnos,  
Sangue, como que gravavas essas notas  
    De tua lyra d'ouro !

Sim, tu soffres, és homem; mas tua alma  
Teve maior porção da diva essencia,  
E o Creador sobre ella derramou  
    Um olhar mais brilhante,  
Qu'a circundou de auréola de luz !  
E a tua voz sonóra, maviosa  
    Como um oanto sagrado,  
Que na igreja rebôa magestoso,  
Infiltra na alma a fé, a esperança,  
    Aponta-nos o céo,  
E nos indica a estrada que devemos  
    Resignados seguir,  
Amor, cantos e lagrimas, nos seios  
    Que gemem, desparzindo !

Interprete divino do sagrado  
Livro, que nos legou da cruz o Morto,  
Com inspirada mão do pó do tempo

As reliquias da santa lei tiraste,  
E sobre novo molde refundindo-a,  
Remoçada, e vestida bellamente  
Como estatua arrancada das ruinas,  
Aos homens a mostraste.  
Suas formas tão bellas, seu aspecto  
Sublime e magestoso,  
E ao mesmo tempo brando, compassivo,  
Ressumbrando bondade indefinivel,  
D'uma melancolia etherea cheia,  
Os homens admiraram,  
E pasmaram de te-la abandonado  
No pó do esquecimento,  
E tiveram vergonha d'invocarem  
Em seus mentidos cantos  
Os descarados deoses do Olympo.

Cantor das harmonias,  
Onde foste aprender notas tão doces?  
Formoso Jocelyn,  
Job dos tempos modernos, como sabes  
Do que vai pelo Eden,  
Para assim supportares as tristezas  
Do valle do degreço  
Com toda resignação,  
E desferindo accordes tão celestes  
Em tua harpa celeste?!

Entre os nomes qu'o sec'lo á outro seculo  
Léga sobrenadando ao tempo e á morte,  
Só o teu eu invejo, ó Lamartine!  
Como os outros o teu na voz da fama

Reboará perenne;  
~~Mas~~ o teu será inda repetido  
De maneira mais doce, entre suspiros  
E agradecidas lagrimas.  
Todo aquelle qu'em dôr dilacerar-se,  
Todo aquelle qu'á vida maldizendo,  
Como o pobre de Hus chamar a morte,  
Todo aquelle que for á sós no mundo,  
Sem amigo ou consolo,  
Todo o que precisar do pão celeste,  
Da palavra divina,  
Ha-de abençoar teu nome,  
Ha-de molhar as paginas do livro,  
Que de certo molhaste,  
Quando c'o sangue da alma as escrevias.  
Dos campos onde embala-se o coqueiro  
Com os ventos travessos,  
Das mattas onde a alta sapucaia  
E a peroba enlaçam  
Os cipós em festões e molles redes,  
Onde o sabiá gorgeia melancolico,  
Á teus ouvidos võe, ó cysne candido,  
De gratidão, de amor um echo doce.

Dezembro de 1851.

---

And now I'm in the world alone  
Upon the wide, wide sea.

Ouviste a gemebunda jurity  
Exhalar os seus pios magoados  
Na hora da tardinha ?  
Pelas caladas veigas resoando  
Inda o echo repete os seus queixumes,  
Até que tudo morre  
No silencio e na noite.

Então mal um clarão d'estrellas pallido  
Pela vargem se esparge, derramando  
Melancolia em torno,  
E olhamos saudosos para o ocaso  
Onde o sol foi dormir; e a tristeza  
Com suas negras azas  
Nos cobre o coração.

Negro o campo da vida assim é hoje  
Para meus tristes olhos; mudo e ermo  
Tal é meu coração.  
Ainda me resôa nos ouvidos  
De minha pomba o derradeiro anhelito,  
O extremo suspiro  
Tão magoado e dorido !

Na noite do sepulchro emmudeceo !



Nunca mais hei-de ouvir-lhe a voz tão doce  
    Ameigar-me os ouvidos.  
É apenas este echo qu'inda oiço  
No fundo de meu peito, porque gemo,  
    Porque sem elle é erma  
    De todo esta pobre alma.

Foi tão curto o meu dia ! tão depressa  
O meu sol se escondeo ! mal desfizera  
    A nevoa da manhã,  
Mal tinha me aquecido alguns momentos  
Já descambou, desceo rapidamente,  
    E deixou-me tão só  
    Nesta noite tão feia !

Quando saudarei, meu Deos, ai ! quando  
O outro dia sem fim !... quando verei  
    Despontar a auróra,  
Á que não segue languida tardinha !  
Quando ouvirei de novo os doces pios  
    Da minha juryty,  
    Qu'agora já não oiço !

Novembro de 1854.

---

Quando meu pensamento ousado indaga  
    Os segredos da vida,  
Ai de mim ! como um homem que mergulha  
    Em um mar insondavel,

Vejo crescer a treva  
Ao passo qu'aprofundo-me no abysmo,  
E não sei porque força repellido  
Quero tornar de novo á tona da agua  
Fugir da profundeza,  
Que de horror me penetra até os ossos !

Antes vogar tranquillo e descansado  
À flôr dos longos mares !  
Vogemos! para que ir lá no fundo  
Sondar o insondavel !  
Para que mergulharmos  
Em uma escuridão que cresce e augmenta !  
Vogemos descantando alegremente  
Até qu'a hora negra traga o vento  
Na aza tempestuosa,  
E o fragil batel no mar se summa.

— A vida — estreito lago, cujas bordas  
Cobertas de neblina,  
Não podem divisar os nossos olhos,  
— E a morte — um pego escuro  
Onde do estreito lago  
O misero barquinho de repente  
Sabindo, vai cahir, eis ahí tudo  
O que dizer se póde em lingua humana  
Deste triste destino  
Á que na terra somos condemnados.

1853.

**Nature is dumb on this important point.**

**YOUNG.**

— Donde venho ? quem sou ? aonde vou ? —  
Eis-ahi a pergunta irrespondivel,  
Qu'em cada pensamento se repete,  
Que cada homem faz á cada homem,  
Que dirige cada época ao passado,  
Escuta, espera em vão, para o futuro  
Se volta e sem resposta ter ouvido  
Cahe, desaparece !

Ao vento, ao sol, ao céu, ao dia, á noite  
Pergunta-se: — O que sois ? onde levais-nos ? —  
E mudos todos elles continuam  
Sua marcha perenne ! mudos ! mudos !  
Como se perguntado nada houvessemos !  
Mudos vão caminhando e nos arrastam  
No turbilhão continuo até lançar-nos  
No sumidouro eterno !

Os livros, a sciencia, a natureza  
O que nos dizem ? nada ! sempre nada !  
Ninguem sabe a palavra desse enigma,  
Ou quando muito uns sons, qu'oucos retumbam  
Sem dizer nada, nos repetem — *ordem*  
*Universal, hossanna á Deos e gloria eterna,*

*Harmonia divina, eternas dulcias,  
Felicidade, vida. —*

Palavras tão sem peso, que se somem  
Apenas se lhes sopra ! tão vazias  
Que mal são comprimidas e do vento  
Que contém s'esvasiam ! bolhas leves,  
Do arco-iris com as côres matizadas  
E que vai-se tocar, ei-las desfeitas !  
— Donde venho ? quem sou ? aonde vou ? —  
Ninguém, nada responde.

Aos sabios perguntai — quem é o homem ? —  
Elles responderão — não é a pedra,  
Nem o arbusto que cresce, mas não sente ;  
Nem o insecto que vive na corolla  
Da flôr, mas qu'o porvir prevêr não sabe ;  
Nem o boi que rumina, e a mansa ovelha  
Que bale, mas não pôde ter saudades,  
Nem sabe recordar ! —

Sabendo o que não é, esperais inda  
Para saber o qu'ê, ninguém responde.  
Perguntais : — se elle lembra do passado,  
Como dizer não sabe donde veio ? —  
E ninguém vos responde. Perguntais :  
— Se elle sabe prever, como não diz-me  
O que o aguarda lá além dos tempos ? —  
E ninguém vos responde.

Folheai da natureza o grande livro,  
Dai leis á esses orbes que cadentes  
Seguem traçadas orbitas, os corpos

Decompondo e compondo novamente  
Fixai a sua lei de união activa,  
Ás camadas da terra assignai épocas,  
O caminho da luz marcai, e o tempo  
Em qu'ella o espaço corta.

Mostrai na flôr o germen fecundado  
Pelo pó dos estames; explicai  
E a circulação do sangue, e a vida  
E todos os phenomenos qu'apanha  
Vossa sagacidade indagadora,  
Em quanto não disserdes qual o fim  
De tudo isto, ai de mim ! perennemente  
Direi : — nada sabeis ! —

— Para que fui creado, ou fui nascido ?  
Donde foi que tirou-me a existencia ?  
Qual é o meu destino ? o que me aguarda  
Além da negra lousa onde se quebra,  
Isso que chamam vida ? Nem resposta.  
A pergunta fatal no vacuo morre !...  
Se alguém sabe o segredo, inviolavel  
Comsigo só o guarda.

Agosto de 1853.

## UM RAIOS DE SOL.

« Para vôar do lodo em que sumio-se  
« A gota d'agua, e perola tornar-se,  
    « Para tornar-se um anjo  
    « A que escorregou  
« Basta um raio de sol, de amor um raio ! »  
Disse do genio a inspirada lyra.

Oh ! tu, á quem as lucidas espheras  
Cadenciam harmonicas seus hymnos,  
    Cujos louvores canta  
    Tudo quanto ha creado,  
Já com a voz das ondas que remójam,  
Já com os trinos do amoroso passaro;

Oh! tu, á cujos pés tudo suspira,  
A nuvem carregada desfazendo-se  
    Em clarão e em ribombo,  
    As cannas em cicios,  
E o coração do homem em palpites  
Em louco cobiçar e prece humilde;

Oh ! tu á quem adora o universo  
Sem te saber o nome, dulias manda-te  
    Sem saber onde estás;  
    Oh! tu qu'estás aqui,  
Estás tambem no azul, e lá nos paramos  
Do espaço sem limite e do infinito.

Oh! meu Senhor, derrama uma só gota  
De tua graça em meu seio, um só relance  
Do teu olhar divino,  
Um raio só de amor,  
Como Job fecharei a minha bôca,  
E embóra súa sangue, ao termo irei.

Vejo em roda de mim só densas trevas  
Onde apalpo de balde e escolho o trilho,  
Tenho sede de luz,  
Tua luz, meu fanal!

Um raio só de amor, meu pai do céo,  
Para me alar do lodo, e seguirei.

Junho de 1854.

---

Qu'encanto tem o vêr-se as maravilhas  
Qu'a tarde patenteia ao sol poente,  
Se solitario lá  
Estás no calvo morro ouvindo apenas  
O sibilar do vento  
Que sem sentir responde-te ao queixume,  
Ou na aza insensível te arrebatá  
O suspiro escapado?

Não ter á quem confiar nossas tristezas,  
Não ter uma alma só que sinta, pense,  
E que chore connosco!  
Não ter á quem contar-se o que se julga

Vêr além, n'outros mundos !  
Não ter quem advinhe e nos repita  
O que do coração a voz dizia-nos,  
Ser só, bem só no mundo !

Se eu fosse esse rochedo á flôr do mar,  
Se eu fosse o desgalhado e branco tronco  
Lá do alto do morro !  
Inda bem, inda bem ! o tronco e a rocha  
Não tem alma, não sentem.  
Entretanto inda tem, aquelle o vento  
Que lhe falla passando, e esta o mar  
Que geme os pés beijando-lhe.

Março de 1852.

---

● **PAPAGAIO.**

(TRADUZIDO).

Nos ermos do Orenóco em rocha escura  
O idoso papagaio está pousado,  
Immovel, frio,  
Qual se fosse esculpida a sua imagem  
Na pedra.

Entre-meio dos diques de rochedo  
Rolam do rio as ondas espumosas;  
Aos raios tepidos



Do sol puro balançam-se as palmeiras  
Na riba.

Remonta a vaga e tomba; o sol imprime  
As côres do arco-iris no pó da agua,  
E crystallinas  
Perolas o rochedo humedecido  
Goteja.

Lá em baixo ondê as ondas vão quebrar-se  
O somno eterno dorme um povo inteiro;  
De suas terras  
Expellido, refugio entre essas fragas  
Buscou.

E os Aturios morreram, qual viveram,  
Livres, bravos; a canna verdejante  
Da margem erma  
Os vestigios da tribu fenecida  
Esconde.

É lá qu'o derradeiro dos Aturios  
O idoso papagaio traja luto.  
Na pedra o bico  
Aguça, e retumbar faz com seus gritos  
Os ares.

As crianças qu'os sons da lingua Aturia  
Ensinaram á elle, e as mulheres  
Qu'o amansaram,  
E que seu ninho construíram, ah!  
Qu'ê delles?!

Todos exterminados ahí jazem,

Estendidos na plaga; e o papagaio  
Com seus gemidos  
Queixosos não acorda nem um delles,  
Nem um !

Solitario na grimpa do rochedo  
O papagaio chama em lingua estranha  
A todo o mundo.  
O rumor só das vagas lhe respõde  
Gemendo.

E o selvagem que passa e o enxerga,  
Mais ligeiro a piróga rema e vai-se.  
O papagaio  
Dos Aturios ninguem vê sem um santo  
Terror.

1854.

---

A' \* \* \* \*

Ha momentos na vida, em que o homem  
Circundado de ideias mais amaveis,  
Como que mergulhado em doce ambiente  
De rozas e de incenso,  
Vê passar cada dia, cada hora  
Tão cheia de delicia,  
Qu'a não póde deixar ficar perdida,  
Morta no esquecimento;

E semelhante ao passeador ditoso,  
Que divaga nas sombras do arvoredado,  
Para elle povoado de mil sonhos,  
    Quer gravar nomes, datas  
Em cada tronco, em cada pedra. Amigo  
    Assim no teu livrinho  
Careces registrar os teus momentos  
    Tão divinos, tão puros!

Se soubesses que balsamo tão doce  
Senti côar-me n'alma, quando lia  
Esse teu desafogo tão ingenuo!  
    Tão cheio de verdade,  
Onde eu via a pureza de tua alma  
    Espelhar-se serena!  
Esse cantar tão simples e tão magico  
    Que era um paraíso!..,  
Os modernos Orpheos de suas lyras  
Oh! porque não desprendem essas notas,  
Esse arpejado solto que penetra  
    Até o fundo da alma!  
Estudados accordes em vão tiram!  
    E sem invocar musas,  
Tua mão inspirada roça as córdas  
    E noss'alma estremece.

Inspira-te o amor. Um doce efluvio  
D'innocencia e ternura se evapóra  
De tua alma e perfuma docemente  
    Nossa imaginação.  
Agradeço-te o sonho que me deste  
    Como reminiscencia

Do que tambem já tive quando um sonho

Assim me acalentava.

« Inda ha quem é feliz — digo comigo,

« E para quem o mundo inda se cobre

« De manto vaporoso d'alvas nuvens !

« Ah ! porque tão depressa

« A nuvem que no oriente eu divisava

« Sumio-se de meus olhos ?

« Eu já não posso amar, e esta alma erma

« N'um vazio labuta. »

Maio de 1854.

---

### **A LAGRIMA.**

Verterão os meus olhos duas fontes  
Nascidas de alegria.

**GONZAGA.**

Vem molhar minhas faces ressecadas

Pelas dôres, ó lagrima,

O' lagrima d'amor e de saudade,

Orvalho dos que gemem abrazados

Aos sóes do infortunio,

Modera n'alegria os meus assomos.

Não me contenta o rir, o rir é louco,

O rir depressa cança,  
Estica tanto as molas de noss'alma  
E logo as deixa bambas, que quaes córdas  
D'instrumento estragado  
Não sentem, não modulam uma nota.

Sim, o rir, assim como enfeia o rosto  
E a feição desfigura,  
Tambem do sentimento exhaure a força,  
Acama o ondear singello de noss'alma,  
Quando nella suspira  
A aragem d'um prazer, uma delicia.

O rir á embriaguez faz companhia  
Nas mezas dos banquetes;  
Gosta de se fazer ouvir no estrondo  
Dos cópos, das garrafas, da celeuma  
De gritos sem tempero,  
De nomes sem sentido, de blasphemias.

O rir o enxame doido de rapazes  
Sarcastico acompanha,  
E applaude á turba vil quando ella insulta  
O andrajo da pobreza, as cãs dos annos,  
As rugas do infortunio  
E o tropeçar da candida ignorante.

O rir paira nos labios do malvado,  
Semelhante ao relampago  
No seio d'uma nuvem tenebrosa,  
Quando elle escarnecendo opprime a victima,  
E doido de prazer  
Em borbotões o sangue vê jorrando.

O rir do genio abate o vôo ousado  
Na turba dos mediocres !  
Assim como a rasoura iguala o cógulo,  
Assim como as vassouras e as ortigas  
Tolhem crescer ao tronco  
D'uma arvore frondosa e sobranceira.

O rir ao enthusiasmo arranca as azas,  
De sua força invejoso;  
Destróe todo o encanto da innocencia  
Trahida n'uma fraze não sabida,  
E faz corar de pejo  
A candida açucena qu'expandio-se.

O rir é d'almas frivolas; occupa  
O vazio que deixa  
Ausencia de sentir, nudez de ideias;  
O rir é dos idiotas e dos doidos  
A lingua; o invejoso  
De tudo o que não póde ri, moteja.

Não me contenta o rir; o rir é louco  
É frivolo, é cruel;  
O rir nos despoetisa todo o gozo,  
Como o vento derriba a flôr nos campos,  
Como nos desencanta  
Estupida se vêr quem anjo criamos.

A lagrima consola ao que padece;  
Oh ! a lagrima é doce;  
A lagrima a alegria nos tempera  
Qual sumo acidulado em doce taça,

A lagrima é d'uma alma  
O incenso melhor, qu'ao céo se eleva.

Quando nossa querida n'um sorriso  
    Promette-nos o céo,  
Póde ser mentirosa essa promessa;  
Um sorriso não custa á conceder-se;  
    Ha flôr aos olhos bella  
Mas qu'esconde no calice veneno.

Quando ella nos concede um doce olhar,  
    Premicias de amor,  
Quem sabe se esse olhar vai por mil outros  
Liberal esperanças repartindo!  
    Olhar indifferente  
Quanto á nossa vaidade não engana!

Um aperto de mão, a falla mesmo  
    Que treme á confessar-se,  
Inda póde enganar, ser mentirosa.  
A mão se dá mui facil; treme a falla  
    Mulher astuciosa,  
Quando queira prender alguém nos laços.

Porém se nossa amada ao nosso encont ro  
    Correndo alvoroçada,  
Não sente escorregar na face, em perola,  
Uma lagrima! lagrima expressiva,  
    Que nos diz em resumo  
Amor, saudade, gosto, afan, tristeza!

Porém se ella nos mostra os surcos fundos  
    Na face empallecida

Como rozeo setim que desbotasse,  
Se vês amortecido o lindo brilho  
    Dos olhos amorosos  
Pelas noites sem somno e a dôr da ausencia;

Se a triste despedida te demora  
    Um mudo soluçar  
Entre limpidas gotas qu'humedecem  
O teu seio, oh! ahi ella não mente!  
    O orvalho da alma, a lagrima  
Não brota senão quando ardor gerou-a.

Longe de minha terra um dia eu oiça  
    Cantiga qu'eu amava,  
Transportar-me voando ao céu da patria! ..  
Adejo arrebatado ao som da toada,  
    E as ancias da saudade,  
Vertendo grata lagrima, consolo.

Camões, abandonado á sós na terra,  
    Nas garras da miseria,  
Divisa amiga lagrima orvalhando  
As faces do seu Jáo, e agradecido  
    Lhe aperta a mão ao seio,  
E ahi goza do céu alma delicia.

Quando apoz longa ausencia abro a porteira  
    Da casa de meus pais,  
E corro á minha mãe que toda tremula  
Quer descer a escada ao meu encontro  
    Chorando ella me abraça,  
As faces me molhando com caricias.



Ouvindo a triste historia de Virginia  
A naufraga pudica,  
Eu vejo minha amada titubeando,  
Turvos os lindos olhos, pensa a fronte,  
Beber o que vou lendo,  
E deixando cahir sentida lagrima.

Aquelle que de fome está morrendo  
E nos pede uma esmola,  
Que miseros não temos para dar-lhe,  
Se vê em nossos olhos uma lagrima,  
Bem diz-nos obrigado,  
Como se o sustentasse a nossa lagrima.

Quando na nossa dôr os importunos,  
Com vãs consolações,  
Nos fallam de destino, leis da sorte,  
E quebram-nos o ouvido sem piedade,  
O nosso bom amigo,  
Calado, chora só, e dá-nos lagrimas.

No silencio da noite, ao clarão triste  
Das pallidas estrellas,  
Sósinho á meditar, oh ! quantas vezes  
Não tem-me a branda arage arrebatado  
Dos olhos uma lagrima  
Tão cheia de tristeza e de delicia !

Lagrima sem motivo, pranto doce,  
Que do seio se esparge  
Tão espontaneo qual da roza o aroma  
D'aurora ao resplendor, ou qual o incenso

· Pela nave do templo  
N'aza da aura voando aos pés de Deos.  
È então que sentimos dentro da alma  
Esse que d'indizível  
Qu'embalde se quizera em fraze humana  
Traduzir, que fallando em nós sentimos  
À modo terna musica,  
E que muda se exprime n'uma lagrima !  
Socia do infortunio e da tristeza,  
A lagrima piedosa  
No amargo desespero verte balsamo  
Mais grato do qu'ô mel, e na alegria  
Os transportes modera  
Como ao canto a cadencia compassada.  
Sim ! ella não orvalha só as faces  
De quem invoca a sombra  
D'um ente muito amado, que se foi !  
Ou só de quem calcado ou opprimido  
Maldiz da sorte ou do homem !  
Ou só do infeliz que é proscripto !  
È o scello do amor entre dois peitos  
Qu'anelam viver juntos !  
Com ella nossa mãi o primo beijo  
Nos imprime, das dôres deslebrada !  
Com ella resmungamos  
A primeira expressão de amor e vida !  
A dôr nos apouquenta e desespera ?  
E como tigre preso,  
Nas garras della estrebuchamos doidos ?...

Em negro desespero morrer vamos....

Vertemos uma lagrima,

Eis balsamo que cahe-nos na chaga!

Na nossa solidão d'alma, medonha,

Vazia de afeição;

Nas horas de tristeza em que buscamos,

Nas rotas relações um sentimento,

Um laço fraco apenas

Que prenda-nos á vida inda um instante ;

Quando sem mais porvir, sem crença e nada,

Qual naufrago sósinho,

Olhamos a procella gemebundo,

Na erma escuridão do mar da vida,

Onde em vão afincamos

A vista no horisonte sem vêr vela,

Venha-nos orvalhar as sêccas faces

Uma lagrima só !...

Semelhante ao arbusto requeimado

Pelo ardor do simoum, bebendo o orvalho

Nas auras da tardinha,

Renascemos á vida !... e aos soffrimentos.

O aroma d'uma flôr, um canto nóto,

Qu'ao passado nos leva,

E faz-nos adejar a alma saudosa

Sobre um gozo que foi-se, sobre um sonho

De nossa aurora candida

Arranca-nos do seio doce lagrima.

N'uma hora de tristeza desgarrei-me

Atôa pela praia!

Acerbo frenezim, que me ralava,  
Vendava-me dos olhos o espectaculo  
D'uma tarde brilhante,  
E a dôr me absorvia todo inteiro.

Meus olhos sem olhar pela planicie  
Liquidida se estenderam !  
Além se divisavam alvas pedras  
Sahindo á flôr do mar, como manada  
De carneirinhos. Vi-as,  
E subito uma lagrima escapou-me.

Pareceu-me estar vendo os lindos campos  
Da terra em que nasci;  
Era ao vivo o capim verde mimoso  
Onde via as manadas branquejando.  
E dahi voando a ideia  
Via tudo, e abraçava á minha mãe.

O poeta solitario nos seus extases  
Desfere o alaúde,  
E as córdas modulando maviosas,  
Mais graves e mais tristes remurmuram  
Accordes co'a voz tremula,  
Porque sobre ellas rola uma alva gota.

Doce enternecimento, qu'aos amantes  
No seu primeiro abraço,  
Depois de muito olhar, querer sem fructo  
Assomas delicioso, dize, o encanto  
Que tens, não é da lagrima  
Que morbida borbulha em quentes palpebras ?

Ahi não ha lascivia; fôra torpe  
Nesse instante um desejo!...  
Ha, sim, delicia immensa como a de anjos,  
Amostra das delicias lá do céo,  
Que para os seus chamar  
O Senhor nos concede em uma lagrima.

Terna melancolia, tu das almas  
Sustento, e apanagio  
Dos seres escolhidos, harpa eolia  
Que vibra qualquer sopro, qu'estremeces,  
Sentes, choras, modulas  
Mal se toca de leve em tuas córdas,

Tu, ó flôr sensitiva, só nascida  
Em bellos corações,  
Dize: qual é o orvalho á ti mais grato?  
Quem é que te dá vida, côr e mimo?  
Não é o orvalho da alma,  
A lagrima escapada quasi á furto?

Vem molhar minhas faces ressequidas,  
Oh! grato orvalho da alma!  
Sim, abrandame a dôr, embalsamando-a;  
Modera os meus transportes na alegria;  
As forças me reanima,  
Fonte de minha vida, tu, ó lagrima,

Outubro de 1848.

Perchè ricalcitrare aquella voglia.

DANTE.

Sonhemos, sim, sonhemos, pois qu'a vida  
Não é mais do qu'um sonho que se acaba  
Apenas nos abala qualquer choque ;  
Sonho de que se acorda em sobresalto,  
Se lisongeiro no momento anciado  
Em que, soffregos, doidos, acreditamos  
Nos labios derreter-se-nos o gozo  
    Que tanto desejavamos,  
Se negro, no momento em que no lúbrico  
    Despenho escorregando  
Julgamo-nos tombando.... lá... no inferno !

Oh! não quero pensar! se o caminho  
Sempre está enrançado de taquaras,  
Se á cada passo encontro morros ingremes,  
Em que meus olhos topam — para cima  
Barrancos que ninguem galgar podéra,  
—Para baixo gargantas tenebrosas,  
    Cujo fundo buscando  
    Tontêa-nos a vista, —  
Se cada refegão me impede o trilho  
Lançando-lhe em travez um tronco velho,  
Se qualquer tempestade com as aguas

Vem cavar caldeirões, em que me atólo,  
Porque inda pensar,  
E matar-me em cuidados tão inuteis?!

Seguirei sem queixar-me  
Este trilho difficil, escabroso!  
É o mais que é dado ao miseravel  
Proscripto sobre a terra.

Em quanto não me bate pela cara  
O galho pendurado,  
Em quanto o meu cavallo não tropeça  
Afocinhando.... irei  
Irei.... irei sonhando; no meu cerebro  
Fingindo um cosmorama,  
Em illusão ao menos olharei  
A imagem do paraíso.

Março de 1854.

---

Volea gridar: Dove, o crudel, me sola  
Lasci? . . . . .

Tasso.

Esta vista do mar que tão distante  
Lá vai... lá vai-se embora!...  
Sem saber-se onde acaba!...  
Sem se vêr se elle emenda-se c'o céo!...  
Esta vista endoidece,  
E tonteia a cabeça atordoada.

Assim é quem se atreve nesses pampas  
Descampados da duvida!  
Não tem onde pôr pé,  
Não tem onde fitar a vista incerta!  
Ai! de quem é assim!  
É o mais infeliz dos homens todos!

Dezembro de 1854.

---

Tombé de lassitude au bout de tous ses veur.

V. Hugo.

Dizes : « porque teus cantos são tristes ?  
« Nunca de tua lyra uma só nota  
« De ethereo arroubo ou alegria meiga  
    « Escapa docemente;  
« Teus labios contrahidos e tristonhos  
« Sabem só exhalar queixas e magoas,  
« Como quem se enfastia da existencia,  
    « E vive á chorar sempre  
« Tempo que já passou, e glorias mortas !  
« Como viuvo passaro que vaga  
    « Pelas sombras da matta  
« Sem consolo chorando a companheira.  
  
« Nunca da esperança a doce aragem  
« Um grato accento arranca-te da lyra;



« Os suspiros de amor jámais lh'agitam  
    « As cordas com ternura,  
« E esses gritos fortes d'entusiasmo,  
« Que como o som da tuba estrugem na alma,  
« Ignora-los parece a rouca lyra;  
    « A saudade é a musa  
« Unica, qu'ao pôr do sol, ao clarão pallido  
« Do crepusculo desce em nuvem parda,  
    « E aos olhos se te mostra  
« Como branco phantasma em cemiterio?! »

Se pintar se podesse a côr da aurora,  
Na tela desenhar-se a nuvem d'ouro  
Qu'acalenta no azul da tarde a briza,  
    E se a lyra imitasse  
O suspirar do corrego nas pedras,  
O cicio das folhas, e a doçura  
De um ai de nossa amada em nossos braços,  
    E se como echo ao menos  
Pudesse a voz humana em seu bramido  
Do trovão repetir o rouco estouro;  
    Minha lyra em queixumes  
Não se exhalára em vão sempre tristonha.

A lyra é da saudade, e não do gozo,  
Nem do doido entusiasmo, nem dos extasis.  
Quando um beijo de amor nos filtra n'alma  
    As delicias do Eden  
Ah! quem póde lembrar-se de mais nada?!  
Quem deixa de gozar e rompe o abraço  
Para dizer delicias, que se sentem  
    E que a voz não diz?  
Pódes deixar teu bem de lado

Para tomar a lyra ? nunca amaste,  
Nunca foste feliz ?  
Nunca provaste a taça das delicias ?

Tens contemplado o sol quando descamba  
Em seu carro de nuvens fulgurantes ?  
Que momento, Senhor! vai-se apagando  
A luz do dia aos poucos,  
E o pinheiro na encosta embalçando  
Os galhos, em um ar mais delicioso,  
A longa sombra estende até a vargem;  
Eu contemplo e escuto  
Os sons qu'o vento traz-me da baixada,  
E gozo, e estou mudo, e nada lembra-me !  
Ah ! tu podes cantar,  
Tomar a lyra ? ! misero, não gozas ? !

E ness'hora solemne em que rebôa  
A borrasca furiosa, e ronca o raio,  
E vê-se na floresta rugir doído  
O refegão varrendo  
Com a cinzenta cauda o morro escuro ?  
Olhas ! em um momento viste tudo,  
E vais tomar a lyra, e afina-la  
Pelo som do trovão !  
A voz omnipotente no ar soltas,  
Suffocando o rugir da tempestade !  
Ai ! eu não posso tanto;  
Quero só contemplar e extasiar-me.

Eis porque minha lyra só modula  
Queixumes de saudade ! foi-se o gozo;

Arida está minh'alma para a vida,  
    Como exausta de seiva !  
E como o pobre enfermo pela fresta  
Da janella espreitando o céu lá fóra,  
Sem poder mais gozar o seu ar livre,  
    Minh'alma se reporta  
Para os tempos passados e suspira;  
Minha lyra modulo; já não gozo !  
    Só resta-me cantar,  
Só resta-me chorar ao som da lyra !

Setembro de 1854.

---

**ADEOS A' POESIA.**

(DE LAMARTINE.)

Ha na vida momento de silencio,  
Em que até a voz do ermo cala-se,  
Em que tudo emmudece e jaz em somno,  
    Até mesmo a esperança;  
Em que nem aura leve freme e vaga  
    Da matta á sombra immovel.  
Assim ha tambem hora em que da lyra  
    Dormir parece a alma,  
Em que morre no seio do poeta

O halito harmonioso que fazia  
Estremecer-lhe as fibras  
Em divino delirio.

Oh ! sim ! nem sempre canta o passarinho  
No sombrio da matta;  
Escondido nas moitas da espessura,  
O mavioso cantor da rozea aurora,  
Do definhar do dia no crepusculo,  
Ao meio dia é mudo,  
Deixa o ermo viuvo de gorgeios.

Adeos, pois, minha lyra,  
Adeos ! chegou a hora  
De calar teus suspiros maviosos.  
É em vão que meus dedos  
Pelas sonóras fibras inda roçam-te,  
Devo dizer-te adeos.

Esta rebelde lagrima recebe,  
Qu'esconde-la não podem os meus olhos.  
Quantas ! quantas nas cordas não cahiram-te  
Qu'enxugar nunca pode  
De teus ais o anhelito !

Nesta terra infeliz,  
Onde todos os olhos vertem pranto,  
Não se nos deu a lyra  
Senão para prantear as nossãs dôres;  
É sempre coroada de cyprestes  
A lyra que modula mais sublime.

Tudo quanto tem voz e cantar sabe  
Só murmura desejos e lamentos;

Sim, da felicidade a corda é muda,  
Os cantos os mais doces do poeta  
E os da Philomela são suspiros.

Das venerandas mattas  
Á sombra, tu, ó lyra me seguiste,  
E dos doces folgedos exilada,  
Jámais a voz casaste com os cantos  
Dos felizes da terra.

Á sombra da mangueira na collina,  
Na areia da praia ao pé da rocha  
Que do furor das vagas escarnece,  
No campo desabrido ver-te-hiam;  
Nunca como captiva  
Amarrada nas portas dos palacios.

Jámais o bafo gelido  
Dos partidos roçou-te pelas cordas,  
Ora vindo d'um lado ora de outro.  
E em quanto não descri do amer celeste,  
Nas tuas castas cordas  
Castos suspiros só gemer se ouviram.

Onde quer que severo o meu destino  
A fronte me avergou ao jugo ferreo,  
Sempre minha alma achou por toda a parte  
Um echo do que dentro lhe gemia  
Sua celeste voz,  
Graças a ti achou a exilada  
Na terra, quem fallasse-lhe da patria.

Nos verdejantes morros,  
Donde o dia parece que desbrocha,

Para louvar aquelle á quem adoro  
Eras primeiro sempre do qu'a estrella  
Formosa da manhã,  
E da aurora o raio matutino  
Sempre depois de ti se despertava.

Ao rumor das cachoeiras tumultuosas,  
No meio da tormenta,  
Do refegão ás doidas rebanadas,  
Ao clarão dos relampagos  
Tu soltavas selvagens harmonias ,  
E como das tormentas  
O passaro rasavas pelas nuvens.

Aquella que meus olhos adoraram  
Como a fonte de luz,  
Que nelles entornava as suas ondas,  
Aquella que se foi como uma sombra,  
Como um som que fenece,  
Em tempos mais felizes tu cantaste,  
Parecia-me então que á teus suspiros  
Sua voz palpitante se casava,  
E que nas tranças d'ebano morria  
O meu halito molle  
Frizando-as docemente.

Algum dia talvez, ó lyra amada,  
Virás gemer debaixo de meus dedos;  
Para o futuro quando de divinos  
Sonhos acompanhada vir a morte,  
Na hora em que a vida já se apaga  
Bem como uma lembrança.  
Ness'outra juventude

Qu'um doce esquecimento traz á ideia,  
Muitas vezes o homem, de tristeza,  
Sobre ti se debruça, acaricia-te  
E lhe respondes tu gemendo branda.

Esse vento, qu'as córdas de nossa alma  
Agita e as faz soar,  
Sóe soprar ou na aurora ou muito tarde.  
Elle apraz-se em brincar fagueiramente  
Em cabellos que ata um verde myrtho  
Ou nas cãs d'um ancião.

Em vão gelada neve sombreava  
Do cantor grego a frente,  
E a luz do pensamento a luz do sol  
Aos olhos de Milton eclipsava;  
Volteavam ainda em torno delles  
O amor, a illusão, a esperança,  
Como o amante de Flora, o lindo insecto  
Cujas azas parecem  
Que brotam ao clarão da tarde baço.

Então talvez!... Porém antes que chegue  
A hora da tornada,  
Antes que amiga venhas visitar-me,  
De praia em praia atôa  
Fluctuando terei já perecido  
Longe dos meus bons céos qu'abandonei.

Estará encoberta á muito tempo  
Minha voz pelas vagas;  
Terão sido os meus ossos sepultados

D'alguma praia sob a areia fria,  
Como a alga qu'as ondas vão rolando.

Tu, lyra lamentosa, no entretanto  
Sobrenadando ás ondas marulhasas,  
Serás seguida ainda pelo bando  
    Dos invejosos cysnes,  
Que pasmarão olhando, sobre o abysmo  
    Do oceano encapellado,  
O traço harmonioso que deixaste.

Agosto de 1855.

---



## INDICE.

---

Aos LEITORES. . . . .	3
Dedicatoria . . . . .	27
Envoi. . . . .	31
Dorme em paz meu coração. . . . .	33
Chorar, esperar. . . . .	35
À ella. . . . .	37
Fogo . . . . .	38
Presago o coração bem m'ô predisse . . . . .	40
Diverte-te, menina, e aproveita. . . . .	42
Pelas ramas da matta o vento <del>passa</del> . . . . .	44
Gratidão. . . . .	45
Que sentes em teu peito quando á noite . . . . .	46
Minh'alma, bella menina. . . . .	48
Como se despencaram minhas crenças! . . . . .	50
Uma ideia. . . . .	51
Quem me dera. . . . .	52
Porque será que nunca satisfeito? . . . . .	54
Que m'importa qu'ô mundo diga — é doido? . . . . .	55
Meu pobre coração, não desanimas . . . . .	57
Conforto . . . . .	59
Desconsolo . . . . .	61
Que tristeza não é, passados tempos . . . . .	63
Estrella. . . . .	64
Porque choras assim, oh! pusillanime. . . . .	65
Como no decorrer dos annos tudo . . . . .	66
E' assim que se acabam sempre as festas . . . . .	68
Vazio. . . . .	70
Afan . . . . .	72
O que resta á esperar. . . . .	73
Conselho . . . . .	76
Estancias . . . . .	79
Mágoa. . . . .	82

À ella. . . . .	84
Porque tremes . . . . .	86
Supplica . . . . .	89
A alma solitaria. . . . .	92
Lagrimas . . . . .	99
Caricia. . . . .	103
À minha flôr. . . . .	104
Uma lembrança . . . . .	105
À * * * . . . . .	106
Almejo. . . . .	108
À ella. . . . .	109
Porque pedes qu' o tempo. . . . .	110
Threno. . . . .	112
Desejo . . . . .	116
Protectora d' aquelle que padece. . . . .	118
Minh' alma sympathisa com a noite . . . . .	120
No crepusculo . . . . .	121
Porque pedes, ó alma insaciavel. . . . .	122
Arrojo. . . . .	124
Se o corrego tranquillo derivasse. . . . .	126
Cantilena. . . . .	129
Se como dantes vissemos. . . . .	131
Que m' importa qu' a não vá desgarrada ? . . . . .	133
Ai ! . . . . .	136
Cantata. . . . .	139
Vivamos . . . . .	147
Sob os passos da noite já começam. . . . .	148
Frequentando as cidades pasmem outros . . . . .	149
Arpejo. . . . .	151
Invocação. . . . .	154
Devaneio. . . . .	158
Conhecer e crear eis a tendencia. . . . .	168
De sua humilde casa na chapada. . . . .	169
A experiencia. . . . .	171
Fé. . . . .	175
Porque me desespero ? um só sorriso. . . . .	176
Não é uma loucura amofinar-se. . . . .	177
Meia-noite ! luar qu' iguala o dia. . . . .	179
Oração della. . . . .	180
Desesperação. . . . .	182
Remorso. . . . .	185
Cantemos . . . . .	188
Rebrama, pensamento. . . . .	191
A gloria . . . . .	198

No morro da Carióca . . . . .	195
Prazer. . . . .	197
Sol claro e chuva . . . . .	199
Como recuperar a roza murcha. . . . .	201
Ao grande homem. . . . .	203
Já o mar está cavado. . . . .	204
Não, não, ó minha lyra, os teus accordes. . . . .	206
Queixa. . . . .	209
À ** . . . . .	210
Cansei de labutar na lida insana. . . . .	212
Quando murcha a flôr do campo. . . . .	214
Como é bello o zunir da ventania. . . . .	215
Se eu pudesse apanhar os pensamentos . . . . .	217
Os livros. . . . .	219
Emmudeceram do alaúde as cordas. . . . .	223
Como ahi esses morros. . . . .	225
Invocação á poesia. . . . .	226
Enthusiasmo . . . . .	234
Porque desacorçoar ? quando o seu dorso. . . . .	236
Não jámais vêr de perto o génio queiras. . . . .	238
Quem sou para queixar-me ? o matto humilde. . . . .	241
Quando nos meus ouvidos me gemeram. . . . .	243
À Lamartine. . . . .	246
Ouviste a gemebunda jury. . . . .	252
Quando meu pensamento ousado indaga. . . . .	253
Donde venho ? quem sou ? aonde vou ? . . . . .	255
Um raio de sol . . . . .	258
Qu'encanto tem o vêr-se as maravilhas . . . . .	259
O Papagaio . . . . .	260
À * * * * . . . . .	262
À lagrima. . . . .	264
Sonhemos, sim, sonhemos, pois qu'a vida. . . . .	274
Esta vista do mar que tão distante . . . . .	275
Dizes : porque teus cantos são tão tristes ? . . . . .	276
Adaos á poesia . . . . .	279

---

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO

Rua da Alfandega n. 210

## ERRATA.

### LEDE.

PAG.	LIN.
11	29 oh ! poetas, — em vez de — os poetas.
54	7 saciar, — em vez de — sociar.
69	15 murchos — em vez de — murchas.
84	11 ponto — em vez de — porto.
92	10 Aturdido — em vez de — Aduãrdido.
95	1 aurora — em vez de — ourora.
104	11 viço e cõr — em vez de — viço a cõr.
117	23 fibra — em vez de — vibra.
181	26 á todo — em vez de — á fodo.
229	17 Tocando a criação — em vez de — Tocando o coração.
»	18 A fazes palpitar.... — em vez de — O fazes palpitar.







